

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDO SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DOS GOIANOS: A DESTERRITORIALIZAÇÃO
GLOBALIZADA DO TRABALHO**

Uelinton Barbosa Rodrigues

Orientador: **Dr. Eguimar Felício Chaveiro**

Goiânia

2007

Uelinton Barbosa Rodrigues

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DOS GOIANOS: A DESTERRITORIALIZAÇÃO
GLOBALIZADA DO TRABALHO**

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pesquisa e Pós-
Graduação em Geografia do
Instituto de Estudos Sócio-
Ambientais da Universidade Federal
de Goiás, para a obtenção do título
de Mestre em Geografia.
Orientador: Prof. Dr. Eguimar
Felício Chaveiro.*

Goiânia
2007

Uelinton Barbosa Rodrigues

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DOS GOIANOS: A DESTERRITORIALIZAÇÃO
GLOBALIZADA DO TRABALHO**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção de grau de Mestre, aprovada em setembro de 2007, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Presidente da Banca

Prof. Dr. Nildo Silva Viana
Examinador Externo (UEG)

Prof. Dr. Manoel Calaça
Examinador Interno (IESA/UFG)

Aos meus irmãos, Lauro e Fernando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos meus amigos que compartilharam momentos de apreensão, angústia e alegria no decorrer dessa lida acadêmica, seja no efêmero, porém perene mergulhinho ou nas longas jornadas butecais. Sendo companheiro de todas as horas e circunstâncias os amigos - Cabelon, Animal, Nildo, Weder, Bira, Benjamim, Júlio, Paulinho, Silvio, Denis, Alexsander, Gilberteira, Antônio, Renateira, Michel, Sandro Cristiano, Ednei, Fabrício, entre outros que esqueci de mencionar.

Tratando de jornadas butecais, também não poderia deixar de agradecer a agradável companhia das meninas que tenho muito apreço e admiração – Valéria, Kaithy e Polyanne.

Agradeço meus amigos do Movimento Autogestionário, Nildo, Cleito, André, Edmilson Marques, Weder, Lisandro, Edmilson Borges, Santana, Vera, Angélica e Alessandra

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes – pela bolsa de estudos.

Agradeço ao Vila Nova F.C e a Torcida Esquadrão, por ter me proporcionado muitos momentos de raiva e decepção. Mas também por ter proporcionado momentos de alegria e descontração.

Agradeço aos professores da UEG de Minaçu, em especial a Margareth, Carlovan, José Carlos, Rodrigo, Leandro, Zildete e Claudinha que sempre foram compreensivos e solidários nos meus momentos mais difíceis.

Agradeço aos meus amigos do mestrado, Elaine, John, Renatinha, Marcela, Andrelisa, Diana, Diva, Eliete, Jean Molinari, José Braga, Júlio Cezar, Lidiane, Rodrigo, Lorena, Neiva, Regiane, Regina, Romero, Sérgio, Wildes e Marluce.

Agradeço minha namorada Rose por ter sido uma autêntica companheira durante todo esse período.

Não poderia de deixar de agradecer minha tia Lena pelos seus maravilhosos almoços, o que certamente me deixou mais preparado para o trabalho acadêmico. Sem deixar de agradecer meu tio Divino e meus primos Macclould e Mercdione que sempre foram solícitos para comigo.

Agradeço meus pais Wilmar e Valdecy. Meus irmãos, Lauro, Vanessa e Rodrigo.

Agradeço minha sobrinha Camila Pilunga, por ser fonte de alegria e descontração.

Agradeço todos os amigos da AGB-Goiânia, Calaça, Eguimar, Adriana, Ivonaldo, Alexander Cabelon, Weder, Denis, Robson, Joãozinho de Castro, Horieste, Luiza e todos não mencionados pelo que aprendi nesses últimos anos.

Agradeço especialmente o Eguimar, meu orientador, pessoa amiga e companheiro de todas as horas.

“Onde as contas bancárias são saudáveis, a xenofobia desaparece como um passe de mágica. Mas os estrangeiros são mais estrangeiros ainda se forem pobres”.

ENZENSBERGER

LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
RESUMO	12
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E OS DILEMAS DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES	19
1.1 – a migração internacional: sociedade e espaço em conflito	19
1.2 - Migração internacional e a mobilidade do trabalho: bases para compreender o território goiano capturado	36
1.3 - Captura do território goiano e a migração internacional	39
1.4 - Migração Internacional e Redes Sociais de Migrantes	44
CAPÍTULO II - MIGRAÇÃO, TRABALHO E RENDA NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE GOIÁS.	51
2.1 - O trabalho em Goiás na contemporaneidade: mercado e precarização	52
2.2 - Migrações dos Goianos: sentidos e contradições	59
2.3 - As migrações contemporâneas no contexto do Goiás globalizado	63
2.4 - O fluxo migratório e a configuração socioespacial de Goiás: Políticas Públicas, Infra-estrutura, produção e movimentação populacional	67

CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE MIGRANTES	83
DESTERRITORIALIZADOS	
3.1 – Conflitos sociais de goianos depois do Atlântico: a vida precarizada do migrante	83
3.2 – conflitos culturais da migração internacional	91
3.3 – The Book on the table: a palavra custosa que vale dinheiro	99
3.4- Morar é esconder amontoadamente	101
3.5 - Exploração do trabalho migrante	105
3.6 - Ocupações dos migrantes goianos no mercado de trabalho e as conexões com as redes de migrantes	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
BIBLIOGRAFIA	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa: Deslocamentos motivados por razões econômicas	25
Figura 2 – Mapa: População de exilados	26
Figura 3 – Foto: Cercas que dividem o México e Estados Unidos	29
Figura 4 – Foto: <i>Outdoor</i> com manifestação xenófoba	31
Figura 4 – Tabela: Total de ocupados e taxa de desemprego no Brasil e em Goiás 2000	55
Figura 5 - Tabela: Emprego formal por região – Goiás -1990/2000	
Figura 6 – Tabela: Estado de Goiás, Centro-Oeste: Salário médio dos empregados admitidos 1998-04.	58
Figura 7 – Mapa: Rota Internacional do tráfico de seres humanos - TSH	61
Figura 8 – Mapa: Pessoas não naturais de Goiás por microrregiões – censo 2000	68
Figura 9 - Tabela: Geração de empregos por município da RMG 1997-2004	70
Figura 10 – Tabela: Dez Primeiros Municípios do Ranking da Produção de Grãos e do Rebanho de Gado em Goiás	72
Figura 11 – Tabela: 10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO RURAL (2000 - 2003)	75
Figura 12 – Tabela: 10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO INDUSTRIAL (2000 - 2003)	76
Figura 13 - Tabela: 10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO - COMÉRCIO E SERVIÇOS (2000 - 2003)	76
Figura 14 – Mapa: 10 municípios goianos de maior geração de emprego pelo FCO – comércio e serviços – 2000-2003	78
Figura 15 – Mapa: 10 municípios goianos de maior geração de emprego pelo FCO – rural – 2000-2003	79
Figura 16 – Mapa: 10 municípios goianos de maior geração de emprego pelo FCO – industrial - 2000-2003	80
Figura 17 – Mapa: 20 melhores municípios goianos em geração de emprego pelo Banco do Povo - 1999-2006	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da Imigração	28
Gráfico 2 - Migrantes que sofreram alguma forma de preconceito e/ou discriminação.	34
Gráfico 3 – População de Goiás segundo local de residência – 1950/2000	53
Gráfico 4 – Emprego formal em Goiás segundo região	56
Gráfico 5 - Estado de Goiás: população ocupada por classe de rendimento - 2004	58
Gráfico 6 – Jornada de trabalho do migrante goiano	86
Gráfico 7 – Quantidade de empregos dos migrantes goianos	106
Gráfico 8 – Principal motivo para migrar segundo sexo	108
Gráfico 9 – Primeira ocupação desempenhada – homem	110
Gráfico 10 – Primeira ocupação desempenhada – mulher	111
Gráfico 11 – Primeira viagem de migração	112
Gráfico 12 – Fontes de recursos financeiros para a primeira viagem	113
Gráfico 13 – Quem o migrante conhecia na Europa / EUA na data da primeira viagem	114
Gráfico 15 – Como conseguiu o primeiro emprego	115

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. **Migração internacional dos goianos: a desterritorialização globalizada do trabalho.** 2007. 127p. Dissertação (Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

A migração de goianos para os países desenvolvidos, especialmente para os Estados Unidos e países Europeus, é o objeto central do trabalho. Buscou-se compreender, a partir da categoria trabalho e das redes sociais de migrantes, as nuances envolvidas na trama migratória. A ponte entre trabalho e redes sociais de migrantes permeia a análise que, embora considerando o fenômeno numa perspectiva totalizante, considerou as particularidades espaciais do goiano. A interpretação do processo migratório, a partir da captura do território goiano e das representações narradas pelo próprio migrante, são elementos fundamentais do trabalho, bem como as conseqüentes contradições que derivam do ato de migrar. O trabalho operou com dados, documentos, fotografias e também com fontes qualitativas que permitiram sintetizar que a migração do goiano para os países desenvolvidos revela Goiás, o mundo e os dramas sociais advindos de uma sociedade capitalista exploradora.

PALAVRAS CHAVES: migração internacional; desterritorialização do trabalho; contradições sociais

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. **Goiano's International Migration: Globalization Desterritoriality of the Work**. 2007. 127p. Dissertation (Program of Research & Powders-Graduation in Geography) - Institute of Studies Partner-Environmental, University Federal of Goiás, Goiânia, 2007.

Goiano's migration to the developed countries, especially for the United States and European countries is the central object of the work. One searched to understand, from the category work and of the social nets of migrantes, the involved nuances in the migratory tram. The bridge between work and social nets of migrantes pack the analysis that, even so considering the phenomenon in a totalized perspective, considered the goiano's space particularities. The interpretation of the migratory process, from the capture of the goiano territory and the representations told for the proper migrante is basic elements of the work, as well as the consequent contradictions that derive from the act of migrar. The work operated with data, documents, photographs and also with qualitative sources that had allowed to synthechize that the goiano's migration for the developed countries discloses Goiás, the world and the happened social dramas of a exploring capitalist society.

KEY-WORDS: International Migration; Desterritoriality of the Work; Social Contradictions.

INTRODUÇÃO

A partir da situação de pesquisa, ao modo da pesquisa qualitativa, postávamos junto com o orientador, diante de uma imensa família que aguardava o retorno forçado em forma de expatriamento de um ente da família que se havia migrado para Londres (Inglaterra). Diante do clima festivo e ao mesmo tempo de dor do evento, uma parte dos integrantes da família tinha saído da Cidade Jardim – Goiânia – para buscar o parente migrante no aeroporto, e a outra parte – a maior – preparava o grande almoço de recepção.

Especialmente a avó, a mãe e o pai e alguns tios participavam do fato em tom festivo; os mais jovens, as irmãs e os primos julgavam que o expatriamento que ocasionou a volta repentina do migrante, com “bolsa e bolso vazios”, era um sinal de fracasso realizado e de fracasso premeditado para esses que desejavam seguir o mesmo caminho em forma de “Redes de Migrantes”.

Desejávamos conhecer os liames e as razões daquela trajetória socioespacial de Goiânia a Londres. Estávamos imbuídos de ver no fato o contexto de inserção do território goiano no mundo globalizado. Queríamos que a conversa seguisse um roteiro livre servindo-se da metodologia “Roda de Prosa”. Diante disso, começamos a conversar com os pais sobre o seu sentimento. Em tom alegre, a síntese veio rápida: “nóis não quiria que ele fosse, não, mas cumé, tem que ganhá dinheiro, tem que trabaiá, aqui o emprego ta custoso...”.

Nesse momento anotamos duas palavras nucleadoras do discurso dos pais sobre o filho migrante: trabalho e sobrevivência. Essas duas palavras, extraídas da Roda de Prosa, se uniriam a dois aspectos importantes no estudo das migrações internacionais: o que se denomina de mundo sem fronteira para o capital e o que se denomina de desterritorialização mundial do trabalho.

Queríamos saber mais. Perguntamos a mãe se o filho dela tinha ganhado um “dinheirim”. Ela, sorrindo, disse que os dois anos que “ficou longe da família” não tinha dado nem para pagar as contas”. Com respeito, perguntei se o salário dele era bom. Antes de falar do salário, ela já foi predicando as condições de trabalho do filho, afirmando que ela ia chegar doente porque em casa dormia com temperatura a 22 graus e saía para entregar pizza a 2 graus negativos. O seu discurso foi enfático: “ele trouxe foi doença para a casa”.

A sua narrativa apressada colocava outro aspecto nos estudos das migrações internacionais: as condições de trabalho dos migrantes de origem dos países pobres, especialmente os que segundo a mãe, “ganham pouco porque não sabem o inglês”. Mais que as condições de trabalho, estava esboçada também a relação entre trabalho e vida, ou trabalho e cotidiano no país para qual migrou.

Poderíamos aprender com o fato de que o migrante trabalhador do país pobre no país rico é obrigado a se deparar com outros elementos do espaço, como o clima, com a cultura, com o aparato tecnológico e principalmente com as condições próprias de um trabalhador ilegal.

A mãe “pegou carona” na predicação da situação de trabalho e desferiu o que ela chamou de “muita humilhação”: “Os mininos daqui vão entregá pizza, os adolescentes ingleses sabe que eles são ilegais e tomam a pizza deles, jogam fora. É muita humilhação”. O primo mais velho, sorrindo, ouve a conversa e diz: “se fosse eu, pegava aqueles branquelos e dava uma surra neles”. Todos rimos diante do que não merece nenhum riso. E anotávamos como sugestão outro apontamento: há no trabalho do migrante ilegal novos conflitos que tocam o sentido mais abrangente da ética humana.

Aproximamos da avó do migrante expatriado já bastante motivado com a prosa. Falamos da pesquisa afirmando que era apenas uma prosa. Antes de sugerir uma pauta, ela

já foi falando que “tem 72 anos para o 73 e não que nunca ir nesse país frio, quer morrê é aqui memo”.

Sob a interpelação nossa para ela dizer o que estava sentindo, ela falou que

“não era contra, não. As pessoas novas têm que procurá trabalho, a vida aqui é dura, sem dinheiro não faz nada”. Ela disse “que hoje as coisas ta boa para comunicá, ela falava com o neto todo mês. Era bom ouvir a sua voz, sabê de sua saúde, mas sabia que ele não falava a verdade”.

Quando ela disse isso, puxamos o assunto em forma de indagação: “ele mente?”.

Sabendo de que a pergunta serviria para investigar o modo como o migrante esconde as dificuldades que passa, especialmente produzindo uma imagem positiva da migração defendendo, ao mesmo tempo uma imagem positiva para si mesmo e para a sua aventura, deixou que o assunto fosse mais investigado em outras entrevistas.

Mas descobriu-se que a defesa ideológica da migração por parte de quem “foi” é uma estratégia de justificativa de uma ideologia burguesa: ao não assumir que não ganhou o dinheiro que sonhava e pretendia, ao negligenciar as condições de vida, de trabalho, de moradia, a precarização do lazer de que se nutriu no país capitalista desenvolvido, está se colocando frente a ideologia burguesa de assumir que o sentido da vida está na vitória no mundo do capital.

Isso veio a se confirmar com a conversa que tivemos com o migrante expatriado. Todo sorridente, abraçando todo mundo, com um breve ar de desconfiança nos disse que “a experiência foi muito boa, mas que infelizmente não arrumou nenhuma namorada nem deu tempo de fazer as coisas que queria”.

Interpretamos que ao justificar “um sentido de fracasso” pela via do expatriamento não queria enfrentar, pela via de sua interpretação do fenômeno que era sujeito, as contradições sobre as quais o migrante se vê enredado e as migrações internacionais se descortinam.

Marcamos uma nova conversa. Dissemos que ele deveria festejar, matar a saudade e descansar. Daí ele se animou, disse que “tinha visto coisas demais e que tinha até dificuldade de lembrar de tudo”. E foi logo julgando que “havia coisas boas e coisas ruins e que aprendeu muito da vida”.

Com essa “deixa” perguntamos se ele sofreu muito de saudade. Nesse momento, ele suspirou e disse que a namorada ficou para trás e que ia, mas não deu certo, “não tinha arrumado as condições e que a saudade era enorme, sentia falta também de jogar bola, beber com os amigos, de pescar”, e sintetizou “que lá não era livre”.

Essa síntese nos pareceu que tinha dois ângulos: morar de maneira clandestina em outro país impõe quase uma prisão iminente e desconhecer os códigos e os signos culturais de um país cria um estranhamento que também se torna uma prisão. Sob um perigo ameaçador, vimos que a migração cria uma subjetividade própria, especialmente o estresse e a tensão contínuos.

Além da subjetividade, da questão do mundo do trabalho na sociedade globalizada, da ilegalidade, da clandestinidade, da rentabilidade, das condições de vida, da ideologia, da imagem, da relação entre família, migração e afeto, da xenofobia, da covardia de quem sabe que o Outro não pode reagir diante de sua ira patriótica, estava sendo revelado para nós um pressuposto fundamental de nossa pesquisa: mais importante que mapear os trajetos dos migrantes internacionais colocando o território goiano como o segundo da federação nacional em envio de trabalhadores para os países desenvolvidos, especialmente para a Europa ocidental e para os Eua, o tema complexo, cheio de nuances sociais, nos davam uma oportunidade para fazer uma leitura da sociedade capitalista contemporânea, de suas contradições, de seus conflitos e do modo como ela se territorializa.

Além de municiar a definição do objetivo de nossa pesquisa exigia de nós uma certa “malandragem metodológica” (Pelbart, 2003), pois tínhamos que entrar na sutileza do

fenômeno para conhecer a sua profundidade. Tínhamos ainda um desafio: como desenvolver um trabalho que não ficasse apenas na prisão dos números e não fosse tão-somente uma narrativa desamparada de conceito e de uma interpretação teórica?

Estávamos também imbuídos de uma preocupação: não cairmos na lei da pressão institucional que governa a elaboração da pesquisa acadêmica no formato da pós-graduação. Estaríamos de acordo com Santos (1996) de que deveríamos ter maiores ambições políticas e filosóficas ao tratar o assunto.

Isso nos levou a seguir as reflexões de Calaça e Chaveiro (2002) de que “as análises de Goiás deveriam ser mais totalizantes e de que a grande quantidade de trabalho feito em geografia pode não estar dando conta de ver as transformações de Goiás”. Esse pressuposto ligado ao conjunto de variáveis que envolvem o fenômeno da migração internacional esboçaria a temática da nossa pesquisa, a sua estrutura e o método.

Isso nos motivou então a perguntar inicialmente: como este fenômeno é representado pela pesquisa atual? De que maneira pode-se analisá-lo de acordo com as transformações socioespaciais de Goiás na relação com o capitalismo globalizado? Como agem as redes sociais de migrantes no território goiano? Como o sistema capitalista utiliza da condição de ilegalidade para intensificar a exploração do trabalho migrante? Quais as estratégias de sobrevivência e sociabilidade dos migrantes goianos nos países desenvolvidos? A essas e a outras indagações que procuraremos responder no desenvolvimento da presente pesquisa.

A estrutura dos capítulos no texto que segue foi desenvolvida baseada nessa problematização e seguiu os pressupostos enunciados. O que se verá decorre, também, da contribuição que veio da qualificação. E do que a pesquisa motivou.

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E OS DILEMAS DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES

Qual é a essência do processo migratório, em nível internacional, no atual período? Pode-se falar em essência em se tratando de um fenômeno que envolve a economia, a política, a cultura, a ética, o campo jurídico, a subjetividade, o cotidiano?

Este capítulo tratará de refletir os elementos centrais que explicam o sentido histórico e espacial da migração internacional. As reflexões que serão desenvolvidas, ao estabelecer que a migração internacional é um fenômeno histórico e social que, portanto, possui ligação efetiva com o espaço, considera que há determinações fundamentais que ajudam a explicá-lo.

1.1 – a migração internacional: sociedade e espaço em conflito

As migrações contemporâneas têm tornado objeto de estudos de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento e igualmente abordadas pelos mais diversos olhares. Têm-se estudos antropológicos, sociológicos, geográficos, historiográficos, lingüísticos, entre outros. Há abordagens que passam desde a análise da mobilidade do capital até a interculturalidade e territorialidade dos grupos migrantes. A nossa contribuição será a de compreender o processo de migração dos goianos para os países desenvolvidos e seus desdobramentos sócio-territoriais pela categoria trabalho.

Um problema se evidencia na pesquisa: quais são os motivos de o capital tentar ter livre circulação e criar barreiras para o trabalho? E ainda: por que o trabalho se desterritorializa embora haja a tentativa de se criar muros para a sua circulação?

De imediato encontraremos várias dificuldades para compreender o significado das migrações contemporâneas e suas tipologias. Segundo (Peliano, 1990) alguns estudos entendem as migrações como fenômenos próprios de decisões individuais, de acordo com as características dos migrantes (sexo, idade, nível educacional, raça, etc.). Outros reconhecem parcialmente o papel desempenhado pelas condições econômicas sobre os movimentos migratórios, mas o incorpora igualmente no âmbito das decisões dos migrantes. Ao se pensar assim, estabelece uma modalidade liberal de pensá-lo, pois fundamenta-se na idéia de que os sujeitos possuem liberdade de agir de acordo com a sua consciência e competência individual.

Ambos os grupos privilegiam as decisões individuais como ‘causas’ das migrações, enquanto decisões ‘soberanas, conscientes e livres’. Poucas são as abordagens (Peliano, 1990) que percebem que as condições econômicas juntamente com as redes sociais são as reais motivações dos movimentos populacionais. Admitem que, antes de o migrante tomar a decisão final de mudar de lugar, as dificuldades que têm de encontrar trabalho são as razões determinantes de sua iniciativa. Ou seja, ao invés de pensar o processo pela iniciativa da consciência, o coloca como determinação material da existência, portanto, possui um sentido histórico.

Analisaremos a migração internacional dos goianos sob a perspectiva da estrutura econômica da sociedade, que estabelece as condições e as oportunidades de trabalho. A ‘desterritorialização globalizada do trabalho’ é o ponto de partida de nossa análise, pois são as relações de trabalho, estabelecidas pelo processo social de produção que determinam à

existência de trabalho e, portanto, a distribuição espacial (territorial) das atividades de trabalho.

Peliano (1990) diz que para destacar a categoria migrações e entendê-la articuladamente com a evolução social, deve iniciar a ação argumentativa pela análise do trabalho. A seguir da força de trabalho, depois do capital, e finalmente da acumulação de trabalho e mobilidade do capital. E podemos acrescentar: o fenômeno engloba também ideologias, desejos, afetos etc.

Se as migrações dos goianos para os países desenvolvidos ocorrem porque se alteram substancialmente as condições de trabalho e, portanto de sobrevivência, estas devem ser estudadas para se saber o por quê. Para tanto começaremos o estudo pela categoria trabalho sob a perspectiva histórica. Estamos de acordo com o que se tornou um recurso de estratégia discursiva: “o homem não migra. Quem migra é o trabalho. Mas o trabalho é condição social da humanidade dos seres humanos”.

Neste sentido, Peliano (1990) diz que as migrações são caracterizadas necessariamente como desdobramentos espaciais do processo social do trabalho, enquanto, e somente assim, manifestações da mobilidade da força social do trabalho diante de situações temporais definidas. Segue daí que as migrações não são apenas fluxos e sentidos dos deslocamentos populacionais ou sequer resultado de aparentes fatores determinantes, mas fundamentalmente distribuição espacial da força de trabalho, de acordo com as determinações gerais e específicas da produção espacial do trabalho, a partir de situação social historicamente estabelecida.

No bojo dessa compreensão, a análise da migração internacional impõe saber como capital e trabalho se efetivam no contexto das contradições do capitalismo globalizado. As transformações históricas ocorridas nas formas de apropriação do trabalho e em suas

condições respectivas de realização engendraram certamente modificações na dinâmica da distribuição territorial do trabalho.

Se em nível individual, conforme Peliano (1990) as migrações exprimem a necessidade de re-estabelecimento da unidade natural rompida em termos de subsistência física, em nível social expressam o resultado da manutenção da gradativa separação do trabalho de suas condições de realização em termos de sobrevivência orgânica do sistema econômico historicamente desenvolvido.

Assim, (Peliano, 1990) ensina que se as migrações podem ser entendidas como deslocamentos de trabalhadores no espaço territorial por razões econômicas, deslocamentos estes determinados pelo rompimento territorial anteriores e procura de restabelecimento de posteriores condições objetivas de trabalho, logo as alterações ocorridas nas relações de produção condicionam, em geral, as migrações e especificamente sua dinâmica territorialmente manifesta.

E é lógico que esse processo se desdobra em todos os outros setores sociais que envolvem a construção da vida dos indivíduos num tempo determinado. Essa constatação abre uma frente para se compreender dois elementos: a dimensão espacial da migração que demonstra que, por exemplo, os lugares participam de maneira diferenciada do processo; e a dimensão histórica que testemunha que em diferentes períodos históricos o fenômeno tem causas, condicionantes e fatores próprios.

Comprendemos conforme Santos (1985), que os fatores determinantes dos movimentos migratórios, só podem ser compreendidos, através do estudo das interações, pois dessa forma recuperaremos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social.

Para tanto, devemos levar em consideração que além da variável econômica, no processo de compreensão dos processos migratórios, devemos levar em consideração os valores, a cultura, e a idade de cada migrante e outras variáveis que se conectam com essas. Mas não podemos deixar de registrar que esses valores são socialmente estabelecidos dentro de um modo de produção capitalista. E que, portanto, no jogo das determinações há as que presidem outras.

Santos (1985) acrescenta e diz que ao longo da história toda qualquer variável se encontra em evolução constante. Por exemplo, a variável demográfica está sujeita a evolução e mesmo à grandes transformações. Se considerarmos a realidade demográfica sob o aspecto do crescimento natural ou das migrações, a cada momento da história suas condições respectivas variam. Assim, no curso da história humana contam-se diversas “revoluções demográficas”, cada qual com um significado diferente. Da mesma maneira, os tipos e formas de migrações variam, assim como os respectivos significados sociais.

Podemos, então, considerar que as migrações internacionais dos goianos representam hoje uma verdadeira mudança demográfica no território goiano. Todavia, as próprias migrações possuem razões econômicas e sociais que a constituem. Isso nos leva a sintetizar que o fenômeno é produto e produtor de situações territoriais.

Analisando as relações de trabalho no modo de produção capitalista, Peliano (1990) diz que o capitalismo, de um lado, ao separar o trabalho de suas condições de realização - pois tornam propriedades de alguns - gera historicamente os contínuos e específicos fluxos migratórios em busca de recomposição de novas condições de trabalho.

De outro lado, ao separar o trabalho necessário e o trabalho excedente, pois vital à perpetuação do capital, gera progressivamente trabalhadores excedentes ao processo imediato de produção e, em consequência, produz igualmente novos migrantes. Quase está dito: a situação que cria desempregados ao mesmo tempo potencializa a criação de

migrantes. Sendo assim, pode ser dito: o lugar é o território da existência desde que, socialmente, é capaz de satisfazer os anseios para os indivíduos existirem.

Nessa perspectiva, sob o capitalismo, ou a partir da evolução das formações econômicas no caminho capitalista, ocorrem o aumento e a intensidade dos fluxos migratórios no espaço econômico das sociedades capitalistas. Como podemos observar nos (mapas 01 e 02) que tratam respectivamente dos deslocamentos motivados por razões econômicas e da população de exilados.

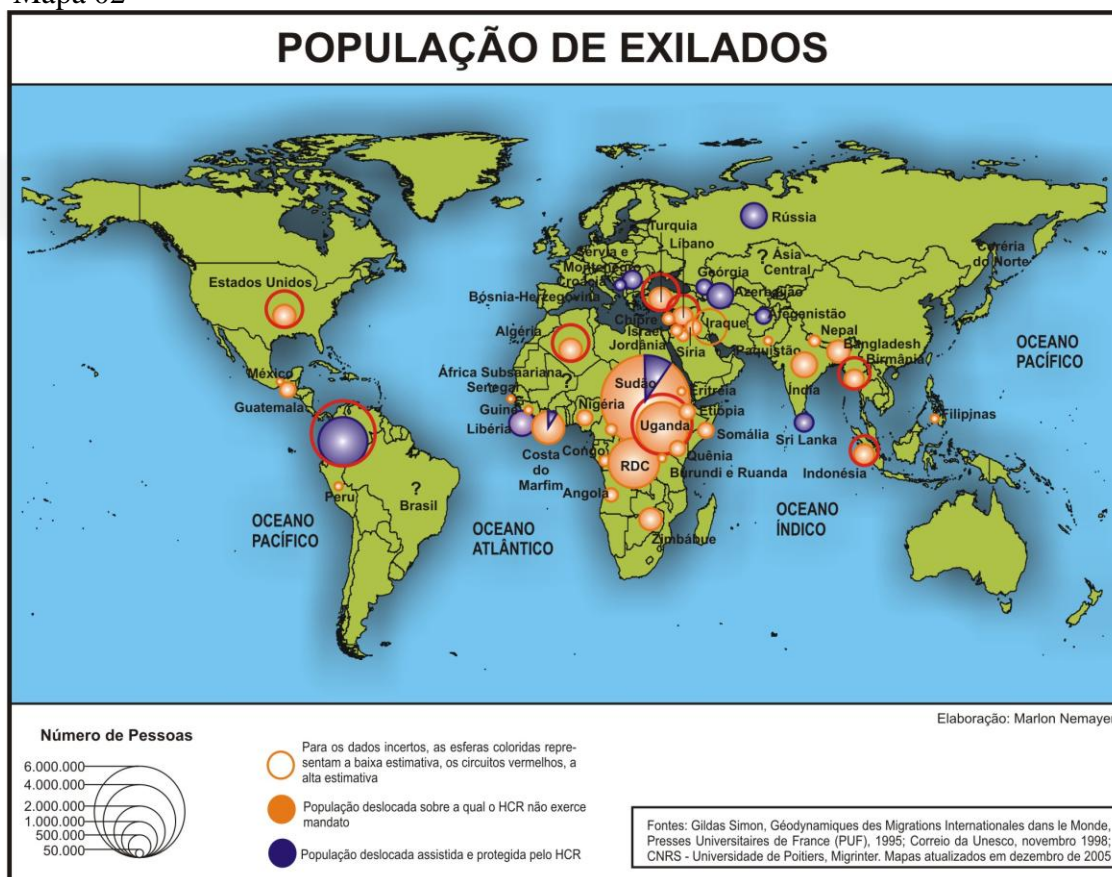
Assim, as migrações, enquanto deslocamentos de população no espaço, ao se tornarem deslocamentos determinados (provocados) de população, que se intensificam e aceleram no capitalismo, passam a ser, então, produtos necessários à forma capitalista de produção. O que está em questão de um lado, é a afirmação da economia capitalista e de outro lado, a luta pela sobrevivência do trabalhador. Como o processo é balizado historicamente, as migrações internacionais são o dado real dessa contradição entre capital e trabalho no jogo territorial de uma sociedade globalizada.

Mapa 01



Fonte: Revista Discutindo Geografia ano 3 n°15

Mapa 02



Fonte: Revista Discutindo Geografia ano 3 n°15

Isso pode ser empiricizado em nossa pesquisa: se a captura do território goiano pelo sistema capitalista na sua forma mais acabada que é a mundialização do capital e a acumulação flexível, de um lado, se apossa generalizadamente das condições e dos produtos do trabalho, de outro lado não absorve totalmente os trabalhadores disponíveis no território goiano. Estamos perguntando: o que há na lógica de uso econômico de Goiás que faz emergir a situação de migração internacional no grau em que se vê?

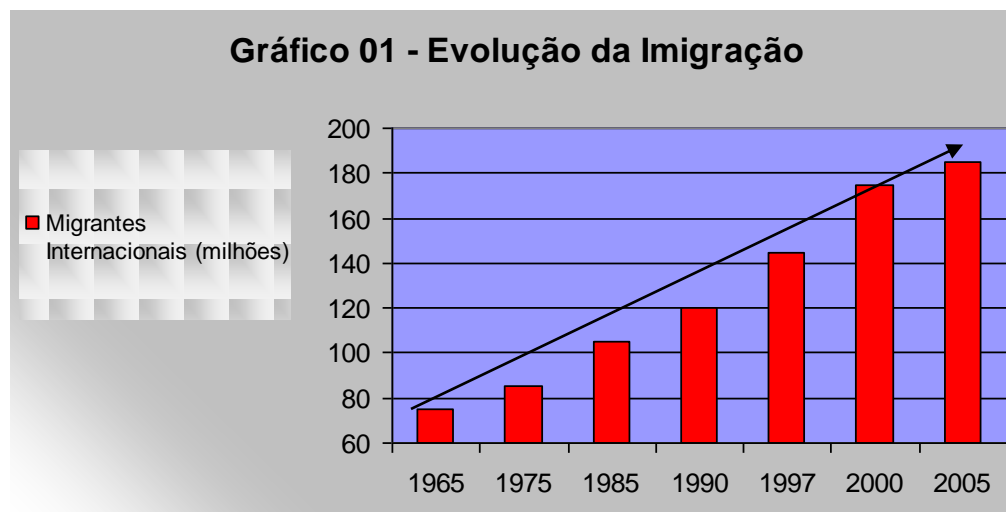
Com o desenvolvimento das forças produtivas, descarta-se progressivamente a força de trabalho em ação, gerando desemprego e migrações. Assim, para (Peliano, 1990) as migrações são produtos do capitalismo enquanto representam deslocamentos de trabalhadores necessários à absorção produtiva pelo sistema, ou enquanto representem deslocamentos de trabalhadores excedentes a engrossarem a superpopulação relativa.

Dessa forma, intensificando o aumento dos fluxos migratórios para os países industrializados ricos com a maioria dos migrantes tendo origem os países em desenvolvimento, afirma que na essência do fenômeno se encontra a divisão internacional do trabalho.

E se há uma repulsa dos países ricos ao mesmo tempo em que há uma necessidade do migrante, as migrações internacionais aparecem como produtos contraditórios da divisão internacional do trabalho situado nas condições territoriais de Goiás, capturado pela globalização.

Segundo relatório da ONU *in*: Branco (2007) elaborado em 2000, a União Européia com uma população atual de 380 milhões de pessoas, precisaria receber até 159 milhões de imigrantes até 2025 para compensar o aumento do número de aposentados e o fraco índice de natalidade. Esse mesmo estudo relata que, entre 1999 e 2000, os estrangeiros foram responsáveis por 89% do crescimento demográfico no continente europeu. Sem eles a população teria declinado em 4,4 milhões de indivíduos. Vê-se que está provada a tese: as migrações são necessárias, mas contraditórias.

Em outro relatório, o Banco Mundial, (1995), afirma que na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos, os fluxos procedentes dos países em desenvolvimento cresceram lentamente e atingiram cerca de 900 000 por ano em 1993. No gráfico 01, podemos acompanhar a evolução das migrações internacionais no período da década de 1960 até os dias atuais. Nesse período, o que se vê é um aumento sem precedente dos fluxos migratórios. Saindo de 60 milhões na década de 1960, e dobrando esses números em menos de meio século, chegando aos atuais 180 milhões.



Fonte: Revista Discutindo Geografia ano 3 n°15

Na Europa Ocidental o recrutamento de mão-de-obra em grande escala começou durante a década de 1960 e teve seu apogeu entre o final da década de 1980 e início da década de 1990. Para (Branco, 2007) a maior parte dos migrantes na Europa são procedentes de nações subdesenvolvidas da África, Ásia e América. Sendo que a partir dos anos de 1990 aumentaram de forma significativa as correntes migratórias dentro do próprio continente.

Ao contrário da década de 1960, esta última explosão de crescimento vem ocorrendo num ambiente de crescente desemprego que está exacerbando as tensões sociais e fomentando a xenofobia, tanto nos Estados Unidos como em toda Europa. Exemplo disso foram as recentes manifestações de jovens migrantes na França contra a exclusão social e desemprego no referido país.

Devido a todos esses ambientes de tensões sociais, desempregos e ideologias xenófobas, as migrações internacionais continuam muito mais explosivas em termos políticos do que os fluxos de comércio internacional e de capital. Nos países desenvolvidos, aumentou acentuadamente a oposição do público aos migrantes,

exacerbada por dificuldades internas de emprego, não necessariamente causada por migrantes.

Conforme podemos observar na foto abaixo, as idéias e manifestações xenóforas vêm aumentando de forma acentuada nos países desenvolvidos. As paisagens reveladas mostram o muro da vergonha que está sendo construído na divisa entre os Estados Unidos e o México.



As cercas múltiplas separando os Estados Unidos e o México, em San Diego, na Califórnia.

Muitos migrantes goianos vão em busca de melhores condições de vida nos países desenvolvidos. Longe de serem aprendidos como agentes do progresso, tal qual o foram no passado, esses novos migrantes tendem a ser caracterizados como perigo em potencial, ameaçando o status alcançado.

Dessa forma, COGO (2006), diz que o migrante indesejado, que volta a ser notícia na agenda jornalística, para além dos contornos do crime ou subversão, passa a ser o migrante pobre, visto como concorrente no mercado de trabalho e que gera ônus para o Estado que o acolhe.

Considerados os movimentos migratórios internacionais em sua causalidade histórica e empiricizados conforme situações territoriais concretas, muitas são as abordagens que podem ser feitas. No conjunto de perplexidades que se colocam neste início de século, o retorno de políticas migratórias restritivas e processos de estranhamento e discriminação ao estrangeiro, principalmente ao estrangeiro pobre, são fenômenos que merecem atenção, razão pela qual iremos fazer uma análise da migração e a estabelecermos uma leitura das ideologias xenófobas.

O tempo presente conhece uma oposição básica entre a quebra de barreiras à livre circulação de produtos, capitais e bens culturais e restrições profundas à livre circulação de trabalhadores. Estes, quando migram, tendem a sofrer, por toda parte, processo de discriminação e rejeição.

Romper fronteiras para o capital que estimula o desemprego estrutural e criar barreiras para o trabalho que age para produzir a sobrevivência são traços essenciais da trama migratória. A xenofobia, o preconceito, a luta política a favor dos migrantes, as bandeiras que protestam contra a migração são, assim, expressões políticas e ideológicas que respondem pelo modo como os grupos se situam diante do capitalismo mundializado.

Em todos os países que recebem migrantes existem resistência e xenofobia. Essa análise é feita, inclusive pelo Banco Mundial

“Nem todos sairão ganhando: os trabalhadores não especializados dos países anfitriões são os mais propensos a sofrer quando migrantes tomam seus empregos ou quando os salários diminuem e, como acontece com os movimentos de capital, o aumento da mobilidade – neste caso, dos trabalhadores mais qualificados – tende a premiar o sucesso, mas a punir severamente os fracassos da política interna” (Banco Mundial, 1995).

Conforme podemos visualizar na foto abaixo, temos um exemplo claro de manifestação e atitude xenófoba, onde se vê um *outdoor* contendo frase xenófoba, imperando a defesa do nacionalismo fascista e ultranacionalista. “*Basta de imigração: nacionalismo é solução*”. E ao lado um *outdoor*, há a presença de um grupo de esquerda que defende os migrantes e combate as formas contemporâneas de preconceitos e nacionalismos xenófobos.



Foto: João Bernardo 2007

Diante do aumento da aversão ao migrante exposto acima, iremos levantar alguns questionamentos que definimos como pertinentes para, daí, podermos desmistificar várias ideologias criadas para justificar a exploração capitalista da força de trabalho migrante. Os migrantes tiram empregos dos trabalhadores nativos e contribuem para as desigualdades salariais? Representam eles um ônus financeiro para os orçamentos governamentais?

Para tentarmos responder essas perguntas, nos remeteremos a uma análise de (Gaudemar, 1977), que diz que os migrantes estrangeiros inserem nos poros menos

produtivos da economia de acolhimento, o que imediatamente indica o absurdo das teses que pretendem explicar que a migração pode provocar o desemprego “dos nacionais”.

Pelo contrário, fica cada vez mais evidente a existência de um mercado de trabalho específico que completa assim a constelação já existente dos diferentes mercados de trabalho, prolongando a destruição do mito secular de um mercado de trabalho homogêneo. Pode se dizer que se há uma diferenciação do mercado de trabalho entre os países, há, também, nas funções de trabalho que são exercidas no interior de um mesmo país.

Portanto, de acordo com Gaudemar (1977), já não se trata da dificuldade de tratar os problemas da eventual concorrência das forças de trabalho nacional e estrangeira no mercado de trabalho, de tal modo é evidente que nenhuma concorrência, mesmo em período de crise, é detectável.

Sob o ponto de vista do efeito das migrações no mercado de trabalho, existe uma hipótese simplista que é necessária refutar. A migração estrangeira não é um reservatório a que está ligado o conjunto do mercado de trabalho e que, portanto sofreria com as suas variações, mas apenas uma parte isolada deste mercado, no fim das contas relativamente rígido.

Sobre as manifestações xenófobas e racistas ocorridas nos países receptores de migrantes podemos analisá-las sob a perspectiva do inimigo imaginário. Para (Viana, 2001),

“a invenção de um inimigo imaginário “é uma forma de deslocar o conflito de classe para um conflito nacional, racial, religioso, etc. O inimigo real (a classe dominante) cria sua ausência e, ao mesmo tempo, a presença de um inimigo imaginário (por exemplo, os migrantes). A invenção de um inimigo imaginário estrangeiro tem como objetivo criar ou fortalecer a identidade nacional, mas somente porque ela esta dilacerada internamente pelos seus conflitos de classes, ou seja, busca-se transformar a contradição interna em externa e com isso aboli-la”.

Para o mesmo autor “os inimigos imaginários” potenciais são aqueles grupos diferenciados já existentes na sociedade. Esses podem ser os negros, os estrangeiros, os

judeus, os comunistas, etc. Portanto, a luta de classes no capitalismo engendra, através da ação da burguesia, a reprodução do racismo por quatro motivos fundamentais, a saber:

a) a classe dominante busca, em sua luta contra o proletariado, dividir a classe trabalhadora jogando uma parte contra a outra, utilizando-se de suas diferenciações e, entre estas, a diferenciação racial;

b) para ofuscar a visão dos conflitos de classes ela busca desviar a atenção para outros tipos de conflitos, tal como o conflito racial;

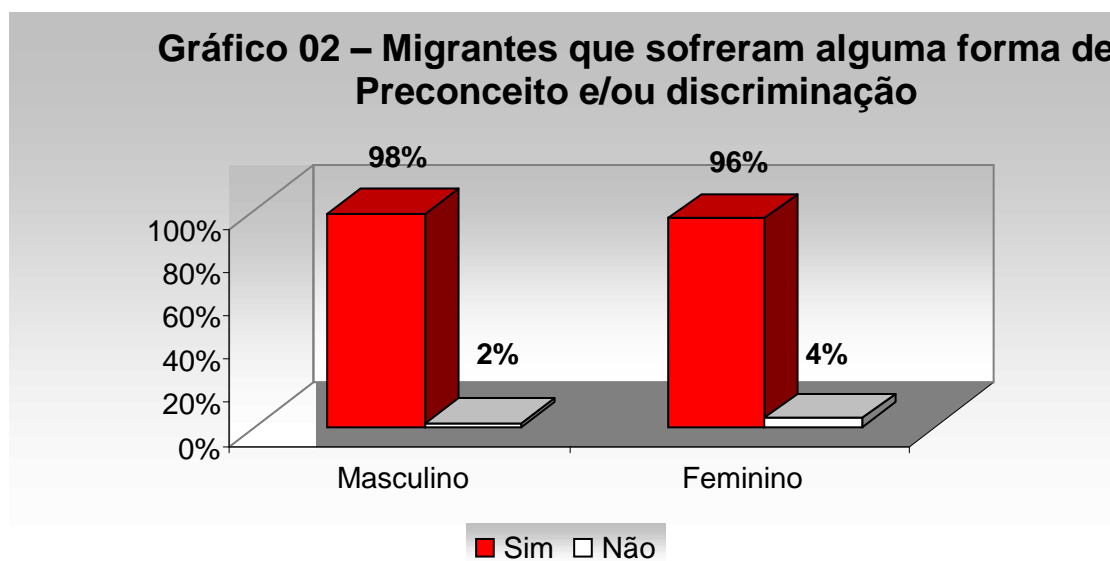
c) para evitar sua identificação com as relações sociais opressoras e em crise, ela busca responsabilizar certas camadas sociais por esta situação, sendo a população negra uma dessas camadas;

d) quando as contradições se acirram e ameaçam transformar a guerra civil oculta em guerra civil aberta torna-se necessário, para a classe dominante, concentrar o “o mal” em uma camada social específica e a população negra (assim, como os judeus, os estrangeiros, os comunistas, homossexuais, etc.) é uma reserva potencial que pode ser utilizada.

Além desses pontos sintetizados pelo autor, o racismo pode ser reforçado por motivos conjunturais. Assim, dependendo da conjuntura, se reforça ou enfraquece os preconceitos e o racismo. “A necessidade de força de trabalho pode beneficiar momentaneamente, migrantes, estrangeiros, etc., e o seu excesso pode provocar o efeito contrário” (Viana, 2001).

As narrativas dos migrantes goianos que são obrigados a aceitarem a humilhação xenófoba comprovam a idéia de que o que está em questão é a luta de classes travestida pela divisão internacional do trabalho. Ainda que ela não aparece visualmente, o que comanda o processo é a luta travada de capital e trabalho em nível internacional.

O gráfico 02 demonstra quanto os migrantes goianos são alvos de preconceitos e manifestações xenófobas. Quando perguntado se sofreram alguma forma de preconceito e/ou discriminação, 98% dos homens e 96% das mulheres responderam positivamente. É bom ressaltar que entre os 2% de homens e 4% das mulheres que responderam que não sofreram nenhum tipo de preconceito e/ou discriminação, alguns eram recém chegados e outros mentiram quando da resposta da pergunta.



Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Para (ENZENSBERGER, 1991), compreender o fenômeno da xenofobia tem que se considerar alguns elementos antropológicos da cultura humana. Para ele “toda migração – qualquer que tenha sido o fator a desencadeá-la ou sua motivação subjacente, seja ela voluntária ou involuntária e seja qual for a escala que assume, leva a conflitos”.

A defesa dos interesses locais e a xenofobia são constantes antropológicas que precedem qualquer racionalização. A distribuição universal desses traços indica que são mais antigos que todas as sociedades conhecidas. Para mantê-los sobre controle, para evitar banhos de sangue e tornar possível pelo menos um mínimo de troca e comunicação entre

os diferentes clãs, tribos e grupos étnicos, as sociedades antigas inventaram os tabus e os rituais da hospitalidade.

Esses cuidados, porém, não revogam o status do estrangeiro. Pelo contrário: eles o fixam. O hóspede é sagrado, mas não pode ficar para sempre (ENZENSBERGER, 1991). Mas não é qualquer hóspede. Isso implica dizer que o migrante é um hóspede indesejado, ou, na perspectiva xenófoba, “um grileiro de nações”.

Podemos concluir que o racismo e a xenofobia estão diretamente ligados ao poder financeiro que os indivíduos possuem. (ENZENSBERGER, 1991) diz que,

“quanto mais qualificados os imigrantes, menos reservas eles encontram. O astrofísico indiano, o grande arquiteto chinês, o negro africano ganhador do Prêmio Nobel são bem vindos em todo mundo. Os ricos também nunca são mencionados neste contexto; ninguém questiona sua liberdade de movimento. Para os negociantes de Hong Kong, a aquisição de passaporte britânico não enfrenta qualquer problema. Para imigrantes de qualquer país, a cidadania suíça também é apenas uma questão de preço. Ninguém jamais fez alguma objeção à cor da pele do sultão de Brunei. Onde as contas bancárias são saudáveis, a xenofobia desaparece como um passe de mágica. **Mas os estrangeiros são mais estrangeiros ainda se forem pobres**”.

Em geral, o grupo nacional hegemônico considera conseqüentemente difícil conciliar-se com existência de minorias, e cada onda de migrantes é considerada um problema político. Para (ENZENSBERGER, 1991) as exceções mais importantes a este padrão são os estados modernos que devem sua existência à imigração em grande escala; sobretudo os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália.

Seu mito fundador é a *tábula rasa*. O reverso desta moeda é o extermínio da população indígena, a cujos remanescentes só muito recentemente foram concedidos direitos minoritários essenciais. A afirmação de ENZENSBERGER, não corresponde à realidade atual, pois, são cada vez mais crescentes as manifestações xenófobas em todos os países mencionados como veremos adiante.

Os migrantes nunca representam um corte da população como um todo, fato que tem crucial importância para qualquer avaliação das conseqüências. “É o Homem dotado de energia, de alguns recursos, de ambição, que arrisca o sucesso no novo país, deixando em casa os pobres, os indolentes, os fracos e os aleijados” escreveu Smith citado por (ENZENSBERGER, 1991).

O mesmo autor prossegue a sua análise. Então ele “Afirma-se que tal emigração institui um processo de seleção que não é favorável para o país natal”. (ENZENSBERGER, 1991). A evasão de cérebros, uma espécie de fuga de capital demográfico, teve efeitos devastadores em países como a China, Índia e a Europa Oriental.

Feito o cruzamento dos pressupostos, dos princípios e das bases teóricas e filosóficas com a leitura de mundo real em que o objeto de nossa pesquisa se coloca, analisaremos, de agora em diante, as razões sociais e econômicas da migração internacional de trabalhadores goianos no contexto do mundo do trabalho.

1.2 - Migração internacional e a mobilidade do trabalho: bases para compreender o território goiano capturado

Para analisarmos o fluxo migratório de goianos para os países desenvolvidos trabalharemos com o conceito de mobilidade do trabalho. Segundo (Gaudemar, 1977) na concepção intuitiva, o conceito de mobilidade do trabalho apenas pode designar um deslocamento espacial dos homens. Por uma extensão da noção de espaço, ela parece poder englobar, além dos deslocamentos geográficos (migrações), os seus homólogos setoriais ou profissionais.

Em todos os casos, trata-se de um deslocamento de uma esfera para outra gerando efeitos em ambos. Isso impõe certas dificuldades na apreensão do fenômeno, pois

considerar exaustivamente os fluxos e definir bem as esferas de origem e chegada demanda um esforço de mapeamento de situações muito grande.

Para (Gaudemar, 1977) é na leitura do conjunto que o fenômeno pode ser analisado. Com apenas algumas notáveis exceções, não é a noção de mobilidade que lhes interessa, mas a investigação das causas dos movimentos que ela indica. Ai existe o debate, muito pragmático e freqüentemente ríspido, que opõem os defensores de uma explicação em termos de níveis de salários, aos defensores dos níveis tecnológicos, dos níveis de empregos.

Gaudemar (idem) acrescenta que nada é mais evidente, mesmos nos textos dos autores antigos, do que este tipo de discussão conduzida sem condições prévias que apenas pode ocultar o que é, senão o verdadeiro problema, pelo menos o primeiro a resolver: o que designar por mobilidade?

Ao ler as estratégias do poder capitalista e os textos que as apóiam, ou ao interpretar as lutas operárias, destaca-se outra problemática. Como a *mobilidade* do trabalho manifesta-se sempre o modo como os homens submetem o seu comportamento às exigências do crescimento capitalista?

Toda estratégia capitalista de mobilidade é igualmente estratégia de mobilidade forçada. O discurso econômico serve de verniz para demonstrar, quer a inevitabilidade do fenômeno, quer a existência de vantagens individuais ou coletivas, que teoricamente ele deve apresentar como um dado inexorável do mundo. E pronto!

A migração desejada (Gaudemar,1977) é um fenômeno que permite a sociedade atingir o melhor equilíbrio de conjunto possível, correspondendo a maximização da satisfação. Com um custo mínimo, naturalmente, já que isso evita o de um arranjo harmonioso dos territórios.

Demonstra, também, que apenas os fluxos migratórios dos setores ou regiões Subdesenvolvidas (salários flexíveis, fraca produtividade do trabalho, produção de bens) para os setores e regiões desenvolvidos (salários rígidos, forte intensidade capitalista) constituem processos de ajustamento ao equilíbrio ótimo.

Os fluxos contrários são desequilibrantes e, portanto nocivos. De modo mais geral, demonstrar-se-á que os fluxos de mobilidade que operam transferências de mão-de-obra entre setores no sentido de uma produtividade crescente, permitem ganhos sociais de produtividade. É o caso da migração estrangeira.

Outra aplicação direta do modelo por meio desta aceleração induzida da mobilidade, a mão-de-obra estrangeira permite ganhos de produtividade tanto mais importantes quanto, nos ramos em que se insere, provocando um aumento de produtividade superior as eventuais subidas dos salários.

Finalmente, para Gaudemar, (1977) a imigração estrangeira desempenha de modo geral o papel de lubrificante suprindo os estrangulamentos devidos a um aumento demasiado fraco da população, evitando o decréscimo de certos setores e recompondo a base produtiva bem como a rentabilidade ambicionada pelas corporações capitalistas.

Baseados em estudos do Banco Mundial podemos observar que os migrantes geralmente são mais produtivos e reduzem os custos da mão-de-obra no país que os recebe, e as remessas de dinheiro que fazem para os parentes no país de origem aumentam as rendas desses países.

Para termos uma idéia da importância econômica que significa à migração brasileira, segundo relatório do Banco Central, as transferências de brasileiros que residem no exterior para seus parentes no Brasil atingiram cerca de US\$ 2,45 bilhões no ano passado, o que representa três vezes o montante de recursos trazidos ao país sob a forma de lucros e dividendos pelas empresas, que atingiram US\$ 920 milhões.

1.3 - Captura do território goiano e a migração internacional

É na perspectiva analítica, da captura do território goiano pelo avanço do capitalismo em sua forma mais acabada, que é o processo de mundialização do capital, é que proporemos analisar a partir do estudo das condições de trabalho e do processo de flexibilização das relações de trabalho, o eixo central de nossa pesquisa.

Buscaremos compreender os motivos que levaram o fluxo migratório de goianos a estarem entre os maiores do país. Veremos como pessoas radicadas em cidades de pouco mais de 1.000hab de repente se encontram em grandes cidades do chamado Mundo de Capitalismo Dominante. E a partir da situação de migração tentam construir a sua vida num elo espacial que lhes faz estranhar a si mesmo e o mundo.

O fato é que nos últimos anos presenciamos um aumento sem precedentes desta mobilidade que é a migração de trabalho. Compreender o processo de migração internacional dos goianos, pela categoria trabalho, e como produto da intensificação da captura do território goiano pelo capitalismo, nos remete a uma análise da mundialização do capital e seu processo de captura do território goiano.

Com a mundialização do capital de acordo com Moraes (2004) temos uma nova configuração do modo de produção capitalista, materializado na especulação financeira em caráter global, em tempo real e simultâneo, intimamente vinculado ao processo de reestruturação produtiva.

Pode-se dizer que o processo de modernização do território incluso no processo de modernização da agricultura consolidou a acumulação capitalista no modo de usar o território goiano. Esse processo que cunha a maioria das pesquisas e dos estudos feitos por geógrafos tem, ultimamente, ganhado balizas diferenciadas.

Resultou desse processo uma nova relação entre capital e trabalho estendida numa nova configuração na relação cidade e campo. Se a troca simples ditava um uso do território lento e com modalidades de trabalho pertinentes, na troca capitalista a desigualdade social, o processo de migração interna, o desemprego estrutural, o crescimento do trabalho informal, suscitaram como produtos em que o uso do território foi tecnificado e as condições sociais decorrentes precarizados.

É por isso que o primeiro processo de migração foi do tipo rural-urbano levando Goiás a ser um dos territórios com maiores índices de crescimento urbano. E mais tarde, especialmente de 1980 em diante, ser uma zona de atração de migrantes interregionais. O dinamismo econômico trazido pela modernização redistribuiu as oportunidades e definiu uma nova modalidade de concentração de capital.

Ao cabo de um território com uma distribuição espacial da população de maneira desigual entre rural e urbano e entre as regiões modernizadas e as afeitas a uma economia tradicional, e em decorrência do desemprego estrutural na situação de um território capturado, irrompia-se a força da migração de goianos para os países desenvolvidos.

Este momento também é denominado de acumulação flexível (HARVEY, 2003) e, diferentemente de outros tempos, tem a propriedade de apresentar uma forte expansão dos espaços sob o controle do Capital, mas desconectada de crescimento, não proporcionando elevação da empregabilidade e dos investimentos na produção (MORAIS, 2004).

A passagem para esse novo regime de acumulação segundo Benko (1996), acompanha-se de mudanças fundamentais e multiformes nos modos de produção e de consumo, nas transações e nos mecanismos institucionais de regulação das relações sociais. Eles induzem uma reestruturação espacial da sociedade inteira, redefinição do conteúdo ideológico dos espaços e o estabelecimento de uma nova divisão social e espacial do trabalho, criação de novos espaços de produção e de consumo.

Para Kavanagh (*in:Baumam 1999*) a globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Esses indivíduos utilizam as mais recentes tecnologias para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e espetacular com eficiência cada vez maior.

A tecnologia, seus efeitos e funções, não causam impactos nas vidas dos pobres do mundo sem levar em consideração o modo de produção total. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial.

A respeito do processo de globalização e da nova Divisão Espacial e Internacional do Trabalho. Benko (1996) diz que é introduzida a empresa multinacional e, de maneira mais geral, a empresa de estabelecimentos múltiplos, na qual as diferentes fases do processo de produção são atribuídas no espaço de modo diferenciado, em função de suas características tecnológicas e do nível de qualificação que requerem.

Nesta ótica, as atividades de alta tecnicidade e as funções direcionais são reservadas às regiões centrais, ao passo que as tarefas repetitivas, pouco qualificadas e que requerem considerável mão de obra se vêm relegadas aos países de capitalismo subordinado. Toda essa nova conjuntura provocou vários impactos na economia e no mercado de trabalho goiano, fazendo com que o nível de emprego formal caísse e, conseqüentemente, formando uma nova realidade que é o desemprego estrutural.

Nota-se uma chave fundamental: a afirmação do capitalismo contemporâneo cria o mesmo elo gerador do desemprego estrutural. Sendo assim, a ação do trabalho sobre o território vertical, incisiva, não é organizada para apetercer a existência do seu sujeito – o trabalhador. Mas para, estrategicamente, fomentar a acumulação de capital. O território entra nesse cenário como suporte fundamental, sem o qual não há sociedade, economia, produção.

Com a baixa oferta do emprego “formal”, deparamos com o surgimento do mercado informal em grande escala em Goiás. Conforme aponta (SILVA, 2002) que apesar da oferta de emprego formal ter dobrado na década de 1990 (50.359 para 99.604), a pesquisa de economia informal urbana, desenvolvida pelo IBGE, avaliando o mesmo período revela que o número de trabalhadores informais (61,2 %) supera os localizados no âmbito da formalidade.

Sendo que a mesorregião Centro do estado de Goiás, a mais populosa, concentra 73,9% dos trabalhadores da economia informal do estado de Goiás. Acrescentando ainda que em Goiás, segundo dados do (IBGE, 2005) 60% dos desempregados são jovens com idade de 15 a 24 anos.

Nesse sentido, o crescimento do mercado informal de trabalho e a flexibilização das relações de produção juntamente com a alta taxa de desemprego são, entre outras, as principais causas motivadoras da migração dos goianos para os países desenvolvidos. Ao se elevar pronunciadamente a seletividade na utilização da força de trabalho, produz-se em proporções semelhantes não só os fluxos migratórios em busca de condições efetivas de trabalho, como igualmente alarga-se o espaço de trabalho para as formas de produção não tipicamente capitalista, como é o caso da informalidade.

O impacto da captura do território pela nova divisão espacial internacional do trabalho fez com que na última década houvesse uma tendência reforçada no sentido de que numerosos trabalhadores goianos migrassem em massa em busca de empregos mal pagos, não-qualificados, oferecidos pelos estabelecimentos e atividades de serviços não-especializados das aglomerações de produção flexível dos países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos.

Acrescentando a isso, Carrillo (2005) diz que dados da Organização das Nações Unidas relatam que existem no mundo em torno de 185 milhões de migrantes no mundo,

dos quais mais de 30 milhões estariam em situação irregular e se encontrariam expostos a situações de abusos e exploração.

Devido as enormes diferenças entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, às injustas disparidades na distribuição de renda, à falta de oportunidade, à insuficiente atenção dos governos para com as necessidades básicas da maior parte da população, as migrações vêm se convertendo em estratégias de sobrevivência econômica para uma grande parcela da população dos países subdesenvolvidos, e em particular para o estado de Goiás, pois segundo pesquisa feita pelo instituto Serpes (2005), 10% da população goiana pretende ter com a migração internacional sua fonte de sobrevivência.

Para Carrillo (2005) os fluxos migratórios têm duplo efeito, incide tanto no desenvolvimento dos países de origem como nos países receptores de migrantes - ambos registram efeitos sociais e econômicos e, sobretudo dramas humanos. Os países receptores - principalmente os países europeus - compensam suas baixas taxas de natalidade e captam mão de obra barata fora das leis trabalhistas.

Atualmente essas migrações são impulsionadas pelas altas taxas de desemprego nos países subdesenvolvidos, ou periféricos, pela falta de perspectiva de ascensão social – e pela pressão econômica entre outros fatores. Todas essas causalidades gerais possuem uma ligação com a ideologia, pois as pessoas que migram o fazem baseando-se nos valores de ascensão. Em muitos casos, como se verá mais adiante, o processo ideológico está junto com a necessidade existencial.

O fato é que por mais severas que sejam as barreiras políticas, econômicas e territoriais impostas pelos Estados desenvolvidos no intuito de conter, restringir e controlar a migração internacional, (BECKER, 1997) se existir uma demanda de mercado de trabalho para esta mão-de-obra estrangeira ao lado de possibilidades do que se consideram "boas" condições de vida numa sociedade capitalista, os migrantes dos países periféricos,

na sua coragem e criatividade migram, arrumando uma maneira de burlar a lei, conseguindo assim, adentrar esses “atraentes países capitalistas desenvolvidos”.

Estes vêm se tornando verdadeiras fortalezas, ou "condomínios de luxo", muitas vezes com focos de pobreza, diversidade étnica, clandestinidade e conflitos instalados no seu interior. Ou como se diz: as grandes metrópoles dos países ricos são, hoje, palcos de toda sorte de gente, as novas Babéis contemporâneas.

A esse respeito (BECKER, 1997) diz que a migração vem se constituindo numa questão política, em que se desenvolvem ações governamentais contra os migrantes estrangeiros, tomadas em nome da manutenção e defesa dos trabalhadores de dado país, isto é, segurança do acesso ao mercado de trabalho de seu país.

A mesma autora, analisando esta mobilidade, enfatiza que a construção desse aparato de protecionismo social constata-se que o pânico dos países desenvolvidos se acentua, uma vez que o caráter inicialmente temporário das migrações internacionais tende cada vez mais a ser definitivo, considerando-se a crescente flexibilização do trabalho (Becker, 1997).

Os migrantes goianos se empregam num mercado de trabalho desprezado pelos europeus e norte-americanos, não representando grande ameaça aos trabalhadores desse país. Embora isso seja verdadeiro, não deixa de trazer outras contradições que serão analisadas.

1.4 - Migração Internacional e Redes Sociais de Migrantes

De acordo com (Tilly, 1990), os fluxos migratórios que têm os países desenvolvidos como destino não podem ser explicados somente pelo diferencial de salários entre este e os países de origem dos migrantes, especialmente porque os processos migratórios são altamente seletivos por origem e pelo tipo de migrante.

Segundo (Fusco, 2001) esse tipo de argumentação chama a atenção para questões às quais os neoclássicos ainda não deram respostas. Por que nos países pobres certos indivíduos migram e outros não? Por que alguns locais específicos no destino atraem mais migrantes que outros, com estrutura de mercado de trabalho semelhante?

A resposta segundo (Tilly, 1990) e (Massey, 1977), está na criação e atuação das redes sociais de migrantes, responsáveis pela construção dos vínculos necessários para a migração, pela veiculação do conjunto de informações e percepções que os indivíduos necessitam para migrar.

O conceito de redes sociais na migração internacional, portanto pode ser utilizada para completar algumas lacunas deixadas nesse campo teórico para compreender o processo de goianos para os países desenvolvidos. As redes podem esclarecer pontos de origens, pontos de passagens, pontos de chegadas, trajetórias socioespaciais e pontos de retornos.

Para (Fusco, 2001) o reconhecimento dos pontos de destinos mais expressivos de um determinado fluxo permite uma caracterização adicional de sua dinâmica. Para citar um exemplo, vejamos a comunidade brasileira em São Francisco, nos Estados Unidos. Segundo (Ribeiro, 1999), dados do consulado brasileiro mostram que podemos encontrar migrantes de vários estados do Brasil, mas que a concentração de goianos é a expressão mais evidente.

Uma vez que a chegada de goianos em território estrangeiro não foi resultado de uma só viagem, podemos concluir que muitos migrantes seguiram paulatinamente para locais onde já se encontravam seus conterrâneos (amigos, familiares entre outros). Este é um aspecto das redes sociais que segundo, (Sales, 1999), contribuem não apenas para fornecer os referenciais do local de destino, como a acomodação inicial do migrante e sua inserção no mercado de trabalho.

O desenvolvimento de comunidades estabelecidas nos países de destino é um passo crucial na maturação das redes migratórias. Quando alguns indivíduos se fixam em determinados lugares o processo migratório transforma-se redirecionando os fluxos para regiões específicas. Visto desse modo, em todo local que se forma uma comunidade de migrantes, a atração para novos migrantes é fato consumado.

Para (Fusco, 2001), não basta a aglomeração de pessoas no destino para que existam os benefícios que facilitam e estimulam o ingresso de pessoas num fluxo migratório. A formação de comunidades no destino é uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que se desenvolva rede de relações confiáveis unindo origem e destino, nas quais os migrantes em potencial possam se apoiar.

Os migrantes goianos geralmente estão concentrados nas atividades de trabalho que requer uma menor qualificação profissional. As mulheres goianas que migram, partes estão na condição de empregadas domésticas, faxineiras em restaurantes ou como babás. Mas sem dúvida, a ocupação mais expressiva das mulheres goianas atua na prostituição principalmente as que têm como destino os países europeus.

Os homens, por sua vez, têm uma concentração expressiva no trabalho em restaurantes, como garçons, ajudantes de garçons ou lavadores de pratos; no mercado da construção civil, como pedreiros, serventes e outros trabalhos do gênero. Essa divisão social e técnica do trabalho demonstram o conteúdo social da migração.

As conexões familiares, como têm sido apontadas, aparecem novamente como destaque das redes migratórias. A proporção de indivíduos que possuía parentes nos países de destinos antes de embarcar cresce cada vez mais nos fluxos migratórios de goianos. Os migrantes pioneiros, naturalmente, tinham menos laços familiares no destino. Com o tempo, a experiência migratória é incorporada pela população, até que os migrantes

subseqüentes tornam-se aptos a utilizar as cada vez mais numerosas conexões de parentes e amigos nos países de destino.

Quando esses migrantes chegam nos países desenvolvidos, obter um trabalho remunerado passa a ser a preocupação mais imediata. Devido a baixa qualificação de sua mão de obra, em termos do país de destino, o migrante goiano insere-se em patamares mais baixos do mercado de trabalho.

Para (Fusco, 2001), os migrantes encontram empregos em ocupações de mais baixo *Status* hierárquico, em nichos reservados aos migrantes. E esses empregos, maior parte são obtidos através das redes de relações na comunidade migrante. Informações são trocadas, postos de trabalhos são vendidos, e os brasileiros vão chegando e ampliando mais e mais o alcance das redes migratórias.

Como vimos, migração de goianos para os países desenvolvidos é fortemente baseada numa organização social que a apóia e sustenta. Massey, In. (Fusco, 2001), diz que a migração internacional é um processo organizado através de redes forjadas diariamente pelas conexões interpessoais que caracterizam todos os grupos humanos. Vejamos o assunto nesse episódio.

O seu melhor amigo tinha ido. Não havia feito nem o segundo grau. E juntamente com esse amigo tinha fracassado em dois negócios internos: o negócio com depósito de bebidas e a montagem de uma sanduicheria. O amigo foi por intermédio de outro primo. Antes de ir, através da solidariedade do primo, teria casa e também a oportunidade de contatos de emprego.

Haveria de vender o seu fusca, complementar o financiamento da passagem, acertar com um agente que “cuidaria de tudo”. Os telefonemas eram animadores: o amigo estava ganhando um bom salário como entregador de panfleto nas ruas londrinas. Posteriormente,

ajudava a limpar uma pizzaria e fazia alguns bicos com outro colega numa padaria, aos domingos.

O amigo lhe enviou parte do dinheiro de que usaria para compor o financiamento. O dinheiro viria como um empréstimo antecipando as possibilidades dos novos ganhos. Do prazo da decisão de ir, segundo o informante, deu-se 8 (oito) meses. Foram momentos de expectativas, inclusive de alegria e também de temor. Era quase a última cartada da vida.

Ao ir deveria levar “algumas lembrancinhas” e também cartas dos parentes próximos do amigo. Levaria junto a alegria da mãe do amigo que agora o filho estaria mais protegido. Depois de tudo acertado, uma notícia não muito boa: o amigo havia perdido um dos empregos, e ele mesmo estava com dificuldades em arrumar outro para compor o seu padrão de ganho.

Depois de esperar mais um pouco, foi momento de agir. Inquiriu o seu amigo “como estava a situação”. A resposta veio fria: “as coisa pra cá não estão muito boas, não, espere um pouco!”. Na situação de espera, aquilo que era expectativa positiva, se tornou expectativa negativa, ansiedade.

Mas uma luz lampejou novamente: uma corrente de conhecidos havia migrado para Portugal. Apesar de o trabalho ser duro, as condições de trabalho serem difíceis, tinha a facilidade da língua e, novamente, a companhia da rede de amigos. Agora tudo deu certo: a viagem foi longa, difícil e cansativa. O dinheiro do financiamento tinha sido conquistado.

A receptividade foi muito boa. Mas percebeu que alguns amigos estavam entristecidos; havia dois membros do grupo que estavam “com problemas de coluna” devido ao trabalho árduo numa empresa de construção civil. Um clima de amizade rondava o grupo que fundava uma espécie de “micro-Brasil em terras lusitanas

Começou o trabalho e não se adaptou. O trabalho era árduo, pesado. O seu corpo franzino não dava conta da exigência. O amigo que arrumou lhe ajudou a arrumar o

emprego, ficava, segundo o informante, “um pouco desconfiado”. De repente, descobriu que dali para a Bélgica seria “um pulo”. Tudo foi organizado, garantiu-se no trabalho para repor o financiamento. Fez todas as economias possíveis. E rumou com mais dois para a Bélgica. Agora o medo de enfrentar o diferente já não era tão grande. E ainda assim estava protegido pelo grupo.

Ficou três anos na Bélgica, até gostou do país muito limpo – e bonito, embora de “pessoas meio frias”. Durante esse período pagou as dívidas e emprestou um dinheiro para que um primo também migrasse. O primo foi bem acolhido e bem protegido. Ele voltou e o primo ficou.

Agora não sabe quanto tempo vai ficar por aqui. Tomara que as coisas dêem certo por aqui, embora “ache pouco provável”. Se não der certo, tem os amigos que estão na Bélgica e tem o primo que lhe deve favor. É fácil, é só “arrumar as malas”. As redes de migrantes envolvem quesitos como o financiamento, o parentesco, a proteção e, em alguns casos, envolvem também uma espécie de trampolim de oportunidades.

Uma rede geralmente se liga a outras. Elas ajudam a definir a organização e a solidez do processo de migração. Em muitos casos, se transforma num conflito familiar, ou em pequenas disputas. Elas agem também no traslado, na escolha dos países, na conquista do emprego ou sub-emprego e também na manutenção diária do migrante no país distante.

Percebemos a presença dessas conexões cotidianas transformadas no contexto das migrações, e a ampliação do uso das redes com o passar dos anos. As redes migratórias tendem a se tornar auto-suficientes com o tempo, devido o capital social que geram migrantes aos migrantes em potencial. Contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos oferecem aos migrantes oportunidades de empregos, hospedagem e assistência financeira nos países de destino.

A interpretação teórica da migração no contexto da sociedade contemporânea à luz de suas contradições e a compreensão das condições do ato de migrar – em forma de narrativas que expressam as redes de migração – juntamente com as narrativas de situações concretas de migrantes por intermédio da ação de pesquisa qualitativa abre a oportunidade de averiguarmos, no próximo capítulo, as condições estruturais e quantitativas do processo.

MIGRAÇÃO, TRABALHO E RENDA NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE GOIÁS.

Vive-se hoje uma realidade: a dimensão das transformações socioespaciais do território goiano nas últimas décadas, trouxe junto uma complexificação dos fenômenos sociais a partir da diferencialidade espacial do território, ao mesmo tempo em que motivou as instituições acadêmicas e de pesquisa a agirem no sentido de explicar o que está acontecendo.

Fora a questão do método levantada anteriormente, de que é necessário construir uma análise totalizante dessas transformações, há uma outra ordem de problema: há temas novos que ganham sentido histórico fundamental no atual período, como, por exemplo, o desmatamento das áreas de cerrado; a nova rede urbana inclusa do cinturão urbano entre Brasília-Anápolis-Goiânia (Arrais, 2004), a situação das bacias hidrográficas etc.

Dentre esses temas, escalamos o das migrações internacionais de goianos para os países desenvolvidos. E por fazer parte de um contexto de imbricamento de variáveis, tanto o seu campo estrutural como os seus atributos qualitativos se desdobram numa conexão de influências muito grande.

Diante disso, cabe perguntar se é possível elencar desse tema, por exemplo, variáveis que funcionam como determinações explicativas. A nossa resposta é que é possível. Por ser possível, utilizaremos dois indicadores fundamentais: o trabalho e a renda. Tentaremos, como de início, não separar essas determinações das qualitativas. É com esse pressuposto é que desenvolveremos as reflexões desse capítulo.

Recuperando a baliza de nossa reflexão, partirmos da idéia que a configuração socioespacial de Goiás está intrinsecamente relacionada à dinâmica migratória que, por sua vez, possui uma forte relação com o trabalho, com a renda e com as redes sociais. Em vários estudos realizados sobre migrações no Brasil, em Goiás ou no mundo, – na contemporaneidade e em épocas passadas, percebe-se as influências do trabalho, da renda e das redes sociais de migrantes nas análises dos fluxos migratórios e o modo como estes conceitos se tornam importantes categorias nos estudos sobre migrações.

2.1 - O trabalho em Goiás na contemporaneidade: mercado e precarização

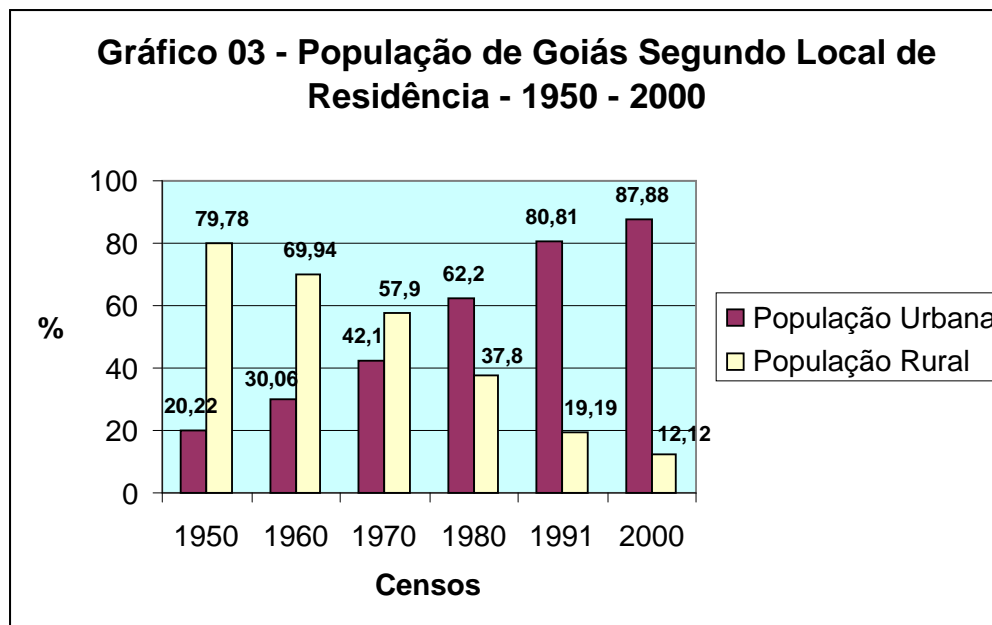
A transformação do espaço agrário goiano promovido pela agroindústria, e a conseqüente mecanização do campo traz consigo o desemprego estrutural, isso, somado à concentração de terras, provocam a expropriação do trabalhador rural que se desloca para as cidades em busca de alternativas de sobrevivência.

Com as cidades sobrecarregadas de pessoas vindas dos trabalhos braçais do campo, há um aumento na disposição de mão-de-obra barata para serviços urbanos, como a limpeza, o transporte e outros serviços “pesados”. Esses trabalhadores braçais instalados nas cidades proporcionam outra mudança no mercado de trabalho ao colocarem seus filhos nas escolas. Isso vai gerar mão-de-obra para o comércio e outros serviços que exigem mais qualificação, fazendo com que nessas categorias também tenham uma maior oferta de mão-de-obra disponível para o mercado.

Esse processo acontece no período da urbanização de Goiás que se consolida na década de 1980. Mas desde 1950 o território goiano vem numa crescente urbanização como demonstra o gráfico abaixo, que está exibido na obra de Arrais (2004).

É importante na análise da urbanização de Goiás percebermos como está configurado o gráfico (Gráfico 03), mostrando um ‘crescimento violento’ da população

urbana em poucas décadas à medida que a população rural também de forma muito rápida ‘decrece violentamente’.



Fonte: BRASIL (2003), in ARRAIS, 2004

Resulta desse processo, a situação em que os trabalhadores braçais e comerciários que trabalhavam nas cidades antes da denominada “explosão demográfica” viram seus direitos e índices salariais despencarem devido ao grande número de pessoas em idade ativa e à disposição do mercado de trabalho. Isso passa a ser também um grande atrativo para a instalação de empresas nacionais e multinacionais no território goiano. Esse processo culminaria no que Deus (2002) chama de inserção de Goiás na reestruturação produtiva do país.

Na época da globalização, as empresas se instalam nos países onde os salários são mais baixos e a legislação trabalhista mais frouxa. Para os países do primeiro mundo, o resultado é desemprego, redução salarial e perda de garantias trabalhistas. Para aqueles do Terceiro Mundo, isso significa o fim da esperança de vir a conquistar os padrões dos países desenvolvidos. (SENAC, 1997: 58-59)

Acrescentando (Morais, 2005) diz que,

A competitividade da indústria nacional ancorada na baixa remuneração de uma mão-de-obra desqualificada vivencia hoje um impasse, na medida em que a estrutura produtiva que se organiza e se impõe a partir dos anos de 1980 exige uma maior qualificação profissional em função da tecnificação associada à informática. (MORAES, 2005, 19)

Tanto em Moraes, quanto na produção do SENAC, está bem claro um dos motivos para a vinda de indústrias para Goiás: a oferta de serviços baratos por parte da mão de obra dos trabalhadores goianos. Porém, essa vinda provoca também a necessidade de qualificação desse pessoal. Deus (2002) diz que a chegada das montadoras em Catalão, sudeste goiano, trouxe novamente o crescimento econômico e populacional para aquela cidade, mas a essa nova população é exigida um nível maior em sua qualificação técnica.

As novas empresas passaram a exigir novos padrões de serviços e melhorias na qualidade de ensino para o fornecimento de mão-de-obra qualificada. O SENAI unidade de Catalão recebeu investimentos para a formação de mão-de-obra técnica de nível médio. (DEUS, 2002: 89)

Mesmo com a preocupação em qualificar os trabalhadores para suas novas funções no trabalho urbano a demanda é bem maior que a disponibilidade de vagas em escolas técnicas profissionalizantes. Além do mais, o forte crescimento nos setores de comércio e serviços vai atraindo também a atenção da mão-de-obra urbana disponível.

Da mesma forma, as ofertas de emprego em Goiás, mesmo que nos últimos anos demonstrem um crescimento, ainda não atendem toda demanda de desempregados em território goiano. Segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas Sócio-Econômicas (DIEESE), a taxa de desempregados em Goiás em 2000 estava em 12,23%, com um número de 293.331 desempregados.

Tabela 1.

TOTAL DE OCUPADOS E TAXA DE DESEMPREGO NO BRASIL E EM GOIÁS

2000

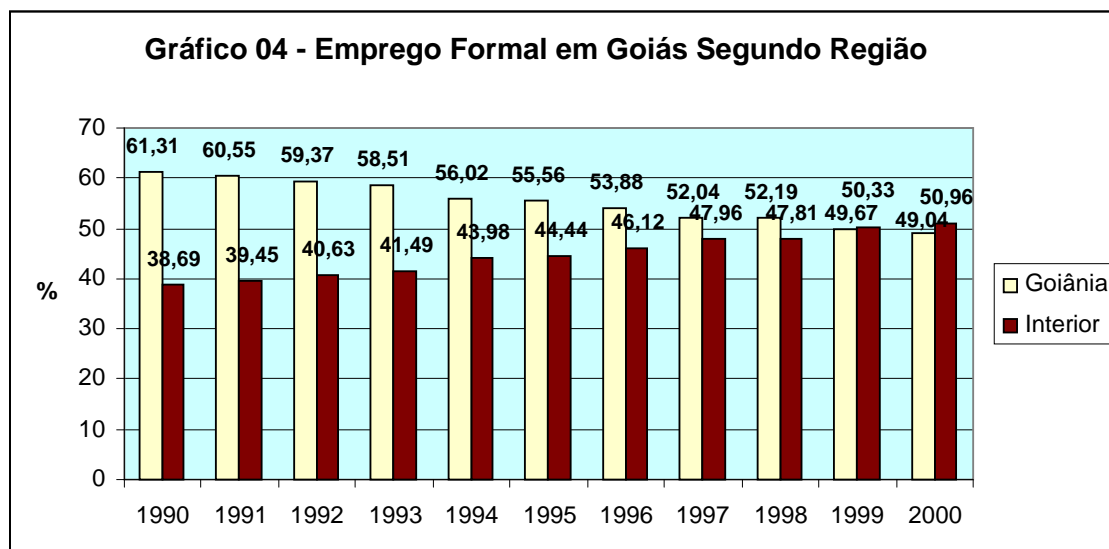
Regiões/Indicadores	Brasil	Goiás
PEA	76.158.531	2.399.146
Ocupados	64.704.927	2.105.815
Desempregados	11.453.604	293.331
Taxa de desempregados (em %)	15,04	12,23

Fonte: IBGE, Censo 2000. in DIEESE, 2003.

No entanto, Goiás possui um dos maiores índices de crescimento do emprego formal, proporcionado dentre outros fatores, pelos grandes investimentos nas agroindústrias e no setor de mineração. Essa situação provoca um grande fluxo migratório interregional para seu território.

Esse processo reorienta o sentido da migração interregional de áreas de trabalho excedente como norte e nordeste do país, configurando constelações demográficas diferenciadas nas regiões goianas. Nessas constelações diferenciadas vê-se o aumento absoluto do número de migrantes em Goiás, tendo o interior com grande participação. Coincidentemente, o interior teve na década de 1990, um crescimento considerável no número de empregos gerados, superando no final da década, a capital Goiânia.

Gráfico 04.



Fonte: TEM/RAIS. In DIEESE, 2003

Seguindo a modalidade de inserção de capitais de acordo com o processo de reestruturação produtiva, especialmente a faixa meridional goiana, os municípios do sudeste, sul e sudoeste, se tornam geradores de empregos formais. De maneira indireta, a perdigão chegou a gerar em 2004-2005 mais de 37.000 empregos.

Tabela 2

Emprego Formal Por Região - GOIÁS - 1990-2000		
Ano	Goiânia	Interior
1990	266.553	168.191
1991	263.761	171.870
1992	259.456	177.525
1993	269.127	190.849
1994	268.733	211.018
1995	283.930	227.088
1996	284.027	243.125
1997	288.497	265.922
1998	303.046	277.574
1999	303.306	307.366
2000	325.547	338.355

Fonte: TEM/RAIS. In DIEESE/GO

Observa-se que houve uma evolução na oferta de empregos no interior de 1990 a 2000 chegando a superar a capital do Estado. Como foi dito, a categoria 'interior'

generalizada nos obriga a situar a reflexão de acordo com Chaveiro (2001): o processo de incrementação de emprego formal acompanha o corte entre o norte e o sul goianos. Ainda que a política territorial crie programas para dinamizar a economia do norte e do nordeste goianos, a força hegemônica da região sudoeste do país sobre o espaço local é claramente enxergada.

Por outro lado, deve se colocar que o quesito trabalho morto ou o que se pode denominar de infra-estrutura historicamente construída se torna importante no recebimento dos investimentos e das inovações advindas da reestruturação produtiva do capital. Sendo assim, municípios como Catalão, Itumbiara, Rio Verde, Jataí, por exemplo, contam com esse quesito.

Os números nos exigem que, ao pensarmos o território goiano como totalidade, temos que fazê-lo mediante uma divisão regional interna do trabalho, ou o que Deus (2002) vai chamar de regiões goianas.

No entanto, os empregos gerados no território goiano vêm na esteira da precarização globalizada do trabalho. Quando analisamos a remuneração dos postos de trabalho gerados, observamos que, em geral, são empregos de baixa remuneração, temporários e de alta rotatividade empregatícia, o que influencia diretamente na expectativa negativa de uma mobilidade social no território goiano.

Analisando a tabela 03, observamos que o salário médio dos empregos gerados em Goiás, está abaixo da renda média nacional e da região Centro-Oeste. Sendo a média de remuneração nacional e regional de R\$ 496,40 e R\$ 445,59 respectivamente. Goiás figura com tímidos R\$ 394,63. Essa média de remuneração provoca um desencanto com o trabalho em Goiás, estimulando e proporcionando as condições ideais para a intensificação do fluxo migratório.

Tabela 03 - ESTADO DE GOIÁS, Centro-Oeste e Brasil: Salário médio dos empregados admitidos – 1998 - 04. (R\$)

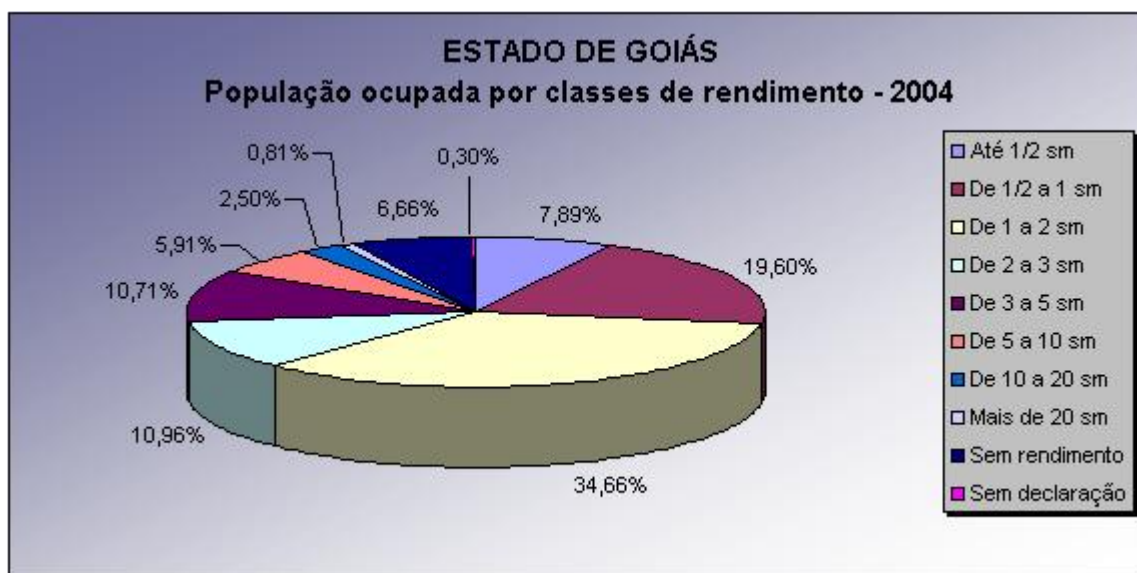
Especificação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Goiás	276,65	290,05	302,00	333,86	318,37	356,85	394,63
Centro-Oeste	332,30	355,79	358,00	400,82	361,38	403,94	445,59
Brasil	390,08	402,49	421,00	454,03	410,50	451,91	496,40

Fonte: MTE / CAGED.

Elaboração: SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2005.

No gráfico 05 que analisa a renda dos trabalhadores goianos, podemos observar que ela não satisfaz as necessidades e aspirações dos trabalhadores, já que em média as remunerações ficam entre $\frac{1}{2}$ a 2 salários mínimos. Os trabalhadores que ganham até $\frac{1}{2}$ salário mínimo correspondem a 7,9%; os que ganham de $\frac{1}{2}$ até 1 salário representam 19,6% e os que ganham de 1 a 2 salário mínimo representando 34,66%. Dessa forma, temos um percentual de 62,16% dos trabalhadores que recebem até dois salários mínimos.

Gráfico 05.



Fonte: MTE / CAGED.

Elaboração: SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2005.

Isso nos leva pelo menos a uma conclusão preliminar: que com essa remuneração é impossível para a maior parcela dos trabalhadores a perspectiva de mobilidade social. Pois

a remuneração dos trabalhadores goianos serve apenas para sua reprodução enquanto força de trabalho. Deixando, dessa forma, os sonhos, desejos e aspirações de ascensão social relegadas a terceiro plano. Isso indubitavelmente serve de combustível para a atuação das redes migratórias que agem de todas as formas no território goiano. Sejam elas redes sociais de migrantes, baseadas nas relações familiares, sejam nas redes baseadas no tráfico de seres humanos que atuam principalmente no tráfico de mulheres goianas para a prostituição nos países europeus.

É a partir dessa lógica que se pode avançar na interpretação das migrações de goianos para os países desenvolvidos.

2.2 - Migrações dos Goianos: sentidos e contradições

Um dos grandes problemas para as pesquisas demográficas em Goiás e no Brasil atualmente, tem sido quantificar o fluxo migratório internacional. Isto se deve a forma significativa dos fluxos migratórios internacionais de Goiás e do Brasil como um todo, serem constituídos com o que se convencionou chamar de ‘ilegais’ ou ‘clandestinos’.

Tal fato impossibilita que se conheçam seus números verdadeiros por meio de registro consulares (concessão de vistos de residência e trabalho) e pela emissão de passaportes pela Polícia Federal. Pelo mesmo motivo as informações advindas dos diversos censos demográficos brasileiros e dos demais países contêm, seguramente, erros por falta de dados seguros e confiáveis. Isso exige que a dimensão quantitativa da pesquisa se aproxime da dimensão qualitativa, tal como temos nos esforçado para apresentar.

Apesar da dificuldade de quantificar de forma precisa o fluxo migratório de goianos para os países desenvolvidos a partir da década de 1990, ficou cada vez mais evidente que um crescente número de goianos passara a residir no exterior, tema que, recorrentemente, tornou-se objeto de interesse da mídia, estudiosos e do governo de Goiás.

Com base em dados consulares e da Polícia Federal, a Assessoria para Assuntos Internacionais do Estado de Goiás estima que há entre 250 mil e 300 mil goianos nos EUA e de 80 mil a 100 mil na Europa - principalmente em países como Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, Reino Unido e França.

Segundo estimativas da Polícia Federal cerca de Cinco mil goianas trabalham atualmente como prostitutas na Europa. O comércio ilegal para fins de exploração sexual concentra a maior clientela na Espanha, Portugal, Suíça e Itália. De cada dez mulheres que embarcam para esses países, 80% deixam em Goiás uma média de dois filhos menores de idade e levam na bagagem uma dívida de R\$ 20 mil.

A profissão é um misto de experiência e inocência. Cerca de 50% vão enganadas por aliciadores. A maioria é do interior do Estado e da periferia de Goiânia, e tem entre 18 e 29 anos. Elie Chidiac, assessor para Assuntos Internacionais do Governo de Goiás, acredita que esse mercado é superior aos dados da pesquisa. "É um mercado que cresce a cada dia, por isso, calcula-se que tenha cerca de 10 a 15 mil goianas."

O tráfico de mulheres goianas para a prostituição nos países europeus inseriu Goiás entre as regiões do mundo, onde se tem uma grande atuação das redes de tráfico de seres humanos. Sendo o tráfico de mulheres para a prostituição a modalidade mais recorrente conforme podemos observar no mapa 03.

Mapa 03 - Rota Internacional do Tráfico de Seres Humanos - TSH



Fonte: http://www.smm.org.br/mp_brasil.htm

De acordo com o Ministério da Justiça (MJ), Goiás, ao lado do Ceará, lidera a migração ilegal de mulheres para a prostituição no continente europeu. O crime tornou-se intenso, e a Organização das Nações Unidas (ONU) instalou em Goiânia, no ano passado, um escritório de apoio às vítimas e suas famílias. O departamento fica no Ministério Público e já recebeu, com ajuda da Polícia Federal, mais de 200 denúncias este ano.

Com o crescente fluxo migratório de goianos para o exterior, o governo de Goiás oficializou a criação do Fuave (Fundo de Auxílio Funerário aos Goianos Vitimados no

Exterior) para diminuir a burocracia na prestação de auxílio às famílias de goianos mortos fora do país. O orçamento previsto é de R\$ 500 mil por ano. Segundo, Elie Chediak assessor para Assuntos Internacionais do Estado de Goiás, “A iniciativa é única no país. O Itamaraty estuda a criação de um fundo nessa área, mas a proposta ainda está na fase de discussões” (Agência Folha, Agosto de 2005).

Segundo o governo de Goiás os migrantes goianos são responsáveis por remessas anuais de mais de R\$ 400 milhões de reais para o Estado de Goiás. Partindo desses números podemos concluir que para uma compreensão satisfatória da migração dos goianos, não podemos nos prender às questões quantitativas, mas, sobretudo, compreender todo esse processo a partir de uma análise dos impactos econômicos e culturais causados pelas remessas de dinheiro e símbolos pelos migrantes.

Os números apresentados nos servem para sintetizar que o processo de modernização do território e da agricultura na fase de reestruturação produtiva do capital criou uma situação profundamente contraditória para Goiás: há lugares e municípios em que o balanço migratório é negativo; há lugares em que o afluxo de migrante se apresenta como um dos maiores do país e há lugares em que o afluxo são medianos.

Isso tudo resulta no seguinte: há lugares em que a sobrevivência em Goiás é impossível, por isso são portas de saída de migrantes. E há lugares em que servem como afluxo de migrantes de outras regiões para cá. E há uma grande corrente de migração de goianos para outros países.

Goiás é, assim, atrativo, repulsivo, estático, profundamente dinâmico. A dinâmica do fluxo migratório responde, então, pelo retrato de um território modernizado pela hegemonia do capital criador dessas contradições.

2.3 - As migrações contemporâneas no contexto do Goiás globalizado

Como ficou ressaltado no item anterior, partimos do pensamento que na contemporaneidade, não se fala apenas de migrações inter-regionais ou intermunicipais separadamente. Os programas de incentivo à modernização do território goiano fazem parte de um movimento internacional de expansão capitalista e atraem migrantes de todos os cantos do mundo.

Essa inserção no mercado internacional, juntamente com a facilidade de comunicação da sociedade contemporânea, proporcionada pelos avanços tecnológicos das telecomunicações, pode nos mostrar um Goiás presente e/ou inserido nos problemas migratórios internacionais como o tráfico internacional de mulheres e boa participação no índice de deportações de trabalhadores migrantes brasileiros em outros países.

Com 4,5 milhões de habitantes e a economia impulsionada pelo agronegócio, o Estado de Goiás tem cerca de 300 mil cidadãos nos EUA. Neste ano, 1.500 goianos foram presos por emigração ilegal. Sozinhos, eles representam 35% dos brasileiros presos lá em 2004. Todos os dias, pelo menos quatro são deportados. Se em Minas os agenciadores procuram interessados nas ruas, em Goiânia optam por anúncios. A Polícia Federal conhece o modo de atuação dessa gente, mas não pode fazer nada porque o crime é cometido fora do Brasil. Além disso, poucos denunciam, porque querem tentar outra vez ou por medo dos agenciadores. Esses profissionais mantêm contatos com os mexicanos e estão ligados a quadrilhas internacionais que exploram o tráfico de mulheres. Usam ou mantêm agências de viagem de fachada. "Eles são um tipo de 171 das agências: levam a pessoa à loja e clonam cartões de crédito para comprar a passagem aérea", diz o delegado Luciano Dornellas. (*Revista Época eletrônica - <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65440-6014-322,00.htm> - acessado em 27/09/2006*)

Se Goiás foi um grande receptor de migrantes durante o século XX, principalmente a partir da década de 1960, agora ele se configura como uma das mais expressivas unidades federativas que exportam pessoas para países da Europa e para os EUA como demonstra o trecho retirado da reportagem da Revista Época acima citado.

Se o território goiano necessitava de mão-de-obra para implantar seu projeto de transformação do espaço agrário "arcaico" no espaço agrário da agroindústria, hoje, esse

mesmo espaço agrário transformado e modernizado não necessita mais dessa mão-de-obra. Surgem outras necessidades em quantidades menores e concentradas em determinadas regiões. Goiás reproduz a dinâmica socioterritorial do trabalho no Brasil e traz para seu território à lógica da divisão nacional, regional e internacional do trabalho.

Sendo assim, inverte-se o fluxo migratório, que antes vinha em seu sentido e agora está no caminho contrário. Essa inversão é facilitada pela precarização do trabalho em todo o mundo com forte crescimento do setor de serviços e ampliação dos trabalhadores subcontratados. Esse fenômeno não é privilégio de Goiás, é um fenômeno mundial ao qual Antunes (1995) relata em sua obra sobre as metamorfoses contemporâneas do mundo do trabalho.

“Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços; verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa também através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário; vivencia-se também uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado”, que marca a *sociedade dual* no capitalismo avançado, da qual os *gastarbeiters* na Alemanha e o *lavoro nero* na Itália são exemplos do enorme contingente de trabalho imigrante que se dirige para o chamado Primeiro Mundo, em busca do que ainda permanece do *welfare state*, invertendo o fluxo migratório de décadas anteriores, que era do centro para periferia. (ANTUNES, 1995: 41)”

A relação migração-trabalho está presente em muitos trabalhos demográficos sobre movimentação populacional, mobilidade humana ou outras denominações afins, sejam eles científicos ou jornalísticos. Sociólogos, historiadores, geógrafos, economistas, entre outros estudiosos da sociedade, abordam essa relação na centralidade dos movimentos populacionais.

Em quase todas as reportagens pesquisadas, aparecem o trabalho, a renda e a situação social como elementos importantes nas tomadas de decisão para os migrantes brasileiros aventurarem em terras distantes.

Goiás se encontra no centro de um debate internacional sobre migrações e seus efeitos na economia mundial e na dinâmica da divisão internacional do trabalho se refletem na estrutura do Estado-Nação.

Appadurai (1996) faz uma abordagem dos efeitos migratórios internacionais na crise do Estado-Nação da contemporaneidade à qual a categoria trabalho aparece mais uma vez no centro das discussões sobre migrações e transformações socioespaciais.

“Paradoxalmente, os movimentos humanos característicos do mundo contemporâneo são igualmente uma ameaça ao Estado-Nação, assim como a conexão dos sujeitos à vida local. A constituição do Estado-Nação pressupõe o isomorfismo entre povo, território e soberania legítima, que se encontra ameaçado pelas formas de circulação de pessoas características do mundo contemporâneo. Tornou-se notável como, no mundo em que vivemos, o movimento humano costuma ser decisivo na vida social, e não algo excepcional. O trabalho, tanto intelectual, mais sofisticado, como aquele do proletário mais humilde, leva as pessoas a migrar, freqüentemente mais do que uma vez. (APPADURAI, 1996: 2)”

No entanto, esses reflexos das migrações internacionais na organização sociopolítica dos Estados-Nação vão se deparar com a situação conflituosa da divisão interna do trabalho, pois cada lugar carrega ainda uma intensa dinâmica populacional causada pela divisão interna do trabalho, em que o desemprego estrutural e a precarização do trabalho são fortes elementos desse novo contexto socioespacial.

Diante do exposto, podemos dizer que Goiás se constitui em um território de uma notável dinâmica migratória interna. De acordo com que situamos na reflexão anterior, a forma desigual em que se deu seu processo de transformação socioespacial contribuiu para produção de uma diferenciação regional complexa, estruturada em pólos regionais de recursos concentrados em áreas estratégicas para o capital internacional. Isso provoca um fluxo migratório intermunicipal considerável entre suas regiões, pois a disponibilidade de trabalho rentável não acontece em todo seu território.

Mesmo obedecendo a uma lógica global, Goiás guarda em si seu modo singular de se apresentar na divisão internacional do trabalho, que se manifesta em sua movimentação populacional interna. Santos (1982) diz que a divisão internacional do trabalho aponta os rumos gerais em que o país deve se orientar e que a divisão interna do trabalho lhe atribui novas funções de acordo com a sua realidade.

“A divisão internacional do trabalho explica a seletividade espacial na realização de funções, mediante critérios como a necessidade, a rentabilidade e a segurança de uma dada produção. A divisão interna do trabalho nos mostra o movimento da sociedade, a criação e os reclamos de novas funções e a maneira como essas funções são abrigadas pelas formas preexistentes ou novas. (SANTOS, 1982: 41)”

Analisaremos a importância do trabalho e da renda em diferentes regiões de Goiás e como isso influencia na dinâmica populacional de alguns municípios inseridos nessas regiões, ou seja, procuraremos relacionar as dinâmicas socioeconômicas às demográficas. Essa pesquisa está identificando que as migrações internacionais têm um forte laço com a situação socioeconômica do sujeito que se aventura sair de seu lugar, abandonar sua “identidade” espacial e se tornar alteridade em outros cantos. O migrante, nessa situação, freqüentemente é um Outro negativo no além-mar.

No entanto, não podemos deixar de fazer uma relação com o problema migratório internacional e suas conseqüências, uma vez que, como já afirmamos neste trabalho, Goiás reproduz a lógica da divisão internacional do trabalho e o objetivo deste é fazer a relação entre trabalho e migração.

Haesbaert (2004) ao trabalhar com o conceito de mobilidade humana e desterritorialização utiliza o conceito de nômade em lugar de migrante para trabalhar seu livro e justifica relacionando o migrante com o trabalho.

“Como a mobilidade está diretamente ligada aos distintos sujeitos que propõem e/ou aos atores que a exercem, devemos esclarecer de que sujeitos e, portanto, de que mobilidade estamos tratando. Optamos por trabalhar aqui com o nômade, figura-símbolo de uma certa pós-modernidade; o vagabundo, de certa forma seu correspondente “moderno” e, pela sua relevância geográfica contemporânea, o

migrante. Enquanto os primeiros têm uma forte carga cultural de marginalidade e/ou subversão (apesar da centralidade, mesmo que metafórica, assumida pelo nômade pós-moderno), o migrante é parcela integrante – ou que está em busca de integração – numa (pós) modernidade marcada pela flexibilização – e precarização – das relações de trabalho. (HAESBAERT, 2004: 238)”

Segundo Haesbaert (2004), o migrante está sempre à procura de sua integração social e econômica por meio do trabalho. Os estudos sobre migração no território goiano confirmam o conceito, colocando no centro de seus debates o trabalho e a renda como elementos importantes na influência que leva o migrante a tomar a decisão de seus passos rumo a novos territórios.

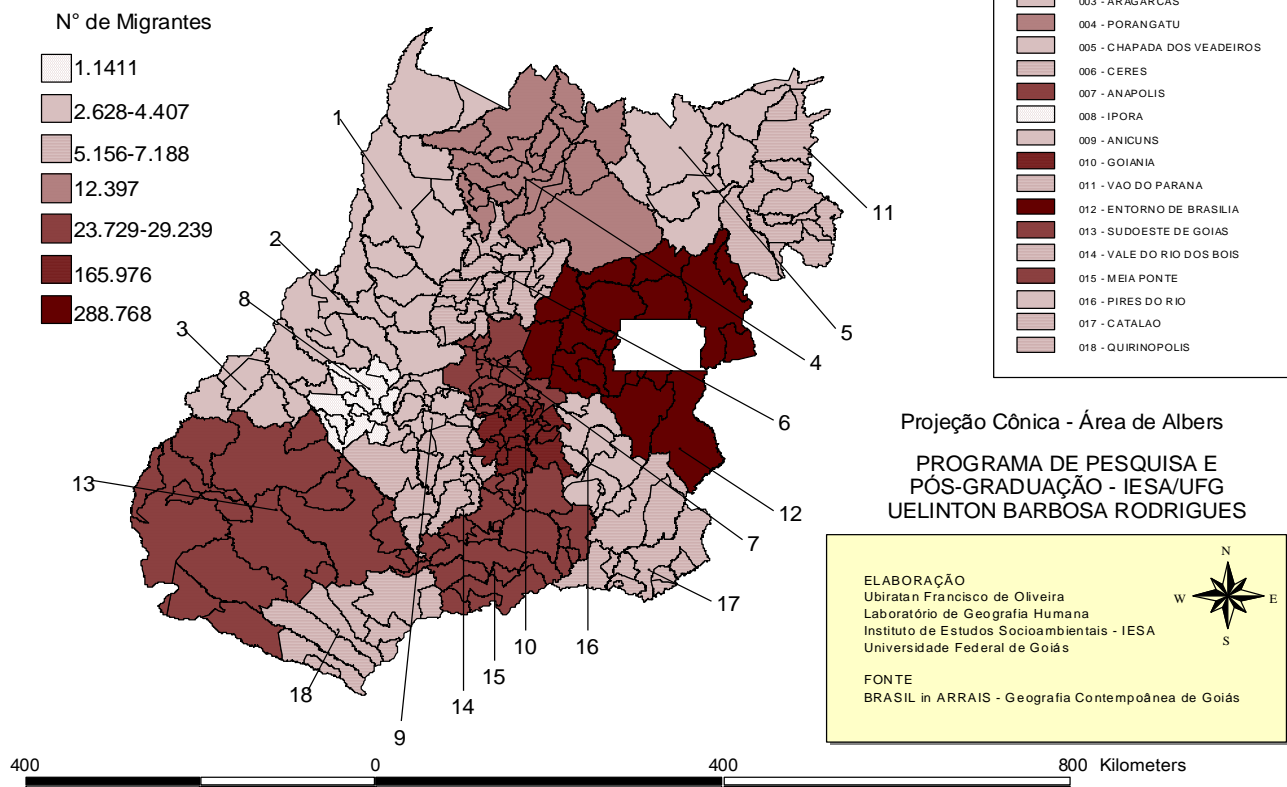
Para (Martins, 1997) o capitalismo na verdade desenraíza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade capitalista essa é uma regra estruturante: todos nós, em vários momentos da nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É própria dessa lógica de exclusão a inclusão. A sociedade capitalista desenraíza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão.

2.4 - O fluxo migratório e a configuração socioespacial de Goiás: Políticas Públicas, Infra-estrutura, produção e movimentação populacional

Um elemento interessante do trabalho de Arrais (2004) é um mapa trabalhado pelo autor em que, baseado nos dados do Censo de 2000, nos apresenta a espacialização da migração em Goiás segundo as microrregiões (mapa 04). O referido mapa demonstra o quanto as migrações se concentraram nas microrregiões dos grandes centros metropolitanos e nas microrregiões que mais receberam investimentos e infra-estrutura no processo de modernização do território Goiano.

Mapa 04

Pessoas Não Naturais de Goiás por Microrregiões - Censo 2000



Nesse contexto, as microrregiões do Entorno de Brasília e de Goiânia são as que mais receberam migrantes com menos de 10 anos residentes em Goiás, sendo respectivamente a primeira e a segunda em fluxo migratório. Elas são seguidas pelas microrregiões de Anápolis, Catalão e Sudoeste de Goiás que se encontram na mesma classe de distribuição, tendo, em seguida, com quantidade um pouco menor, a microrregião de Porangatu.

O que torna essa leitura interessante nesse trabalho é que essas microrregiões estão historicamente inseridas nos programas de modernização do Estado de Goiás e são partes significativas desse processo. As construções de Goiânia e Brasília são grandes marcos da transformação socioespacial do território goiano e, conseqüentemente, se tornaram grandes centros metropolitanos com poder econômico e político. Percebe-se facilmente nessas duas capitais que a economia tem sua força nos setores de serviços e comércio.

A microrregião de Goiânia se destaca nos setores de comércio & serviços e indústria, sendo a indústria de confecções um dos elementos importantes, nos últimos anos, no crescimento do emprego e geração de renda. O setor de confecções movimenta um grande fluxo de migrantes que vêm em busca de trabalho e negócios.

Segundo Castro & Brito (2006), a Região Centro Oeste do Brasil foi a segunda em crescimento do ramo de confecções no país, tendo o estado de Goiás como o maior concentrador desse crescimento: cerca de 75,63% das indústrias de confecções da região estavam situadas em Goiás no ano de 2004. Somente em Goiânia foram gerados mais de 17 mil empregos nesse ramo. Seguida de longe por Trindade com 1,8 mil e Aparecida de Goiânia com 1,3 mil, como mostram os dados da Tabela 04.

Tabela – 04 Geração de empregos por município da RMG – 2007/2004

Locais Municípios	1997		2004		Variação (%)	
	Nº Empresas	Nº Empregos	Nº Empresas	Nº Empregos	Empresas	Emprego
Ap. Goiânia	49	312	161	1.393	228,57	346,47
Goiânia	1.606	10.403	2.745	17.527	70,92	68,48
Trindade	62	1.339	100	1.813	61,29	35,40
APL*	1.717	12.054	3.006	20.733	75,07	72,00
Goiás	2.491	17.250	4.503	29.393	80,77	70,39
Brasil	65.678	516.960	83.104	672.614	26,53	30,11

Fonte: CNAE95 181 RAIS – MTE, 2004 In Conjuntura Econômica Goiana – fevereiro/2006

* Arranjo Produtivo Local

Anápolis, por sua posição geográfica privilegiada entre Goiânia e Brasília, forma o chamado “eixo Goiânia-Anápolis-Brasília” muito estudado por Arrais (2004). Apesar de ser bastante influenciada pelos dois maiores centros metropolitanos do centro-oeste brasileiro, Anápolis já se destacava como um grande pólo comercial e industrial de Goiás.

O Município aproveitou bem a chegada da estrada de ferro Mogiana em seus domínios, se transformando em centro logístico e industrial de muita importância para o centro-oeste brasileiro. Isso fez com que Anápolis fosse um dos pontos estratégicos das políticas públicas dos governos locais e nacionais em infra-estrutura para construção do porto seco que, hoje, se transformou no projeto da Plataforma Multimodal de Anápolis. Diante disso a cidade se consolida na indústria têxtil e farmacêutica, além de possuir em seu território a Base Área da Aeronáutica Brasileira, como bem descrevem Marques & Arriel (2006: 49)

“Anápolis, localizado entre a capital do estado, Goiânia, (52 km) e a capital federal, Brasília, (154 km), possui localização estratégica, concentra grandes centros de distribuição comercial e indústrias farmacêuticas, com destaque para produção de medicamentos genéricos. O Município é bem servido de infra-estrutura, situado numa região de entroncamento dos transportes rodoviário e ferroviário, conta ainda com um pólo educacional de nível superior e técnico que garante a capacitação da mão-de-obra local. Há ainda no município uma Estação

Aduaneira Interior (EADI) – Porto Seco Centro-Oeste, órgão que agiliza as operações de importação e exportação. Localiza-se também em Anápolis, a Base Aérea Militar do Planalto.”

Além de Anápolis, outro município importante como atração de migrantes na atualidade é Jaraguá, que possui 561 empresas do ramo de confecções e se torna o maior da região, no entanto o nível do salário dos empregados é bastante pequeno em relação à região de Goiânia.

A microrregião Catalão também teve muita influência da chegada da Mogiana em Goiás por ser a primeira região a ter contato com estrada de ferro e, com ela, o centro hegemônico da economia brasileira, ou seja, esse meio de transporte ligou Goiás ao Sudeste Brasileiro, em especial, ao Estado de São Paulo já no início do século XX, antes mesmo da existência de Goiânia e Brasília.

Os municípios dessa microrregião foram os primeiros a sentirem a necessidade de industrialização dos principais produtos goianos daquele período como produtos bovinos e o arroz (Estevam, 2004), que eram, antes da Mogiana, exportados sem nenhum beneficiamento, ou seja, como produtos primários. Catalão possui hoje um pólo industrial de montadoras de veículos e máquinas agrícolas, além de mineradoras.

A microrregião Sudoeste de Goiás se apresenta nesse cenário moderno do território goiano como um dos ícones da agroindústria brasileira. Grande centro produtor de grãos do Brasil, a microrregião Sudoeste de Goiás se torna região de atração de investimentos privados e públicos para viabilização da produção que têm destino certo, a exportação.

Para isso, a microrregião teve que passar por profundas transformações estruturais, na divisão do trabalho e na forma de produção. Rio Verde, Jataí e Chapadão do Céu se destacam na produção de soja e milho, sendo o primeiro produto utilizado quase que por completo na exportação e o segundo na exportação, mas uma grande quantidade para

abastecimento das granjas pertencentes aos complexos industriais alimentícios de Goiás, principalmente de Rio Verde.

Em 2004, os cinco primeiros grandes produtores de grãos de Goiás eram da microrregião Sudoeste de Goiás e, entre os dez primeiros, os municípios se somavam sete, ou seja, somente três municípios dentre os dez primeiros não eram da microrregião Sudoeste de Goiás.

Mas a microrregião não abandonou o gado. Jataí e Rio Verde que se configuravam, nesse período de 2003 e 2004 em primeiro e segundo lugar, respectivamente, no ranking de grãos, ocupavam a quarta e quinta colocação, na mesma seqüência nominal, em rebanho bovino. Além do mais, Caiapônia aparece em 7º lugar em produção de Grãos e em rebanho de Gado ocupa a 3º colocação.

A leitura da tabela abaixo vai demonstrar em número o que estamos refletindo:

Tabela 05 - Dez Primeiros Municípios do Ranking da Produção de Grãos e do Rebanho de Gado em Goiás			
Produção de Grãos em 2004 (t)		Rebanho Bovino em 2003 (cabeças)	
Jataí	1.231.014	Nova Crixás	656.670
Rio Verde	941.030	São Miguel do Araguaia	470.000
Chapadão do Céu	665.445	Caiapônia	387.578
Mineiros	592.650	Jataí	385.714
Montividiu	498.545	Rio Verde	380.000
Cristalina	492.347	Quirinópolis	367.000
Caiapônia	344.429	Jussara	365.320
Perolândia	292.527	Mineiros	331.026
Catalão	286.486	Porangatu	305.000
Ipameri	270.963	Serranópolis	283.054

Fonte: SEPLAN-GO/SEPIN

Outra microrregião de destaque na concentração de migrantes é a de Porangatu. Situada no centro do eixo de conexão de Brasília com o Norte do Brasil, essa região vem

recebendo um fluxo considerável de migrantes de várias partes do país, principalmente do Norte e Nordeste.

Seu acesso é facilitado por estar na rota da BR – 153 (Belém-Brasília) e conta hoje com um forte complexo de mineração de amianto em Minaçu. Porangatu se destaca na produção de bovinos. Segundo dados da SEPLAN-GO, o Município se encontrava na 9º posição do ranking estadual de rebanho bovino de 2003, como demonstra a tabela 4.

Queremos com essa breve descrição sobre algumas potencialidades econômicas dessas microrregiões elencar elementos que podem ser considerados importantes na consolidação dessas como as que mais recebem migrantes nos últimos dez anos, conforme demonstra o mapa de pessoas não naturais de Goiás com menos de 10 anos de permanência segundo as microrregiões (Mapa 04). Essas microrregiões possuem, no geral, economias fortes e são as que mais movimentam e contribuem para a economia do Estado.

Mas devemos ter claro em nossa análise que, historicamente, essas microrregiões não se tornaram viáveis economicamente sem a interferência do Estado. Podemos encontrar elementos interessantes que contribuem para esse desenho sócio-econômico do mapa de Goiás.

É interessante, por exemplo, como as microrregiões que mais receberam migrantes e, também, se desenvolveram economicamente, estão às margens das principais vias rodoviárias como a BR – 153 e BR – 060, formando um desenho com dois traçados: um meridional que vai da microrregião Porangatu até a microrregião Catalão (BR – 153) e outro na diagonal sudoeste-nordeste, que vai das microrregiões Entorno de Brasília e Formosa até a microrregião Sudoeste de Goiás (BR – 060).

Essas rodovias federais têm como objetivo exercer a função que era destinada à ferrovia no início do século XX, ou seja, escoar a produção Goiana para os grandes centros econômicos do país e do exterior. Além do mais, as regiões existentes ao longo dessas vias

recebem investimentos públicos e privados para instalação de estabelecimentos industriais que serão responsáveis pelo beneficiamento dos produtos primários de Goiás, (DEUS,2002) (MORAES, 2004).

A infra-estrutura construída e herdada não se sustenta sem a presença do Estado. Para tanto se faz necessária a introdução de sistemas de logística que atendam as demandas trazidas pelo desenvolvimento dessas microrregiões. Segundo Siqueira (2006), secretário de Estado do Planejamento e Desenvolvimento.

“Investir em logística, portanto, é assegurar condições adequadas à circulação de mercadorias e riquezas; mais que isso, é criar mecanismos necessários ao avanço econômico, com menores custos e mais eficiência. Em Goiás, as principais ferramentas de avanço da logística têm sido a pavimentação de novos trechos rodoviários, recuperação de outros, duplicação de rodovias, empenho incessante pela construção de ferrovias e melhoria de redes já instaladas, assim como em hidrovias e estrutura aeroviária. Tudo isso feito por meio de sólidas parcerias com outras esferas de poder e com a iniciativa privada. (SIQUEIRA, 2006: 3. In. Economia e Desenvolvimento, nov/dez-2006)”

A logística se transforma em um instrumento fundamental do estado para atrair os empreendimentos nacionais e transnacionais, os empreendimentos exigem mudanças estruturais do espaço rural e urbano. Essas mudanças geram a urbanização dos municípios e esse sistema complexo gera mais demandas de políticas públicas para essas microrregiões e essas demandas exigem novas alternativas de programas governamentais.

Nessa perspectiva, foi criado Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO), do Governo Federal e o Banco do Povo, do Governo Estadual, com o objetivo de desenvolvimento econômico da Região Centro-Oeste e geração de emprego junto à demanda criada com as transformações socioeconômicas ocorridas por conta da modernização do campo.

Ao analisar os dados dos últimos anos do FCO e do Banco do Povo, podemos perceber que esses programas têm uma ação mais intensificada nas regiões que já estão inseridas no sistema de produção já consolidado ao longo dos últimos anos. As mesmas

microrregiões que passaram pelo processo de mudanças para modernização do campo ou pelo surgimento das metrópoles nacionais são as que receberam os maiores investimentos desses programas e, conseqüentemente, foram as que mais geraram empregos e atraíram migrantes de outras partes do Brasil.

Portanto, ao analisar os mapas de migração (Mapa 4) e de geração de empregos pelo FCO Comercio e Serviços (Mapa 05), FCO Rural (Mapa 06), FCO Industrial (Mapa 07); as Tabelas 6, 7 e a Tabela 8), e dos 20 melhores em geração de emprego pelo banco do povo (mapa 08), percebemos que os municípios com maior geração de empregos estão, em sua maioria, nas microrregiões com maior recebimento de migrantes e, se localizam próximos das BRs 153 e 060, ou até mesmo, são cortados por elas, bem como, a localização da maior parte dos municípios que menos geraram empregos se situa mais distante dessas rodovias.

Deve-se ressaltar, é claro, que existem municípios de destaque entre os melhores que estão fora das rodovias e, da mesma forma, existem municípios com pouco rendimento dentro da linha das rodovias, mas estes se constituem minorias.

Tabela - 6

10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO RURAL (2000 - 2003)	
MUNICÍPIO	EMPREGOS
Rio Verde	13.953
Cristalina	3.073
Jataí	2.634
Quirinópolis	2.213
Mineiros	1.925
Goiatuba	1.492
Caçu	1.488
Morrinhos	1.398
Montividiu	1.264
Silvânia	1.229

Fonte: FCO-Goiás

Ao analisar a tabela 6, podemos perceber como os municípios das microrregiões da Região Sul de Goiás concentram os maiores números de geração de emprego pelo FCO-Rural, justamente onde a modernização da agricultura promovida pelas forças hegemônicas da economia goiana em parceria com o poder público.

Tabela - 7

10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO INDUSTRIAL (2000 - 2003)	
MUNICÍPIO	EMPREGOS
Goiânia	9.684
Anápolis	9.292
Rio Verde	7.359
Itumbiara	5.227
Catalão	3.818
Aparecida de Goiânia	2.000
Goiatuba	1.996
Mozarlandia	1.208
Itaberaí	1.193
Morrinhos	825

Fonte: FCO-Goiás

Na tabela 7 podemos perceber que o FCO-Industrial atinge outras regiões como o Centro e Oeste Goiano, passando pelas microrregiões de Goiânia, Anápolis e São Miguel do Araguaia por meio dos municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Iaberaí e Mozarlândia. Desses somente Mozarlândia e Itaberaí estão longe da roda das BRs 153 e 060, no entanto, eles são conectados aos grandes centros por meio das GOs 164 e 070, criadas para atender as demandas geradas com a industrialização de seus pólos produtores.

Tabela – 8.

10 Melhores em Geração de Empregos pelo FCO - COMÉRCIO E SERVIÇOS (2000 - 2003)	
MUNICÍPIO	EMPREGOS
Goiânia	2.622
Anápolis	1.598
Rio Verde	510
Aparecida de Goiânia	466
Itumbiara	260
Catalão	204

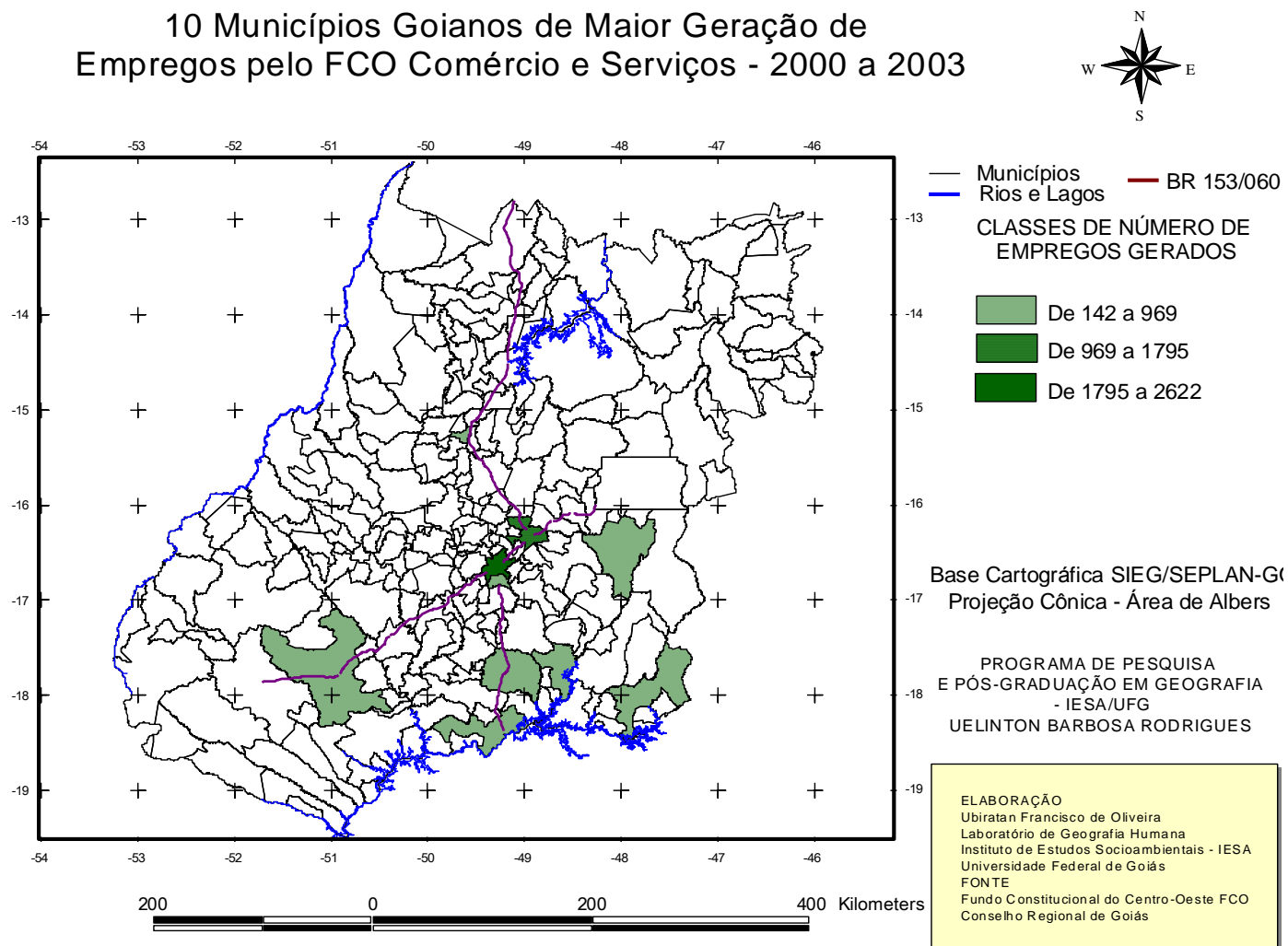
Ceres	172
Luziania	162
Caldas Novas	146
Morrinhos	142

Fonte: FCO-Goiás

Os empregos gerados pelo FCO-Serviços e Comércio estão concentrados nas microrregiões destacadas no mapa da migração (Mapa 4), e faz uma boa conexão com as metrópoles, confirmando o caráter metropolitano dessas atividades e como essas dão a função de pólos regionais a algumas cidades como Rio Verde, Catalão, Ceres e Itumbiara, que não são metrópoles, mas possuem uma quantidade considerável de cidades em órbitas aos seus arredores, a partir do que se denomina de área de influência, ou de arco de influências.

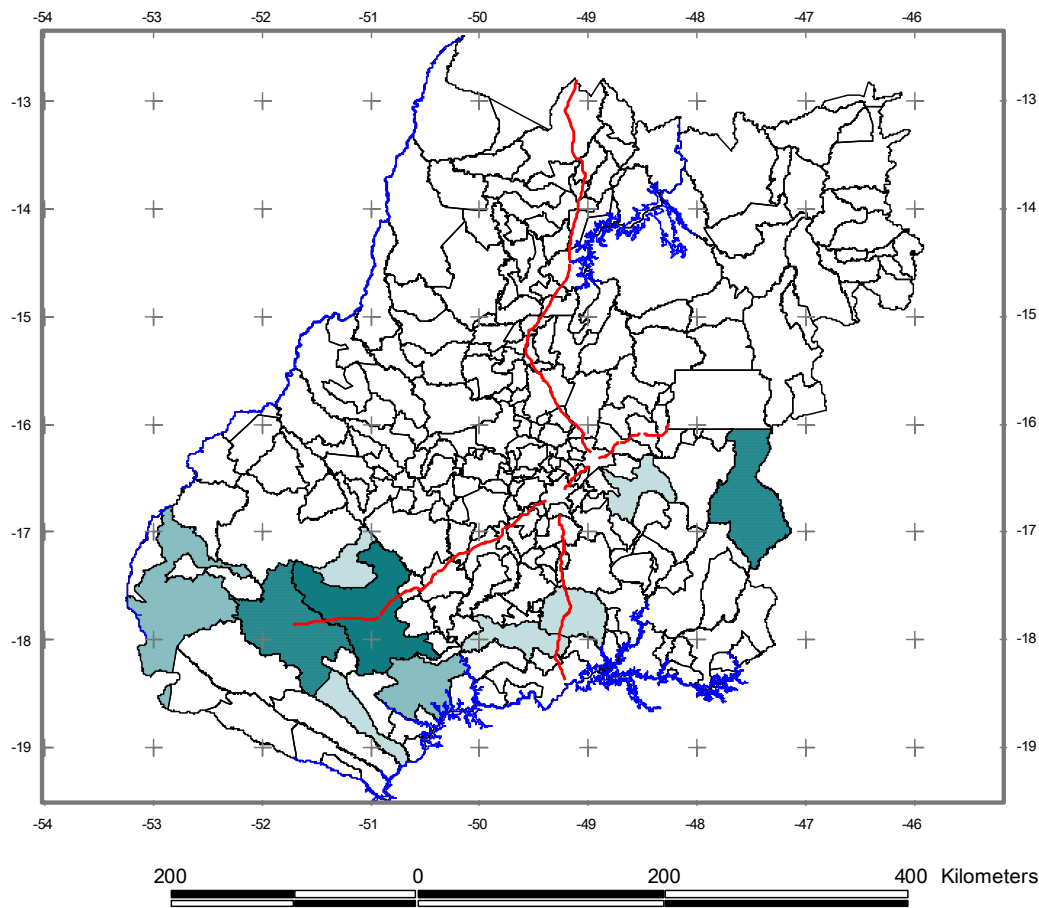
Mapa 05

10 Municípios Goianos de Maior Geração de Empregos pelo FCO Comércio e Serviços - 2000 a 2003



Mapa 06

10 Municípios Goianos de Maior Geração de Empregos pelo FCO Rural - 2000 a 2003



- Municípios
 - Rios e Lagos
 - BR 153/060
- CLASSES DE NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS**
- De 1229 a 1844
 - De 1844 a 2458
 - De 2458 a 3073
 - 13953

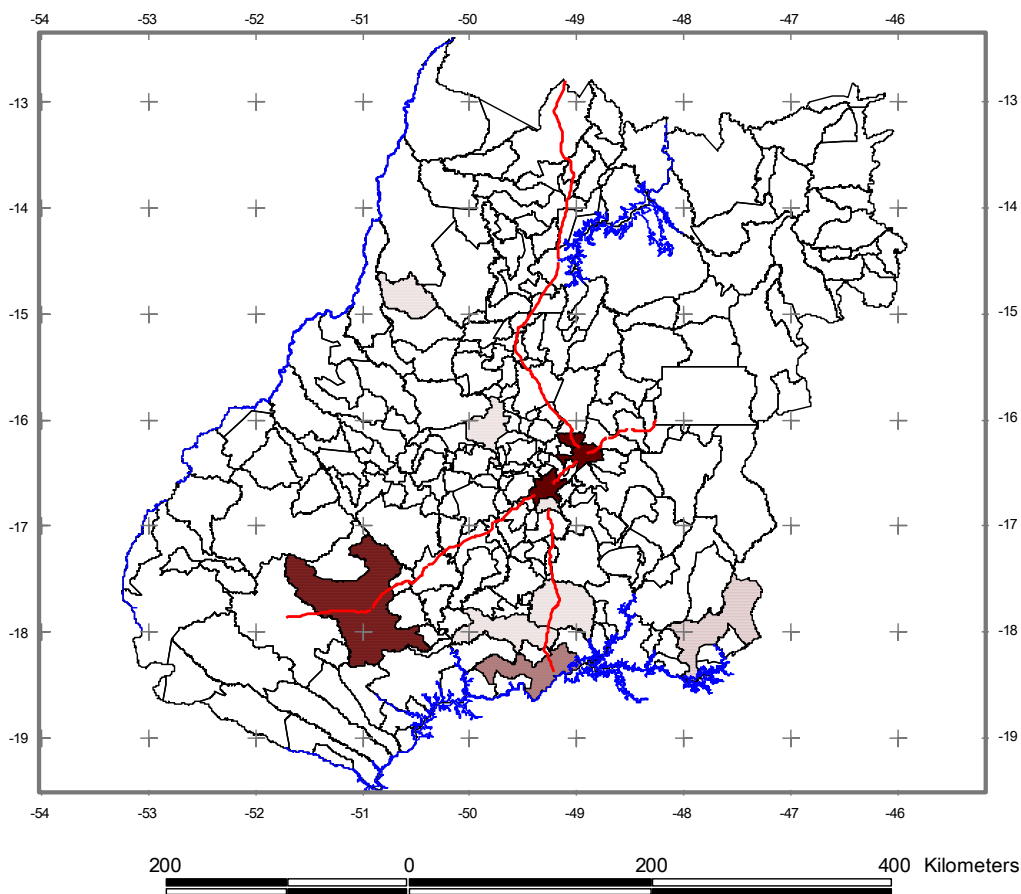
Base Cartográfica SIEG/SEPLAN-GO
 Projeção Cônica - Área de Albers

PROGRAMA DE PESQUISA
 E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 - IESA/UFG
 UELINTON BARBOSA RODRIGUES

ELABORAÇÃO
 Ubiratan Francisco de Oliveira
 Laboratório de Geografia Humana
 Instituto de Estudos Socioambientais - IESA
 Universidade Federal de Goiás
 FONTE
 Fundo Constitucional do Centro-Oeste FCO
 Conselho Regional de Goiás

Mapa 07

10 Municípios Goianos de Maior Geração de Empregos pelo FCO Industrial - 2000 a 2003



- Municípios
 - Rios e Lagos
 - BR 153/060
- CLASSES DE NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS**
- De 825 a 2597
 - De 2597 a 4369
 - De 4369 a 6140
 - 6140 a 7912
 - 7912 a 9684

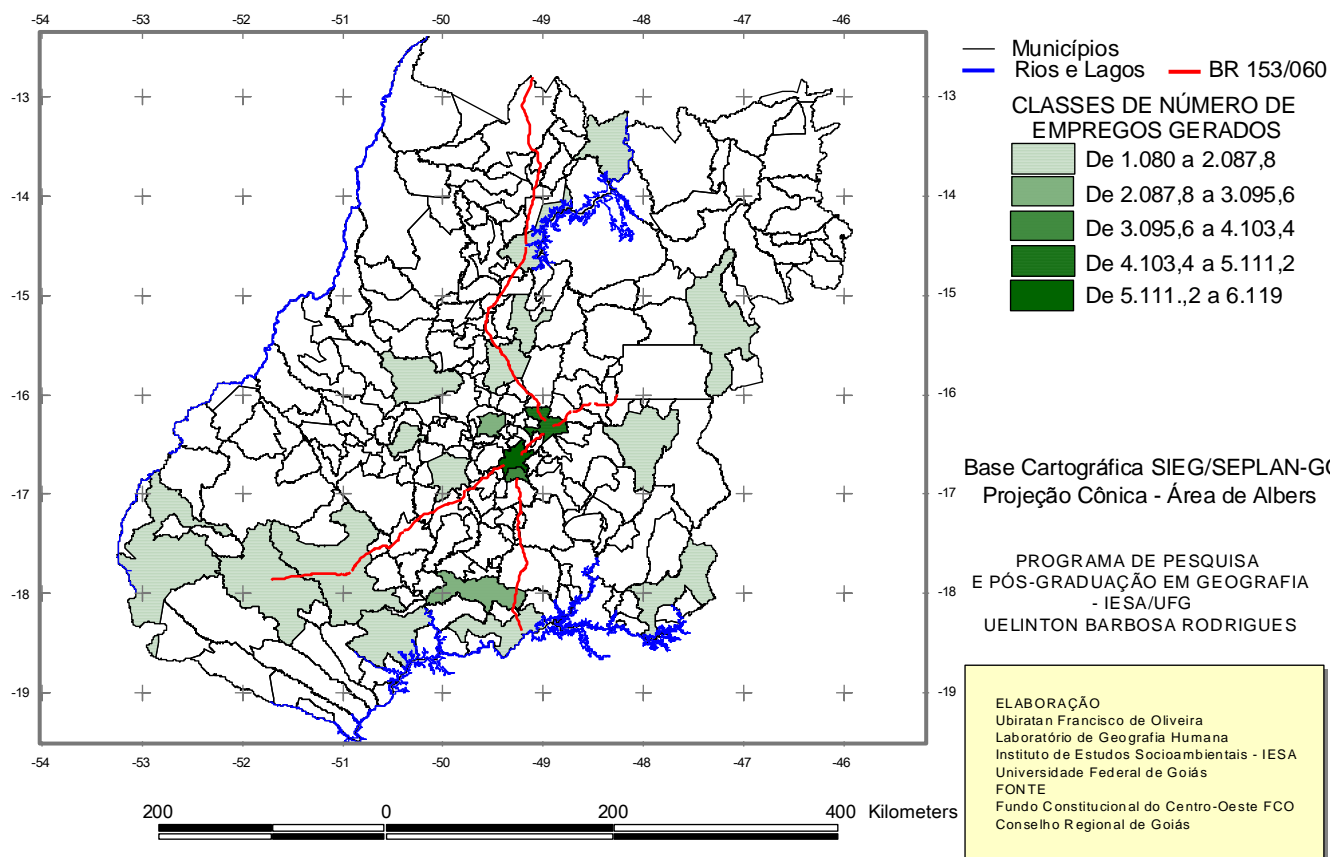
Base Cartográfica SIEG/SEPLAN-GO
 Projeção Cônica - Área de Albers

PROGRAMA DE PESQUISA
 E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 - IESA/UFG
 UELINTON BARBOSA RODRIGUES

ELABORAÇÃO
 Ubiratan Francisco de Oliveira
 Laboratório de Geografia Humana
 Instituto de Estudos Socioambientais - IESA
 Universidade Federal de Goiás
 FONTE
 Fundo Constitucional do Centro-Oeste FCO
 Conselho Regional de Goiás

Mapa 08

20 Melhores Municípios Goianos em Geração de Empregos pelo Banco do Povo - 1999 até Janeiro de 2006



A reflexão da migração internacional diante da situação do trabalho e da renda por intermédio da participação dos lugares goianos na divisão regional do trabalho e internacional ilustra e confirma a nossa hipótese: de que as mudanças metamorfozes socioespaciais do território goiano são governadas pelo modo como a sociedade capitalista globalizada usa o território como fonte de renda para os seus atores hegemônicos, configurando, ao mesmo tempo, a desigualdade social e a precarização do trabalho e do emprego.

Esse processo aglutina um conjunto de variáveis, de eventos e situações econômicas, culturais e subjetivas. As migrações internacionais de goiano para os países desenvolvidos não são, por isso, separada dos fluxos internos e de outras ordens. E nem do processo geral que comanda a modernização do território nesta fase.

Percebe-se pelos números e também pelos relatos de entrevistas que a relação entre sujeito e território é mediada pela economia. Essa mediação interfere nos dramas da existência, faz indivíduos exilarem de seus lugares, ou fazem sofrer humilhações, serem palco de um olhar xenófobo, estranharem outras línguas, chorarem de saudade de entes da família etc. O migrante luta pela vida – e o faz não como quer mas como pode dentro das condições materiais históricas em que sua situação de classe lhe permite.

CAPÍTULO III

**REPRESENTAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE MIGRANTES
DESTERRITORIALIZADOS**

Neste capítulo iremos tratar as temáticas relacionadas às experiências migratórias dos goianos na Europa e Estados Unidos. Temáticas como as experiências da vida cotidiana, os papéis não estereotipados, os êxitos, as contradições, os conflitos e as contribuições desses migrantes no campo da cultura, da economia, bem como, os preconceitos, os dramas vividos, serão alvos de nossas análises. Daremos visibilidade às subjetividades envolvidas na experiência migratória, dando voz aos migrantes de ‘carne e osso’ e não aos porta vozes oficiais representados por policiais, autoridades de migração, diplomatas, ministros políticos e sujeitos acadêmicos.

Tentaremos, ao máximo, não ficarmos presos aos ‘bailes das cifras’, no tratamento das informações relativas aos migrantes, às suas vivências no processo de migração, suas conseqüências e repercussões sociais. Pois estamos de acordo com Cabreira [2003] que diz “os sentidos ausentes, os que conformam “outra” história não são encontrados nos silêncios das fontes, como se postulava até bem recentemente, e sim no lugar de enunciação, no processo de constituição dos rígidos e elitistas marcos da razão ocidental.” Para tanto será dada a prioridade as falas de migrantes que muito revelam toda complexidade que envolve a trama migratória.

3.1 – Conflitos sociais de goianos depois do Atlântico: a vida precarizada do migrante

“Liguei pra minha mãe em prantos querendo voltar porque não conseguia trabalho. E as despesa aumentava porque tinha minhas despesa e as despesa do J.

Ele fazia as minhas, eu tinha que fazer às vezes, aí não compensava ficar lá. Liguei pra minha mãe desesperada. Falei "mãe, eu vou voltar porque não arrumo trabalho".

A pesquisa qualitativa mediante o modelo de entrevistas semi-estruturadas apontam um conjunto de conflitos sociais da vida do migrante. Esses conflitos são de diversas ordens que adentram o seu cotidiano na nova terra. O mais relevante e que atinge visceralmente o regime de expectativa do migrante diz respeito ao mundo do trabalho.

No relato apresentado, a informante, foi acompanhar o namorado. Saíra do Brasil esperançosa que, junto ao namorado, pudesse unir dois propósitos: desenvolver as suas relações de afeto com ele e construir possibilidades de angariar uma renda via trabalho.

Mas como acontece com quase todos migrantes, essa informante ficara quatro meses vivendo sob a custódia do namorado. O seu desespero, acalentado para não assustar os pais, chegou quase a um nível insuportável. Como ela mesma afirma logo em seguida: “há muita fantasia, lá não tem tanto emprego, assim”. Sobre isso, ela diz que:

“Muita gente fica desesperada, não foi só eu, não. Nossa! É angustiante você ir pra um país e ficar um tempão desse sem trabalho. Muita gente... Eu já conheci gente que teve quatro horas de trabalho. Quatro horas de trabalho lá não é nada. Você paga o seu aluguel e o seu transporte. Não sobra nem um vintém. Quatro horas é insignificante. E teve pessoas que já ficou um ano só com quatro horas de trabalho. Essas pessoas choravam, desesperavam mesmo...”

Além disso, se “arrumar um emprego” é tarefa difícil que, em muitos casos, entra numa órbita mercantil com o processo de “venda de trabalho” mediante o tráfico de influência, ou apenas de informação, o susto maior é com as condições de trabalho. Então diz a mesma informante:

“No começo eu trabalhava apenas quatro horas, mas não dava para pagar as contas. Eu era uma camareira, limpava também. Então, vi que tinha que trabalhar mais. Então, arrumei mais um emprego de quatro horas, até arrumar o terceiro

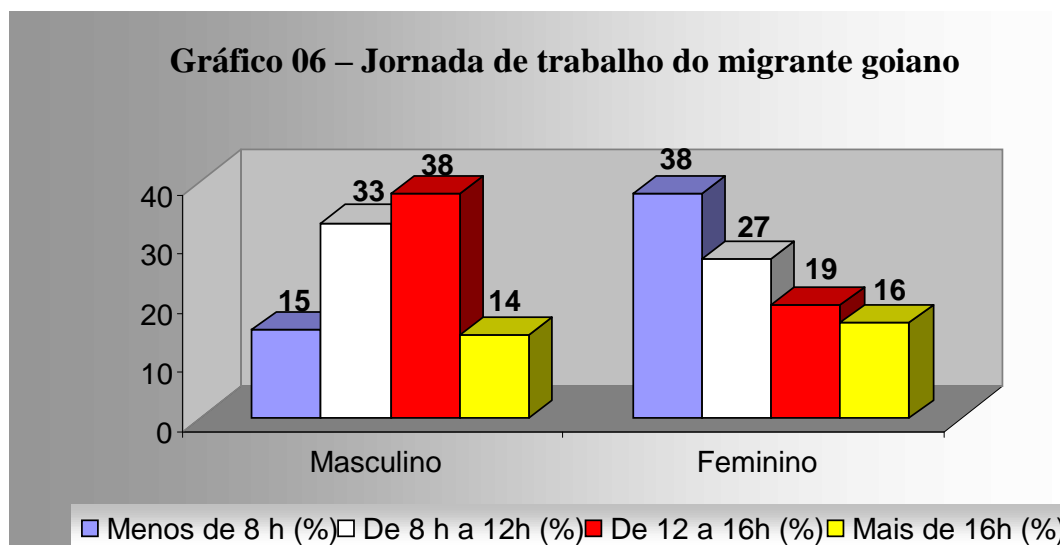
emprego. Com esses três começou a compensar, dava para pagar as contas, ajuntar um dinheirim...Lá todo mundo é assim: eu era quem trabalhava menos”.

A jornada de trabalho é o que mais assusta o migrante e o coloca num conflito interno. Os que são determinados e sentem que necessitam de trabalhar mais, resolvem o conflito interno, procurando novos empregos. Os que vêem que para acumular uma renda possível de fazer pequenos investimentos em seus lugares de origens, necessitam de precarizar o corpo, entram num beco sem saída: se voltarem representam para si um fracasso; se ficarem, se sentem humilhados. Um informante diz:

“Lá tinha um rapaz de Goiânia, coitado, coitado! Ele trabalhava mais de 20 horas. Ele dormia apenas duas horas. Ele começou a ficar louco, bater a cabeça na parede, gritar, chorar. Delírio mesmo. A maioria é assim, tem que trabalhar muito, muito. Se não trabalhar como faz?”

O acúmulo de jornada de trabalho para gerar compensação financeira dissolve um mito ideológico do processo migratório e revela o conteúdo social de sua face: a diferença da moeda e a precarização das condições de trabalho são características que definem a diferença de renda entre o trabalho exercido no Brasil e nos países ricos.

Na tentativa de desvendar as minúcias da precarização do trabalho migrante, aplicamos um questionário com o intuito de entender como se dá esse processo nos países desenvolvidos. Conforme o gráfico 06, a jornada de trabalho é um dos elementos estruturantes da lida migratória. A jornada de trabalho em sua grande maioria está acima das 8 horas de trabalho diário. Esse número corresponde a 85% no universo masculino e 62% no feminino. Sendo que 38% dos trabalhadores têm jornada de trabalho entre 12-16h; e 14% têm jornada de trabalho acima das 16 horas diárias.



Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Vê-se que o processo de exploração e precarização do trabalho migrante é mediado pela divisão internacional do trabalho e pelo modo de acumulação financeirizada. Mas dois aspectos se apresentam aí: um é que o processo de precarização da vida se estende em diferentes aspectos. Diz um informante:

“Ah, a gente tenta comer o que a gente come aqui. Mas tem migrante que come qualquer coisa, ou chega até não comer para economizar. Tem gente que fica doído por causa do dinheiro. Fica doído. Aí não come. Passa fome. E tem gente que não tem tempo nem de cume. Come lanche no trabalho. Eu conheci um rapaz que magreceu 15 quilos num ano...”.

A relação entre trabalho, precarização de vida e alimentação traduz-se num interessante foco: o processo de trabalho do migrante goiano nos países desenvolvidos responde por desenvolver uma corporeidade profundamente sofrida, esmagada, espoliada. A corporeidade desse migrante é então comandada pela relação capital/trabalho na condição aviltada gerida pela ânsia do dinheiro. Essa corporeidade definida pelo “trabalho árduo” entra na rota de uma contradição: enquanto do século XIX para o século XX

apresenta a luta dos trabalhadores por diminuição da jornada do trabalho, o migrante entra numa rota adversa, estende-se a sua jornada em níveis excessivos. Diz o migrante:

“Quase todos os primos de nossa família ficou doente. Enquanto ocê ta trabalhando, vai, mas depois, fica doente. Muitos tiveram que ficar internado. A gente ajudava. Mas tem gente que muda demais: não ajuda ninguém, não. Fica doido por dinheiro. Outros ficam doido e bebem muito, bebem demais. Aí gastam o dinheiro todo. Cê sabe, lá tudo é muito caro”.

Como se vê, o organismo responde pela flagelação do excesso do trabalho. Mas a doença não atinge apenas as esferas dos órgãos. No relato visto, ela entra no processo subjetivo, no sistema nervoso, nas representações mentais, como é o caso dos que “bebem para esquecer a vida sofrida”. Essa condição subjetiva é relatada pelo migrante:

“A gente fica muito esquisito. No começo, não vou mentir procês, não: eu achava tudo bonito, tava com meu namorado. O país é lindo. Mas depois veio coisa estranha, sonhava cada sonho doido, pesadelo, sabe! Estava longe do meu pai, da minha mãe. O meu pai tava doente: não sabia o que tava acontecendo com ele. Dava um desespero. A gente não tem tempo de pensar direito. Corre demais...”

Ao verificar que a precarização do trabalho entra na ordem subjetiva, inclusive no inconsciente do migrante, como relatou pelos sonhos que tinha, tentamos averiguar o modo como fazia a leitura da sua condição de migrante. Então perguntamos para vários deles “o migrante mentia para os parentes que estavam no Brasil ou falavam a verdade”. Veja as respostas:

“Mente. Muitos mente. Fica com vergonha, de dizer a verdade pros parente. Eu cheguei a falá prum amigo meu: não mente não, sô! Eu não acho que deve mentir, não. Mais é difícil falar pros país o que a gente passa. Se os pais ficá sabeno, eles fica doido. Eu não quiria menti, mas não falava pra minha mãe tudo, né! Não falava por causa pra evitá a dor dela”.

“Ninguém conta o que passou, não. Tem gente que passa fome. Tem gente que entra na droga. Tem gente que muda dimais. Lá é outra pessoa. Agora, todos falam que ganham muito, que lá só tem coisa boa. Isso não é verdade. Lá é uma reclameira danada...”

“Quando eu fui foi que eu vi que não sabia direito o que era lá. Aqui ta difícil. Eu não vou reclamá, não. Ganhei um dinheiro que eu não ia ganhá aqui. Não ia. Mas sofri dimais. Batalhei. Compensou. Só que eu nem dô conta de falá procês o que eu passei. Tenho até medo de falá”.

Verificou-se que, à medida que mostramos para o entrevistado que se tem noção do que ocorre com a sua vida no país para qual migrou, ele vai desatando as correias de representação. Mas alguns, especialmente os que são determinados pela ideologia do dinheiro, preferem mentir que não mentem: “Não, lá nunca sofri preconceito. Fui bem tratado. Trabalhava como aqui mesmo no Brasil...”

Observa-se que a representação do migrante sobre as condições de trabalho – e de vida – é mediada pela ideologia burguesa. E muitos casos, as situações de sofrimento são escondidas para proteger os pais; em outros casos, revelá-las é o mesmo que dizer “que o corpo é prostituído e aviltado pelas condições difíceis de trabalho”.

Uma informante foi categórica ao dizer: “se for viver lá, não compensa. Lá não pode viver. Eu tenho uns primo que bebem, viajam. Cadê o dinheiro. Eles não trouxe nada. Nada mesmo. As mães deles tiveram que pagar as passagens deles para eles vir visitar elas”.

Ainda que a representação das condições de migrante sejam, ideologicamente, escondidas, há um conflito concreto no modo como o migrante se sente perante o seu futuro. Numa espécie de síndrome-dos-sem-lugares, quando estão fora do país pensam o sacrifício do trabalho para terem uma volta e uma vida digna; quando retornam ao Brasil,

ficam estranhados e entristecidos por terem se iludidos com a migração e não terem realizados os seus sonhos.

Ao inquirir a migrante que conseguiu, juntamente com o parceiro, acumular uma boa poupança, se sentia realizada ou se desejaria voltar. Ela narrou:

“E pior que dá vontade de voltar mesmo. É uma coisa impressionante. Você sente saudades daquilo. Eu, às vezes... Eu tava sentindo saudades. Esses dias mesmo, eu me peguei pensando em voltar. Você sente saudade. É uma coisa estranha. Sei lá. É estranho mesmo. Não porque eu queira voltar, porque eu não quero. Mas tem dia que você sente saudade. Da correria, de poder comprar as coisas assim com muito mais facilidade. Dá uma confusão na cabeça”.

Isso que ela chama de “confusão na cabeça” se traduz numa espécie de culpa por não ter tudo aquilo que imaginou. Diante da culpa, pensa em voltar. Mas vendo a tranquilidade de se morar em seu lugar de origem, coloca a vontade em dúvida. Ela continua explicando esse processo:

“Até hoje eu tô. É muito estranho. E eu não quero voltar. Mas tem dias que você se pega pensando 'Nossa! Eu acho que vou voltar'. Você sente tanta falta da correria, de tudo. Só que é horrível, a gente é humilhado demais. Não tem vida naquilo. Se você for pra juntar dinheiro, você não tem vida. Não é igual aqui. Você tá com a sua família. Você pede uma informação sem medo. Lá é horrível. Você tem medo de polícia. A gente fica com medo de policial na rua. Eu não passo nem em frente.”

Veja que no interior da própria narrativa a perplexidade se soma. O seu tom emotivo, a sua dúvida, a própria justificativa incluindo a presença da família, o medo da polícia por ser ilegal, arrebatam a sua consciência. Ela fala:

“Eu me sentia humilhada todos os dias lá. O jeito de tratar deles é horrível. Horrível mesmo. É por essas e outras que a gente. Eu não penso em voltar. Eu que eu era, deus me livre, massacrada no trabalho. Só porque eu não sei se eles sabem que é feito contrato com esse tanto de migrante não legal. Pra eles, nós somos legais, porque a gente vai com documento falso, e eles nos contratam. Aí a

portuguesa, nossa, ela humilhava, explorava muito a gente no trabalho. Ficava chantageando, "ai, vocês não têm o direito de reclamar, não" Tipo. Ela falava isso o tempo inteiro. Explorava a gente no trabalho demais, mandava a gente fazer um monte de coisa e as outras não faziam.”

Ainda que diz “que não pensa em voltar”, na verdade pensa; é acometida por esse conflito. Outro informante é mais decisivo:

“Olha, eu fui deportado. Ficava com medo de ser pego. Sofria demais, olhando prus lado. Paranóico. Sei lá, paranóico. Até que um dia, eles me pegaram. Vim pra ca, não foi ruim, não. Vi o meu pai, a minha mãe. Já tem mais de um ano que to aqui. Agora to trabalhado. Não to descontente, não. Mas quero voltá. Quero memo. Eu...eu não deu tempo pra juntá o dinheiro que eu quiria. O dinheiro que eu trouxe não dá pra tocá nenhuma coisa pra mim...”

Um dos sonhos do migrante é a volta. E com ela trazer um dinheiro que seja possível tocar um negócio próprio e dizer para o seu grupo que é um bem sucedido na vida. Essa vertente liberal é o centro das dúvidas do migrante. Outro informante diz:

“Não, meu objetivo é de montar um negócio pra mim, entendeu? Então, minha intenção é essa de ir pra lá e tentar abrir alguma coisa pra mim, mas o dinheiro não é o suficiente, mas eu tenho a intenção de trabalhar pra abrir alguma coisa pra mim, apesar de que hoje, tá difícil demais aqui. Aqui, qualquer coisa que você for mexer aqui, é perigoso você fazer... Melhor investimento que eu acho é fazer casa, alugar e fazer sala comercial. Eu acho que o certo é isso, sabe, mas pra isso tem que dá sorte, tem que dá sorte de entrar, de arrumar um serviço lá também”

A leitura do migrante sobre as dificuldades de lá – e as dificuldades daqui – são travadas no sentido de ver a totalidade social em que, tanto lá sofrendo humilhações e precarizando a vida, como aqui com dificuldades de reproduzir as condições dignas de existência, possuem um sentido social ligado ao modo de produção capitalista na ordem histórica vigente.

3.2 – conflitos culturais da migração internacional

“A malandragem do brasileiro, eles levam. Inclusive, não sei se... isso, algum pessoal, muita gente teve problema com gente do Novo Mundo de roubar, de fazer alguma coisa errada. Todos os bairros têm, mas o Novo Mundo tem a fama de ser mais e, realmente, muitas coisas comprovam. Tem uns que migram daqui pra Londres, continuam com a mesma situação. Roubam moto. A cultura do roubo que eles tinha no nosso país, ele levou pra lá. E, às vezes, a própria pessoa quando se diz que é do Novo Mundo, ela é marginalizada. Eu digo que sou brasileiro, eu tenho um tratamento. Se eu disser que sou brasileiro e sou do Novo Mundo, as pessoas até aprenderam o nome pela quantidade de problema que existe”.

A narrativa desse informante apresenta a leitura que o migrante faz do brasileiro ancorado na imagem de que “o brasileiro é malandro por natureza tropical”. Essa leitura é complexa, pois toma como referência a imagem inglesa feita do Brasil aportado numa concepção xenófoba de todos aqueles que, historicamente, não exploraram o país.

O migrante-narrador toma a representação xenófoba como sua e internaliza-a para ler a situação do brasileiro?”...muita gente teve problema com gente do Novo Mundo de roubar, de fazer alguma coisa errada”. Essa visão aparece como conflito entre brasileiros e brasileiros. Outro migrante diz:

“Olha, tem brasileiro que chega lá e quer ser o rei, pensa que é o rei. Não olha pra ninguém. Acha que mora num país rico, bonito e cuspe no prato que comeu. Eu fiquei decepcionado. Eu não tive ajuda, não. Foi difícil. O egoísmo é grande demais. Eu já vi briga braba de brasileiro com brasileiro por causa de pouca coisa. E já vi gente ficá decepcionado até com parente. Eu fiquei muito decepcionado”.

Essa decepção mostra que as redes de migrantes, além de costurarem a ida, o emprego, a moradia, definem também territorialidades de afeto e de tensão além do Atlântico. Essas territorialidades definem encontros, festas, às vezes apoios, namoros, passeios e lançam uma profunda disputa por dinheiro:

“Eu emprestei dinheiro prum danado. Ele quase chorava, dizia que tava passando fome, isso, aquilo. Aí emprestei de novo. Depois descobri que ele era malandro. Outros amigos disseram que tinham emprestado também. Lá existe isso. Tem gente lá que tem preguiça de trabalhar. O trabalho duro. Ocê acha que trabalhar daquele tanto é fácil, num é, não”.

Mais à frente comenta com emoção:

“Eu tive ajuda demais de uns amigos aqui de Goiânia. Se não fosse eles, eu não sabia, não!!! Não sabia. Às vezes a gente fica fraco da cabeça, dá uma doideira, dá vontade de pular o mar, ver as pessoas, abraçar, comer aquela comida da mãe da gente, né! Ver as pessoas, andar na cidade sem medo”.

Perguntamos como era a saudade:

“Rapaz saudade, saudade é coisa doida. Eu quando cheguei sonhava demais. Era uns sonhos esquisitos. Ficava até com medo. Depois fui acostumando, acalmando. Agora saudade, a gente sente. Sente muito memo. Você pensa – quando tem tempo para pensá – que nunca mais vai voltá, que vai morrê sem vê as pessoas. É ruim demais. Mas depois acostuma. É a vida, né”.

Interessado em saber como o conflito subjetivo invade o inconsciente através do sonho, fizemos uma pergunta com tino duplo: o que ele sonhava e se as pessoas que ganhavam mais dinheiro tinham tanta saudade. O informante rindo brincou:

“Sabe que eu não tinha pensado nisso! É verdade: quando a gente ganha um dinheirinho acaba a saudade. Olha lá tem brasileiro mitido. Tem uns que fala inglês e acham que são ingleses, sabe! Eles acham tudo. Falam que não qué voltá, falam que acha bão lá, fala tudo...Os sonhos? Eu sonhava com cobra, monstro, esses negócios...”.

Fora os sonhos, o fato que sofreu uma contradição entre os informantes foi o tratamento que os trabalhadores migrantes sofriam pelos ingleses. Um informante contente com a sua situação narra:

“Não, o preconceito sobre o estrangeiro depende de partes e depende do quê. O brasileiro hoje, principalmente no estrangeiro, é muito cotado como, é

marginalizado pelo fato dele próprio. Os primeiros brasileiros que chegaram, bem... eu conheci brasileiros lá que tem vinte anos de história, quinze anos de história, quando eles entraram no país, alguns até pediram a dupla nacionalidade, optando após pela própria ou excluindo a nacionalidade brasileira, tirando de si. Acho que é uma ignorância, mas tudo bem, é opção própria, mas seria o fato das pessoas mesmo tarem fazendo errado. Os brasileiros, de um modo geral, os bancos... Os brasileiros costumavam dizer que eles eram bobos. Se você vai num banco e você é um imigrante legal ou ilegal, antes davam oportunidade pra que você legalizasse, fizessem um mínimo pra você abrir aquela conta no banco. É algo muito simples pra eles. Os brasileiros começaram a agir de forma seguinte, fazia um documento falso, com uma foto própria e um nome que não tinha nada a ver e abriam conta. Tinha brasileiro que tinha seis, sete contas, cada uma com um nome diferente. Chegou um ponto há três, quatro meses atrás, uma rede bancária, havia uma foto duma brasileira, ela tinha abrido cinqüenta contas com diferentes nomes na rede bancária. Eles tavam oferecendo dinheiro pra quem desse informação sobre ela, que ela eu um prejuízo muito grande, não era divulgado o valor do prejuízo, mas era muito grande. Sabe-se que era algo extraordinário, em relação ao dinheiro, principalmente se você transformasse a moeda em real. E assim as pessoas vão se marginalizando. Por si próprio. Eles vão se mutilando, se mutilando aos poucos e as pessoas acabam excluindo. Se você vai pro trânsito, a maioria dos acidentes hoje, pune os brasileiros. Que o brasileiro lá, a maioria trabalha com moto, trabalha com *delivery*, trabalha muito com entregas. Tem muito acidente e eles, a maioria tá envolvido, tem muito brasileiro envolvido em acidente. Ah, o sistema bancário tem problema com brasileiro, com todas as culturas têm, mas eu tô dizendo sobre a minha que era a que eu convivia mais.”

A culpabilização do migrante brasileiro, apregoando que ele se marginaliza, é profundamente contravertida por outro informante, mostrando que o conflito perpassa a produção da imagem de si. Especialmente, os que tiveram mais oportunidades e, em nome do acúmulo de dinheiro, silenciou o sofrimento, isso é mais evidenciado. Mas os que não tiveram tantas oportunidades se colocam contra essa representação narrando fatos covardes:

“Adoece mesmo. Assim, eu não sei porque lá, a gente trabalha com água quente. Lá é duas torneira: quente e fria, sabe. Às vezes, a pessoa liga as duas e já vai indo com... e acaba com a pessoa tudo. Geralmente, o pessoal que trabalha em

restaurante, nossa, são os que mais sofre. Eu não sofria tanto no meu trabalho não porque o meu sofrimento maior era só correr dos meninos lá, sabe. Tinha uns muleque lá em Londres lá que eles são terrível. É uma cultura deles que eles têm lá. Pegar entregador de pizza e porretar, roubar pizza, roubar moto, pôr fogo na moto. É isso. Negócio deles é isso. Tacar pau, pedra”

Narrando com veemência emocional, este migrante mostra o sinal na pele. Entre risos e raiva um sentimento de força lhe toma conta. Ao fazer a narrativa, deixa entremear a sua sede de vingança e a sua consciência da brincadeira dos adolescentes ingleses de, ao saberem que os entregadores de pizzas brasileiros são ilegais, usam-nos para exercer uma xenofobia principiante. Perguntamos se ele sentia-se humilhado. A resposta veio pronta:

“Eu senti muito humilhado, dava vontade de matar, dava vontade. Era muita covardia. Às vezes eu pensava porque eu estou sofrendo isso. Mas vamo apanhando tanto que acostumamos, vamos aprendendo a negaciar, sair deles. Mas a minha raiva era tanta, que um dia eu fiquei sabendo que tinha uns mininos ingleses aqui em Goiânia, eu fui lá para bater neles. Fui mesmo. Ainda bem que eles tinham ido embora. Eu ia bater neles”.

Mais à frente declarou que

“É. Não tinha jeito. Se você ligasse pra polícia, a polícia não tava nem aí, pegava você e deportava. Tava ilegal, né. Então, às vezes, os policial fazia até rir da cara da gente, tava vendo a situação lá e não fazia nada porque eles já fizeram isso, os próprios policial mesmo já fizeram isso, há alguns anos atrás eles fizeram isso. Quando eles eram... É terrível. Lá é terrível. Lá o nosso problema maior é os muleque.”

Fora a humilhação, a violência carnal e simbólica, o mais interessante é observar que alguns migrantes mentem: “Não, eu não sofri violência nenhuma. Eu fui muito bem tratado. Fui mesmo, Graças a Deus”. Isso mostra que a representação envolve a produção da imagem para os que estão aqui. E isso é feito amparado pela consciência social que cada um construiu. Na pesquisa feita, nem sempre os que possuem escolaridade maior são os que portam essa consciência. Às vezes são os que mentem mais.

Inquirimos essa situação numa entrevista perguntando se é comum as pessoas dizerem que têm muito dinheiro e na verdade, não tem. O informante foi taxativo:

“Vou falar para vocês um negócio: quase todos mentem, sabe, eles ficam envergonhados, dizem que vão comprar isso e aquilo no Brasil, e cadê? Os meus primos e amigos, pouco foi os que trouxeram dinheiro. É muito pouco. Tem uns que não dão conta nem de pagar a passagem de volta. Isso que é a verdade. Oh, eu trabalhei muito. Muito mesmo, sacrifiquei, e fui deportado. Só trouxe R\$ 50.000,00”.

Perguntamos se esse informante sabia da família de alguém que havia se decepcionado. Rindo ele comentou:

“Quase todos, meu fio” Não tem essa, não: os pais ficam esperando os filhos trazê dinheiro – e cadê dinheiro? Só traz um pouco, depois volta de novo, quer voltar. Chega compra carro, tal, depois tem que vendê pra voltá durinho. É assim”.

Quando partimos para perguntar sobre o preconceito recebido, os migrantes goianos divergiram, embora quase todos dissessem que “o perigo inglês era os negros”:

- “Preconceito. E lá é o seguinte. Lá, eu assim, eu moreno, da cor mais escura, chegou lá, gente, mas eu fiquei com raiva de negro, porque lá eles são estúpidos demais.”

- “Vou falar para você, os negros, olha, eu nem gosto de falar, né, mas. Os negros lá são violentos. Hoje eu tenho raiva de negro. Raiva mesmo”.

-“ Não sofri preconceito, tem os negros, né. Eles são difíceis, mais passa, só dá um jeitinho...”

Querendo mergulhar mais na compreensão desse fato indicamos a pergunta: será que é violência do negro contra migrante é a revanche do preconceito que eles sofrem. A resposta foi titubeante:

-“ É. Pode ser. Pode ser. Eu não sei não. Eu não entendo, sabe. Eles parece que não tem coração”.

-“ É, eu acho que é, eles vem dos países da África, né. Então eles sofreram preconceito. Eles tem origem na África”.

- “Eu acho que é isso mesmo, viu. Acho mesmo. Parece que eles são ressentidos, uma coisa esquisita, violenta”.

- “É difícil falar, né, porque a gente não sabe direito. Eu sei que eles são violento, bebe demais, fuma. Povo difícil. Difícil mesmo”.

Percebe-se que há conflitos de brasileiros com brasileiros, conflito do indivíduo com ele mesmo e também de pessoas que estão fora do país com afetos que estão no Brasil:

- “ Olha, eu já fiquei sabeno. Fiquei sabeno, não. Eu vi pessoas deixarem as suas esposas aqui e arrumar outras namoradas lá. Arruma mesmo, brasileiro com brasileira, né. Arruma, como que faiz. E aí o trem fica feio”.

- “Tem pessoas que ficam desorientadinho sem mulher, filhos, né. É um sofrimento grande. Então eles qué trazê a família, depois esquece”.

- “Lá tem gozação também, a gente fica falando assim, oia a sua mulhé ta te chifrano”.

- “Tem gente que aí valoriza mais a família. Eu valorizei mais a minha família, que saudade da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos...”

O fato é que o distanciamento da terra natal, da família, da esposa ou da namorada gera uma mobilização no afeto. E alguns dizem que a Internet é o ponto de ligação. Outros falam que usavam sempre que podiam o telefone. E alguns chegam a sintetizarem: “Sabe, eu voltei mais, foi por conta da família. Isso não tem preço que paga”.

Há os que brincam com todo tipo de estranhamento, revelando que a “alma migrante internacional” é obrigada a enfrentar diferentes e longas trajetórias. Essas trajetórias incluem desde a viagem, a ligação com a moradia, o distanciamento dos amigos,

as condições de trabalho, o tipo de alimentação, a forma de lazer e as diversas representações sociais. O informante diz:

“Deixa eu ver... Eu comecei... eu já estranhei na hora que eu peguei o avião aqui, né. Eu nunca tinha andado de avião na minha vida, eu já peguei avião aqui, já fui cagando nas calça (risos). Eu pensava ‘eu nem vou chegar vivo’. Aí depois que eu peguei esse avião aqui, parou lá em São Paulo, peguei outro, eu já fiquei mais tranqüilo. Aí eu cheguei na Suíça, aí na Suíça eu fiquei uns dias lá. Aí, mas lá em Londres é igual a Suíça. Porque a Suíça é um lugar fantástico. Só que eu cheguei Londres, Londres é praticamente igual um chiqueiro. Eu entregava numa região lá que é um chiqueiro mesmo. O pessoal lá bem porco. Os ingleses são porco. Tinha vez que eu ia num lugar lá pra entregar pizza, o lugar assim que quando abria a porta, num agüentava, cachorro, gato misturado lá, aquela coisa toda. Oh, vinha aquele cheiro, aquela carniça. Eu já entregava a pizza assim, já virando pro outro lado, sabe? Bastante. Eu fiquei com medo naquela época, porque brasileiro lá, eles não pode ver que já começa a levar no couro”

A narrativa sobre a higiene da cidade e da cultura inglesa tem, aí, um tom de ira. E termina exatamente no mais gritante que são as ‘surras’. Mas dizer que os ingleses são ‘porcos’ entra como uma espécie de combate de representação: eles batem, mas fedem. Isso segue com a representação que faz da conduta de trabalho do inglês. Ao narrar a saga de fuga de policiais e o mecanismo que levou a sua expatriação, ele ataca:

“Eu tava assim. Eu tava fazendo uma entrega, porque verão lá, inverno, inverno é a melhor época que tem pras pessoas irem. Eu sempre falo isso pras pessoas que querem ir pra lá ‘não vai no verão não, não vai no verão não que você vai rodar. Vai no inverno, porque no inverno, é assim, eles abre a porta pra você ir, mas no verão eles começam a pegar’, porque, os ingleses lá, na verdade, eles precisam dos imigrante pra trabalhar lá, pra movimentar a cidade, entendeu? Porque os inglês lá tudo é preguiçoso, essa é a verdade, eles são tudo preguiçoso, mas só que eles precisam um pouco do imigrante, mas só que tem hora que tem migrante demais, aí, ah, sei lá, dá um caos lá na cidade. Aí na época do verão eles costuma pegar o pessoal pra deportar mesmo, pra mandar embora. Aí por infelicidade minha, eu trabalhava na rua de moto, o policial... Já tava caçado mesmo. Aí eles me achou, me pegou, e eu tentei sair, passar por português. Português lá tem acesso livre, né, de um modo geral. Aí eu tentei. Não, vou dar uma de português aqui que eu quero

escapar. Aí tava tudo dando certo. o problema que eu tinha pegado minha moto que tava no meu nome, aí eles pegaram minha carteira, na carteira mesmo que eu..., carteira tipo... Aí ele checou a moto e checou e na migração eles checaram o meu nome. Eu fiquei como ilegal seis meses, né. Porque tem gente que compra moto lá e põe no nome de Roberto Carlos, entendeu? Porque aí, a multa não é, tipo assim, é pro seu nome, não é pro veículo. E lá também você não é obrigado a andar com carteira de habilitação, nem nada. Você não é obrigado a andar. Eu nunca andei, né. A carteira nossa que é, vocês falam, internacional não vale pra nada lá. Não vale nada”.

Junto com a narrativa, demonstra os modos como tentam driblar a fiscalização. Foi aí que inquirimos sobre o modo como o patronato inglês reage diante da ilegalidade do migrante:

“Os patrões...eles querem migrantes. Maltratam a gente. Maltratam muito, mas querem os migrantes de todos os lugares, viu. Eles sabe que pagam menos para os brasileiros, né. E tem essa coisa, né, de não pagar imposto. Tem gente que fica ajudano migrante. Agora tem gente que passa o migrante para trás: fala que vai arrumá emprego, o migrante compra o emprego, aí ele some”.

A leitura da situação do patronato inglês segue com um detalhe importante: “você sabe que a maior dos migrantes só faiz coisa baixa, né” É limpar casa, banheiro, no máximo entregar pizza. Entregar pizza é um emprego ‘bom demais’. “Aí as pessoas saem, conhecem a cidade, tem que conhecê”. Outro migrante narra:

“Mas só porque assim, eu dei sorte mesmo. E pizzaria é um dos ramo melhor que tem lá. Mexer com moto... Agora quem faz *cleanner*, limpeza, trabalha em restaurante, rala muito e não ganha tão bem. Agora, moto, em geral, é a melhor coisa, porque lá assim, você vai entregar uma pizza, você ganha uma pizza, você ganha sobre o serviço, e você ganha muita gorjeta, sabe. Os cara, ele dá gorjeta pra caramba mesmo. Não tem nem uma entrega lá que você não ganha um pau, dois pau, três pau, libra, né?! Às vezes fica, bebe muito, e você sabe que lá, eles é fanático em futebol. Aí, tem lugar que os cara dá vinte conto. Vinte conto, na época, transformava em reais, dava cem reais. Entendeu? Uma entrega, então... Eu cheguei a ganhar numa época lá, seiscentos reais num dia de rodízio. Seiscentos reais”.

Como se viu, o papel da gorjeta é importantíssimo na renda. Mas nem todas atividades geram essa ação. Isso marca também uma diferenciação na renda dos migrantes que pode ser relativamente grande. E que, posteriormente, vai significar mudanças na sua representação do trabalho e do processo migratório e gerar também conflitos intrabrasileiros. Esse cenário de conflito se estende no modo como os migrantes exercem a língua ou padecem por não exercê-la.

3.3 – The Book on the table: a palavra custosa que vale dinheiro

“Aqui, o começo da dificuldade é a língua. A gente não sabe nada da língua. A gente descobre a importância da língua da gente. Eu não sabia que era tão importante. Você olha um, outro, olha os letrados e não entende nada. Eu fiquei preocupado no começo; depois fui me virando, sem aprender. Aqui tem português demais, muito brasileiro, né. A gente vai se virando. Mas não é fácil”.

Ainda que o espaço contemporâneo é compreendido por uma profunda circulação de símbolos que carregam marcas, estrangeirismos, substantivos americanizados e, inclusive gírias, para a maioria dos migrantes que trabalham em Londres, um grande problema é a língua. Quase todos entrevistados dizem a mesma coisa: quem sabe a língua têm melhores condições de conseguir melhores empregos. E têm maiores condições de se proteger, comunicar, arrumar namorado ou namorada, entrar mais na vida social do país. Mediante a língua se situa também um certo tipo de medo:

“Eu fico com medo de sair sozinho. A gente sai de turma quando sai. A gente não entende as coisas, fica difícil a comunicação. Quem trabalha na rua aprende alguma coisinha, mas quase todo mundo não aprende quase nada. Nós ficamos com grupos de amigos, com colegas, parentes. Aí a gente joga baralho quando pode; toma uma. Sair é difícil”.

A dificuldade de falar, ler e compreender a língua inglesa acaba ajudando a exercitar territorialidades ou grupos. Esses grupos, além de falarem a língua de origem,

desenvolvem uma sociabilidade, traça uma espécie de circuito espacial no velho mundo.

Essas territorialidades instituem pertencimentos, ritmos, costumes da terra de origem:

“Nóis fica conversando, lembrando as coisas do Brasil. É um momento bom. Faz um churrasquinho quando pode, pois a carne é cara demais, brinca uns com outros. Cada um ajuda no que pode. Quem sabe inglês ensina o outro, anda com o outro pra fazer compra, para cuidar das suas coisas. Agora, tem gente que não quer aprender”.

Percebe-se que há laços de solidariedade que, muitas vezes, é facilitado pela mobilização da cultura de origem por grupos que falam o português. Mas como se viu na fala do entrevistado, há os que resistem em não aprender, ensejando que além da dificuldade parece querer defender “uma espécie de pátria simbólica” que reside em suas representações. E há outros que se desinibem: “Eu viajei muito. Fui para Paris, Bruxelas, Amsterdã...Viajei demais. Fui aprendendo a viajar, foi uma coisa muito boa”.

As redes de pertencimento ou as territorialidades de migrantes desenvolvem laços de comunicações entre si. Em muitos casos, migrantes que retornam trazem cartas, presentes, recados. E muitos que vão, do mesmo modo, levam coisas do Brasil para quem está lá. Mas o mais importante, nessa reflexão, é que essas redes ou essas territorialidades atuam no sentido de preservar a cultura, safar-se do desconhecido, proteger-se do medo e do susto do que lhe estranha.

No caso específico do idioma, o percentual dos que aprendem é muito pequeno, demonstrando que a sociabilidade do migrante é profundamente pobre. Isso, de alguma maneira, coloca-o na condição de desejar retornar para o seu lugar de origem. Muitos também, segundo alguns informantes, dizem que aprenderam o inglês, mas na verdade mentem. O idioma se torna, dessa maneira, um desafio cultural, que entra nas condições de

trabalho, no processo de sociabilidade e também na composição ideológica das representações.

3.4- Morar é esconder amontoadamente

A interpretação do processo migratório que estamos desenvolvendo segue, como foi anteriormente mencionado, um pressuposto teórico-metodológico: a migração internacional está instalada em mudanças históricas da totalidade do modo de produção. E diz respeito ao modo como a divisão internacional do trabalho se situa no atual modelo de acumulação burguesa.

Essa compreensão teórica, por si só não basta. Ao averiguar o cotidiano do migrante, sua trajetória sócio-espacial nos países desenvolvidos, os conflitos culturais, ação do afeto e do desejo, os elementos do seu dia-a-dia no além-mar, verificamos que o que está em jogo é o modo como a vida humana é tratada na sociedade burguesa atual. Vemos também que um profundo processo ideológico atravessa os sujeitos, suas representações, seus discursos.

Um dos aspectos desse tecido diário da vida do migrante goiano no além-mar é a moradia. Tentamos extrair, pela via das questões, as minúcias do ‘morar-fora’. E partimos da compreensão geográfica que o morar, a moradia e a sua dimensão espacial estão ligados à vários aspectos desde a localização, os recursos técnicos das edificações, os custos de aluguel, o mobiliário, o campo relacional, a modalidade de subjetividade que se cria na condição do migrante.

Um informante narrou:

“No começo...no começo eu achei muito ruim. Aqui em Goiânia, eu tinha um quarto só pra mim. Lá eu morava com oito pessoas em dois quartos. Eu dividia o

quarto inclusive com mulher. É aquela bagunçeira, dificuldade de dormir, muita conversa. Eu assustei muito no começo. Mas eu de certa forma sabia que era assim. Era tudo difícil, né. Eu acostumei porque tem que acostumar”

Como se vê, a condição de precariedade da vida levam muitos a estabelecerem uma naturalização das condições que lá são desenvolvidas. Essa adaptação “porque é assim mesmo” ajuda a compor o processo ideológico. Mas em muitos casos, é exatamente isso que revela as contradições gerais do sistema capitalista pelo modo de vida. Diz o migrante:

“Rapaiz, eu tava doido pra voltar por conta disso. É gente demais. Uns ficam bêbado, né, aí a gente não descansa. É gente amontoado. Todo mundo mora amontoado. Tem que ser assim, o aluguel de um quarto para quatro pessoas é de R\$ 2.000,00. Cada um...Cada um paga R\$ 2.000,00, já pensou! Então ocê tem que amontar, fazer o quê!”

Essa consciência avança na medida em que liga a moradia à condição da ilegalidade:

“...Ora, a gente vive amontado e escondido, né. Todo mundo é assim, sabe. Todo mundo fica na casa com medo de receber aquelas visitas, né. É uma prisão. Um medo danado. Aí é muito ruim, ocê não fica em paz, sossegado, parece que sente vigiado dentro da sua própria casa. É uma sensação muito esquisita”.

A visão de que a morar mal é condição fundamental para “ajuntar dinheiro” é clara. Assim como também é notório o fato de que a privacidade do morar deve ser jogada nessa condição. Uma migrante fala:

“Quando eu cheguei, eu tava morando oito pessoas numa casa. Só eu de mulher. Mas é assim, todo mundo junto. Mulher dorme no mesmo quarto que homem. Lá é tudo assim. Tem que dividir casa com um monte de gente, porque não compensa, senão não dá pra juntar dinheiro”.

Fora, a dura realidade de ter que ignorar o desejo de privacidade e de intimidade, o campo relacional é narrado pontuando o significado dessa moradia que amontoa:

“Há muito briga, né! É muita gente. O povo fica estressado, trabalha demais, corre-corre...aí, qualquer coisa fica bravo...Na nossa casa teve uns desentendimentos...teve um primo que mudou, foi morar com um colega dele...tem gente de todo jeito, ocê sabe. Fica difícil...Engraçado, a gente não pensa nisso, né!”

O próprio ato de falar sobre a sua situação desperta na informante uma consciência do modo que vivia. Percebe-se, então, que inconscientemente há uma luta travada no sentido de negar o sofrimento em nome dos desejos de conquistas. Mas outro informante revela outra condição do morar:

“Olha lá em casa a gente não brigava muito não, sabe. Ninguém tinha tempo, né (risos). Mas é verdade: o povo trabalha demais, aí chega vai dormir. Pronto. É uma vida muito corrida. Tinha gente que quase eu não via. Quando a gente via, falava assim: “ocê ta vivo, menino?”. É assim, eu não reclamo não. Em qualquer lugar pra mim, ta bão”

Ainda que haja a adaptação forçada, o humor e a ironia do informante revelam o seu senso crítico diante da situação. Há outros que titubeiam: ora querem mostrar a simplicidade do morar, ora querem defender com sutileza, cumprindo uma defesa ideológica:

“A moradia, de um modo geral, na imigração, a princípio, depois não, depois você vai mudando isso, mas quando você chega, as pessoas alugam um apartamento ao qual, geralmente, tem entre dois e três quartos, mas geralmente, são dois quartos, sala e cozinha e banheiro. As pessoas... eles deixam de ter uma sala fazem três quartos e ali moram em torno de seis, oito pessoas, às vezes um pouco mais, depende muito de quem aluga. Você aluga vagas. A vaga consiste no quê? Você tem um quarto, naquele quarto, você, dependendo do tamanho, põe entre três a quatro camas, e cada cama seria uma vaga. Eles cobram por aquela cama, na verdade. Aí você tem direito a usar a cozinha, a lavadora, alguns têm internet, outros têm TV à cabo, telefone. Seria isso aí. Mas, a moradia, a princípio não é algo de extraordinário, é algo bem simples”

Ainda que a palavra simples seja diferente de precarização, percebe-se mesmo que fazendo uma defesa ideológica, a condição de morar incomoda o migrante. Num ato consciente ou inconsciente estabelecer essa defesa é, no seu jugo, defender a si mesmo, a sua representação diante do Outro. Então, o conceito de morar se estende, tomando a idéia “de que eu moro no primeiro mundo”.

“Mas tem compensação, né: eu morava na capital de um País. Londres é uma cidade muito grande, muito importante na história, né, no mundo. Museus, teatros, shows, parques. É uma cidade extraordinária, então compensa morar, compensa porque você aprende muita coisa, vê muita coisa que se você tivesse no Brasil, você nunca ia ver, nem imaginava. Então isso compensa. É país de primeiro mundo. É outra coisa”

A palavra compensação, repetida pelo informante, entra como um mote explicador do sofrimento. Aí o pertencimento do morar toma a divisão internacional de trabalho num viés ideológico: o pertencimento simbólico de estar no primeiro mundo, numa grande capital historicamente importante, dizer que “eu morei lá”, parece tutelar a imagem e a consciência do migrante. Mas isso não é geral no modo como vê esse particular:

“Londres é bonita, mas o migrante, ele vive correndo, trabalhando, ele não usa...aquilo, né. Alguns, os que sabem inglês. O meu primo tinha uma namorada inglesa, então eles viajavam, né, curtiam, mas quase todos brasileiros saem sem conhecer a cidade. Eu não conheço. Quem trabalha fora conhece mais. Quem não trabalha, não conhece não. Então não adianta, né, é bonita, é bonita mais e aí?”

Observa-se no relato de morar, o que decorre com outras componentes da vida do migrante. O indivíduo ao narrar a sua situação de vida, além de conduzir a sua percepção, estabelecer ali, na representação, a sua visão de mundo, faz uma defesa da imagem de si. Fora isso, há aspectos sensíveis também. Veja como o informante estabelece a relação entre moradia e clima:

“Se você chegar no frio, é difícil. Vou te falar: é difícil. Você se assusta, assusta mesmo. Eu até falo: oh, se ocê quisé mudá vai no calor, no frio a coisa é esquisita. As casas são preparadas, né, mas ocê tem que sair pra trabalhar. Eu saia de casa a 22 graus e pega menos 7, protegia, né, mais não adianta. Muitas pessoas ficam doente. Eu ficava lembrano do Brasil. Nessas horas, né...”

Essa sensibilidade desenvolve outros atributos de pertencimento. Como se vê, no Brasil, o indivíduo não dava importância a essa variável: clima. Passando por mudanças bruscas, passa a enxergar a moradia ligada a vida social e também ao ambiente. Em muitos casos, essa consciência é informe, mas existe. Em outros casos, especialmente os que se apresentam mais gananciosos, o regime de compensação o faz criar discursos ideológicos. O fato é que em termos de sonho de vida, a moradia para o migrante não está referenciada, pois morar é amontoar e esconder-se.

3.5 - Exploração do trabalho migrante

Para Gaudemar, (1977) no estudo do processo de exploração do trabalho migrante o que está em jogo é o esboço de uma compreensão teórica e prática do modo como o poder capitalista sujeita as forças do trabalho, isto é, os corpos dos seres humanos, que ele pretende permanentemente dóceis.

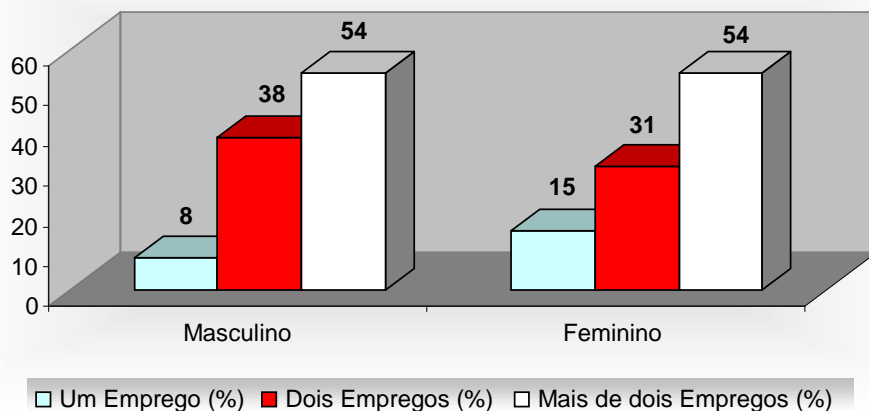
Poder-se-ia sem dúvida estender a toda a economia do capitalismo, a problemática introduzida por Foucault (1974) na sua análise do nascimento e desenvolvimento da instituição penitenciária. Diz ele que:

“E dócil, um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Pode dizer o mesmo da força de trabalho que este corpo contém. O corpo do homem no trabalho, não apenas o do condenado, do supliciado ou do militar, torna-se também objeto de disciplina capitalista. A disciplina fabrica corpos submissos e treinados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui estas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”.

Devido essa conjuntura de ilegalidade e discriminação, a força de trabalho migrante é uma demonstração de como um corpo pode ser disciplinado, intensificando assim a exploração. Alguns migrantes entrevistados disseram que tinham medo de saírem nas ruas de Londres; outros narraram que, com o tempo, sentiam saudades de um quarto só para si como era a sua situação em Goiás. Outras falaram que temiam adoecer e ao tratarem ser pegos pela política britânica. Houve casos de reclamo da intensa jornada de trabalho, “mas se não tivesse três empregos não dava para juntar um dinheiro que compensava”.

Além dos relatos dos migrantes sobre a exaustiva carga horária de trabalho, os migrantes têm que trabalhar em mais de um emprego, como podemos observar no gráfico 07 que trata de quantos empregos o migrante goiano trabalha e/ou trabalhou nos países desenvolvidos.

Gráfico 07 – Quantidade de empregos dos migrantes goianos



Fonte: pesquisa amostral
Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Os dados acima só vêm demonstrar como é árdua e penosa a jornada de trabalho dos migrantes goianos nos países desenvolvidos. Um total de 54% de homens e mulheres respondeu que trabalha/ou trabalharam em mais de dois empregos. Já os que tinham dois empregos totalizam 38% no universo masculino e 31% entre as mulheres. E apenas 8% dos homens e 15% das mulheres responderam que possuíam apenas um emprego. Isso nos leva

a concluir que a vida dos trabalhadores migrantes nos países desenvolvidos está baseada em uma extrema exploração e precarização das condições de trabalho e vida.

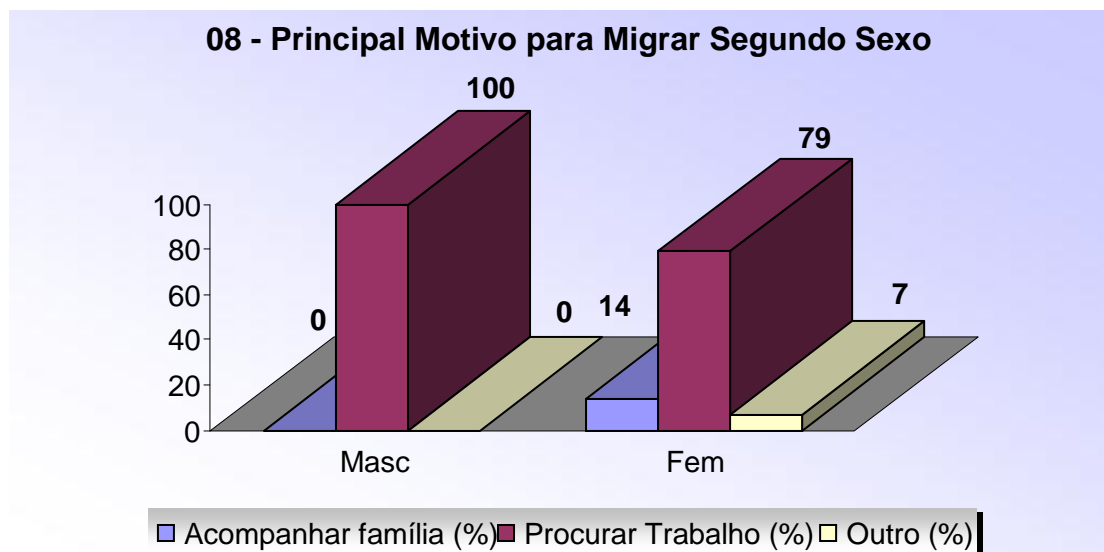
Para Martins (1997) por trás do trabalho do migrante, está a questão mais importante: a clandestinização das relações de trabalho, a falta de contrato de trabalho permanente, a burla de direitos, o barateamento da mão-de-obra. Sendo essa forma precária de trabalho uma maneira de anular as conquistas operárias conseguidas à custa de demoradas lutas dos trabalhadores.

O mesmo autor completa dizendo que a exclusão social e a clandestinização do trabalho enfraquece a classe trabalhadora; a migração não cria necessariamente o operário e, menos, ainda, o revolucionário.

3.6 - Ocupações dos migrantes goianos no mercado de trabalho e as conexões com as redes de migrantes

O fluxo de brasileiro, como um todo, é caracterizado como migração de trabalhadores (SALES, 1995) e Goiás não foge da regra, já que 89% da população migrante relatam ser o fator econômico seu principal motivo de migrar. A reunificação familiar também é um motivo forte para a decisão de migrar, mas nesse caso a diferença segundo sexo é enorme e as mulheres mostram-se fortemente apoiadas nos laços familiares ao ingressarem no fluxo.

No gráfico 08, diferenciamos os migrantes segundo o sexo e a principal motivação para a primeira viagem ao exterior. Respostas como desemprego, melhorar de vida, procurar trabalho melhor, problemas financeiros, etc foram agrupadas no item ‘procurar trabalho’, que reúne alternativas relacionadas à motivação econômica.



Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Após observarmos os dados acima, podemos confirmar a tese de que “quem migra não é o homem, quem migra é o trabalho”. Antes de qualquer coisa os migrantes vão à busca de trabalho. Dos migrantes do sexo masculino, 100% afirmaram que a motivação maior para migrar foi à procura de trabalho. Entre as mulheres esse percentual cai para 79%, para as que vão à busca de trabalho e 14% para as que vão acompanhar família. Porém a maioria das mulheres que foram acompanhar família teve como destino o mercado de trabalho, poucas são as donas de casa.

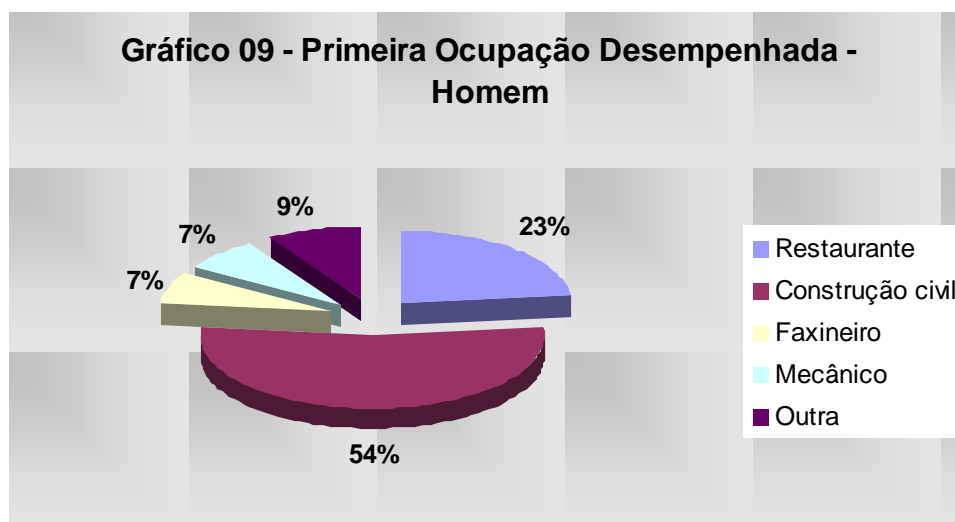
Os migrantes goianos estão inseridos em áreas restrita do mercado de trabalho nos Estados Unidos e Europa. Isso demonstra uma inserção no mercado de trabalho de baixa qualificação. Mesmo sabendo que vai sacrificar o status ocupacional em troca de melhores condições de vida, o trabalhador migrante não conseguiria se colocar no mercado sem as relações e informações necessárias. Segundo Sassen [1995], redes sociais criam reservas de mão-de-obra para ocupações específicas, restringem a mobilidade ocupacional, distribuem informações valiosas a respeito de vagas, além de influenciarem tanto o comportamento do migrante como do mercado de diversas outras formas.

Nessa mesma perspectiva Piore e Doering [1971] in: Fusco [2001], afirma que a força de trabalho do migrante nos Estados Unidos, é disciplinada através da segmentação do mercado de trabalho em primário e secundário. O primário apresenta estabilidade no trabalho, salários altos e possibilidades de ascensão hierárquica; em oposição, o secundário oferece alta rotatividade voluntária no emprego, baixos salários e baixa possibilidade de mobilidade hierárquica. Segundo Scudeler [1999] In: ASSIS “as ocupações do mercado de trabalho secundário são, principalmente, embora não exclusivamente, desempenhadas, nos Estados Unidos, pelas minorias étnicas, pelas mulheres e pelos jovens, enfim, pelos migrantes.

Para Fusco [2001], a grande concentração verificada nas ocupações exercidas pelos migrantes no destino pode ser explicada, além da teoria da segmentação do mercado de trabalho, também pelas redes sociais de migrantes. Segundo Tilly [1990] e Massey [1987], In: Fusco, (2001) redes sociais fornecem apoio, informações sobre os trabalhos disponíveis e interferem na estrutura do mercado de trabalho local. Sassen [1995] diferencia a inserção no mercado de trabalho entre o nativo e o imigrante, sugerindo padrões distintos de laços sociais e canais de informações. Ainda segundo Sassen, “aquelas categorias também se diferenciam quanto ao gênero entre migrantes, se considerarmos que contatos que resultam em obtenção de emprego podem se dar no local de trabalho, na família e em outros espaços”.

Analisando o gráfico 09 – observamos que os migrantes goianos do sexo masculinos, estão concentrados em sua grande maioria no mercado de trabalho secundário. Com destaque para os que trabalham na construção civil, correspondendo a 54%. Nessa categoria foram considerados todos que trabalham como pedreiro, ajudantes de obras, pintor e outras ocupações afins, em segundo lugar os que trabalham em restaurantes com

23% seguidos respectivamente pelos que trabalham como faxineiros e mecânicos. Cabe esclarecer que na categoria mecânico foram considerados todos que trabalham no segmento de carros, (como lanternagem, auxiliar de mecânico e outros).



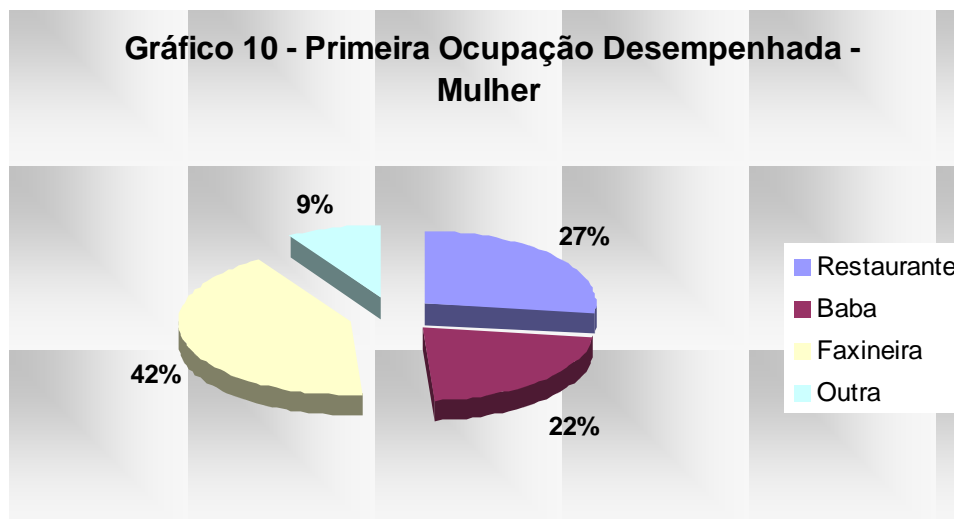
Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Observamos que a principal ocupação dos trabalhadores goianos nos países desenvolvidos está localizada nos empregos mais precarizados e de menor remuneração. Para Petrella In: (Bauman, 1999) “a globalização arrasta as economias para a produção do efêmero, do volátil (por meio de uma redução em massa e universal da durabilidade dos produtos e serviços) e do precário (empregos temporários, flexíveis, de meio expediente). Para isso utilizando força de trabalho de migrantes que não possuem nenhuma forma de proteção política e social.

Essa mesma realidade pode ser observada na primeira ocupação das migrantes goianas que estão no mercado de trabalho europeu e norte-americano. Conforme vemos no gráfico 10, essas migrantes estão em sua grande maioria inseridas no mercado de trabalho ‘secundário’. Das mulheres migrantes entrevistadas, 42% delas estão trabalhando como empregada doméstica ou faxineiras, e a segunda ocupação de maior concentração entre

mulheres e o trabalho em restaurantes com 27%. Seguido de perto pelas que trabalham como babás com 22%.

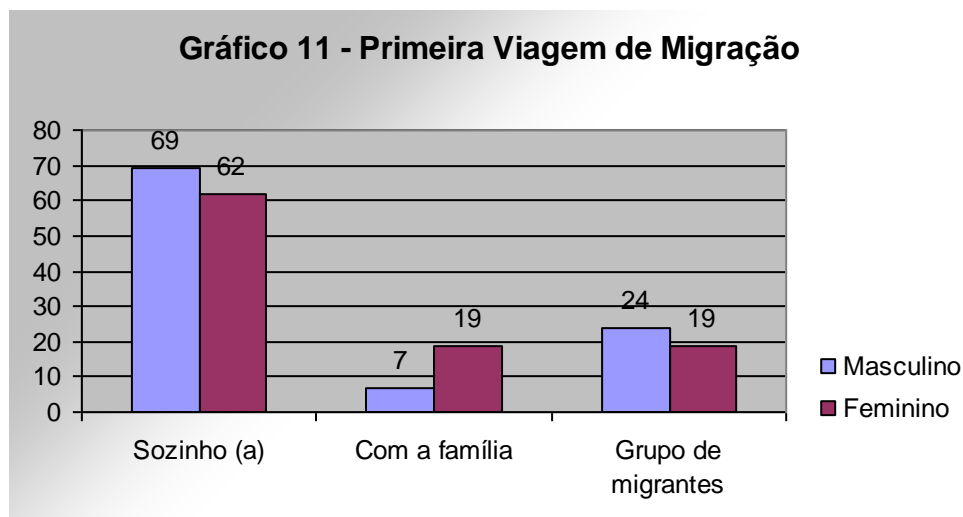


Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Para a elaboração do gráfico não foi computado os dados referentes às migrantes goianas que são vítimas do tráfico de seres humanos e que vão trabalhar no ramo de prostituição, principalmente nos países europeus. Conforme dados da policia federal existem mais de 15 mil goianas trabalhando como prostitutas na Europa.

Analisando o gráfico 11 – 69% dos homens e 62% das mulheres enfrentam a primeira viagem de migração internacional desacompanhados. Uma parcela correspondente a 7% dos homens e 19% das mulheres viajou com a família e 24% dos homens e 19% das mulheres viajaram em grupos de migrantes. Segundo Fusco [2001] pelo menos duas conclusões diferentes podem ser alcançadas a partir desses dados, dependendo da perspectiva em que se coloca a melhor estratégia de migrar. Nesse caso, as possibilidades estratégicas estariam entre enfrentar a primeira viagem só ou em grupo.



Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

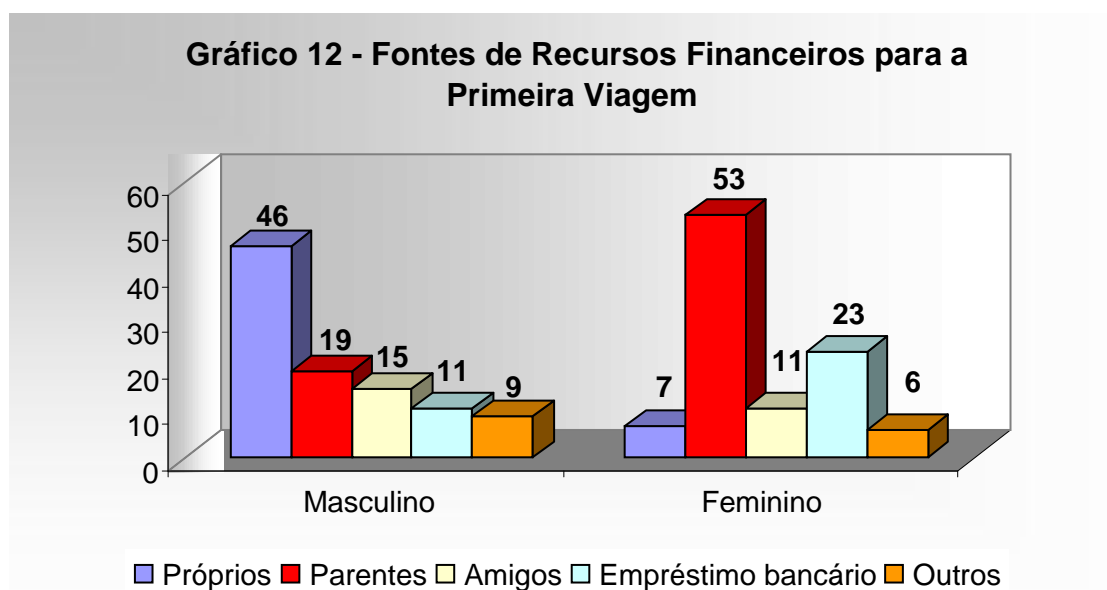
Fusco idem acrescenta dizendo que não podemos confundir migração individual com decisão individual de migrar. O primeiro caso diz respeito à opção de migrar sem acompanhantes. Já a segunda situação diz respeito à idéia de que o indivíduo decide sozinho pela migração, sem o consenso de seus familiares

Podemos afirmar que motivado pelos riscos no trajeto até o país de destino, os migrantes goianos que têm os Estados Unidos tem como preferência fazer a viagem na companhia de parentes ou de outros migrantes. Como quase a totalidade desses migrantes faz a travessia pelo México, esta seria a forma menos arriscada. Já os fluxos migratórios que tem como destino a Europa, a maioria das viagens é realizada sozinha, pois a facilidade de entrada e permanência nesses países é um tanto facilitada.

Outro elemento importante para a compreensão do processo migratório diz respeito à assistência financeira. Pois até que o migrante consiga seu primeiro emprego, geralmente ele passa por um período de carência. Antes mesmo de embarcar, os gastos com passagens e documentação começam a selecionar quem vai e quem fica. Depois, no destino, a assistência financeira para os primeiros dias de acomodação aumenta as chances dos

‘novatos’. Após analisar os dados da assistência financeira ao migrante mexicano, Massey (1977) afirma que “família e amigos são um inestimável recurso socioeconômico para o migrante nos Estados Unidos”

O gráfico 12 mostra a importância que têm as redes migratórias para o ajuste inicial do migrante. Mais da metade dos migrantes goianos solicitou ajuda financeira em sua primeira viagem. Dentre esses, 19% dos homens e 53% das mulheres recorreram a parentes, 15% dos homens e 11% das mulheres a amigos e 11% dos homens e 23% das mulheres a agências de viagens. Esses dados só vem a demonstrar a presença intensa da atuação das redes sociais de migrantes na migração de goianos para os países desenvolvidos.

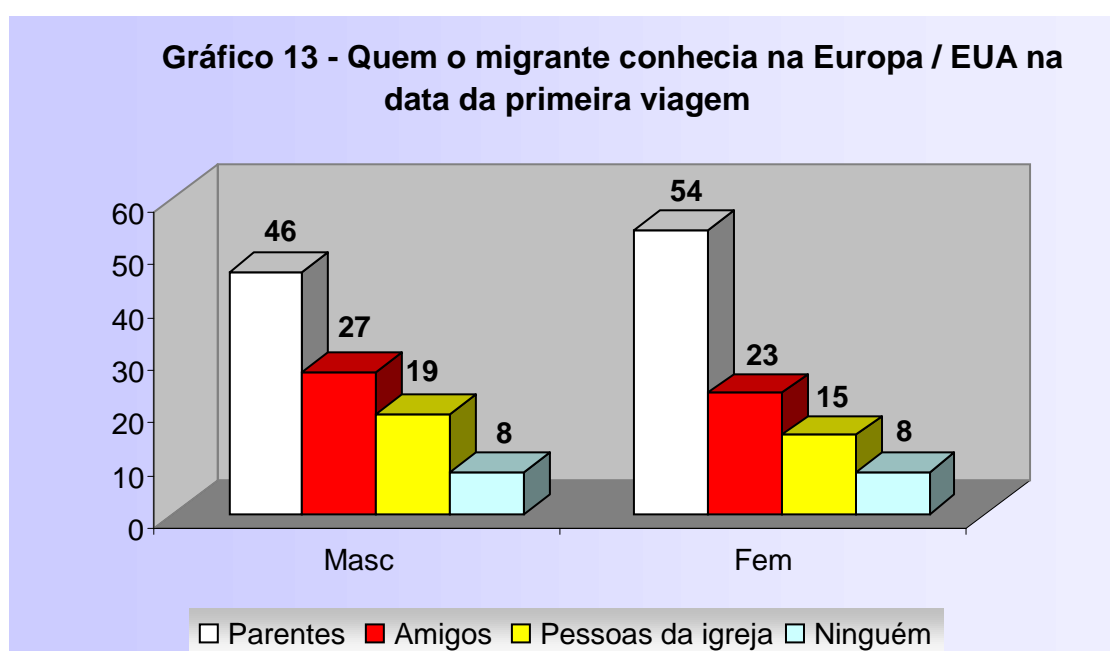


Fonte: pesquisa amostral
Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Para Fusco [2001] as pessoas que migram, de forma em geral, aproveitam bem a assistência financeira disponibilizada pelos laços sociais. No entanto, em relação aos migrantes goianos, os homens apresentam uma proporção maior de indivíduos que contam somente com recursos próprios do que as mulheres (46% e 7%) respectivamente. Podemos

observar que as mulheres são mais dependentes das redes sociais no momento da migração.

Vimos acima que a maior parte dos goianos viaja sozinhos na primeira experiência migratória. Para que um indivíduo tenha melhores condições de se ajustar ao novo país, é muito importante que ele tenha um ponto de apoio confiável no destino. Vejamos, pelos números do gráfico 13, como o migrante goiano se enquadra nessa questão.

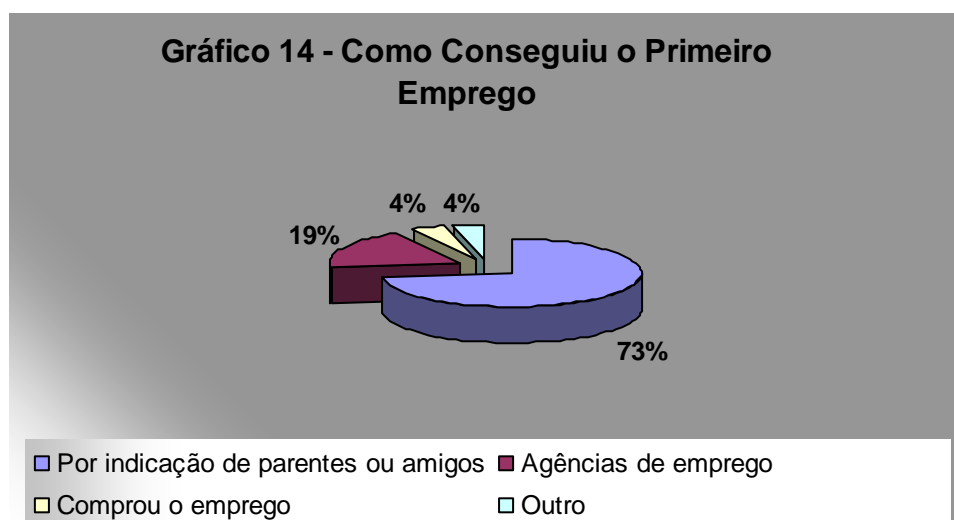


Fonte: pesquisa amostral
Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

A variável ‘quem o migrante conhecia no destino’ mostra os laços sociais que o migrante possuía antes de ingressar no movimento migratório. Somente 8% responderam não conhecer ninguém no país de destino, em sua primeira viagem, o que reforça a importância de se ter um vínculo pessoal no destino. Um grande número de migrantes respondeu que conhecia amigos no país de destino, (27% e 23%) respectivamente de homens e mulheres. Mas foram as relações familiares que predominaram, (46% e 54%).

Isso demonstra que as relações de parentesco é o principal componente das redes sociais de migrantes goianos.

As conexões familiares, Fusco [2001], sempre aparecem como destaque nas redes migratórias. Isso também pode ser verificado no gráfico 14 que trata de como o migrante goiano conseguiu o primeiro emprego. A maioria teve acesso ao primeiro emprego por atuação das redes de migrantes. Sendo que 73% dos migrantes, contaram com a ajuda de parentes e amigos. Enquanto apenas 19% tiveram como meio de ajuda as agências de empregos. Podemos também constatar a incidência de venda de postos de trabalho. Sendo essa modalidade correspondendo a 4%.



Fonte: pesquisa amostral

Elaboração: Uelinton B. Rodrigues - 2007.

Todos os fatores analisados só vêm a confirmar que uma das forças motrizes de toda trama migratória, advém, dentre outros elementos, das redes sociais de migrantes. Para Fusco [2001] o amadurecimento das redes migratórias ocorre quando alguns indivíduos começam a se estabelecer nos países desenvolvidos. Quando as novidades percorrem a região de origem, mais indivíduos se encorajam e seguem os passos dos migrantes pioneiros. A existência de regiões com concentração de parentes, amigos e

conhecidos, por sua vez, acelera o desenvolvimento das redes, dando a elas uma base forte nos países de origem.

Descobriu-se, pela via da representação dos migrantes, que o processo ideológico que acompanha e fundamenta o fenômeno está também em disputa. Por isso, muitos migrantes “mentem”, escondem o que ocorre em sua vida precarizada no além mar, tentam dissimular qualquer possibilidade de se instalar na pauta dos “fracassados” do sistema capitalista atual.

E descobriu-se também que a tessitura do lugar no além-da-origem, é eivado de várias trajetórias sociais, desde a venda de empregos, confusões intralgar, disputas, humilhação, adoecimento, estratégias de poder, relações subjetivas que envolvem saudades, síndrome, medo, neurose, enlouquecimento.

Isso nos confere a patentear a idéia que vem governando as nossas reflexões: a migração internacional, apesar de ter uma singularidade no modo como se desenha, tem uma ligação estreita e correspondente com o funcionamento do modo de produção capitalista. Essa relação está ligada ao modo de vida desses migrantes que, participam de outra modalidade de conflitos não sem envolver o corpo, a subjetividade e a sua visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de um trabalho científico não encerra – e nem deve – no final de suas páginas. Assim como o seu começo não se localiza na data de aprovação do exame de seleção que nos trouxe até ele. Isso quer dizer que ele é resultado de uma trajetória individual que advém de outros espaços – e de outras tentativas.

No caso do presente trabalho, é possível localizar a influência da nossa participação nas lutas sociais bem como na militância no Movimento Autogestionário e na AGB-GOIÂNIA como sendo decisivos, inclusive na definição do tema. Mas além disso, a própria trajetória individual tem uma inserção social e coletiva. Por isso, pode se afirmar que o tema e o seu tratamento possuem um sentido histórico.

Foi com essa consciência que colocamos no centro da pesquisa o tema da migração internacional pelo viés da desterritorialização global do trabalho. E ao tratá-lo assim, tínhamos em mente a ação do modo de produção e sua territorialização em Goiás. Isso fez aparecer o procedimento metodológico: no fenômeno que pesquisamos há a presença do capitalismo atual e do modo como o território goiano se insere nele. Essa inserção é desigual, combinada, particular e geral.

O encontro do capitalismo contemporâneo e suas estratégias de acumulação com o território goiano permitiu averiguar os vários conflitos geográficos, sociais, históricos e de representação que aparecem na trama migratória. Se, por um lado, o capital enseja um mundo sem fronteiras, ligado ao seu desejo e a sua ânsia territorial, esse mesmo capital cria barreiras para o trabalho, desenvolve muros reais, jurídicos e de representações.

Mas são as suas contradições, especialmente na criação do desemprego estrutural, é que desterritorializa, em nível mundial, a ação do trabalho apontando o seu sentido e a sua

direção: os desempregados ou os sujeitos sem perspectivas dos países pobres tentam criar mecanismos de salvar a vida no lugar onde a acumulação é maior. E a oferta de serviços tende também a ser maior, mesmo que seja os mais aviltantes e precarizados.

Por isso, dizemos que as migrações internacionais são um produto contraditório da forma como o modo de produção capitalista atual se territorializa no mundo, desterritorializando o trabalho. Para a consecução do processo, dois elementos são vitais: a diferença da moeda e o acúmulo da jornada de trabalho. E amparam esses elementos a ideologia da vida como um sucesso econômico, o que nos leva a dizer que o processo migratório é histórico, econômico, social, subjetivo, cultural e ideológico.

Essas variáveis se estendem na precarização da vida do migrante, mostram os dramas existenciais do sujeito que deixa a sua terra, a sua família e o seu espaço em nome de um sonho ideologicamente produzido. Ou de uma vontade de sair de sua “condição perigosa” aqui no Brasil. No além-mar, lança o corpo na labuta do trabalho, sofre humilhações, mente, entra em conflito, ora ou outra se prostitui, lamenta, chora, sofre doenças, adquire síndromes e se torna perplexo entre o sucesso que nunca chega e o fracasso que não pode representar. E pode também, como ocorre num nível percentual, significar “uma arribada de vida”.

A trama desse cotidiano precarizado lá tem ligação com a estrutura do espaço aqui. Goiás é o segundo território de federação nacional em maior mobilidade de pessoas. Se o mundo atual tem como característica a instabilidade econômica, a fluidez espacial, a fragmentação identitária e subjetiva, o processo acelerado de modernização desigual que incidiu sobre o território goiano criou as legendas migratórias variadas.

Tem-se lugares goianos que recebem migrantes internos e interregionais; lugares que perdem população pela via do balanço migratório; lugares estáticos e lugares medianos. Como se vê a mobilidade espacial em Goiás responde pelo que tem sido

chamado de “espaço complexo”, ainda mais se se leva em consideração as condições sociais que geram o conteúdo para esses lugares.

Os lugares dinamizados sofrem por violência, pelo desemprego estrutural, pela falta de moradia e pela fragmentação como é o caso da Região metropolitana de Goiânia e o Entorno de Brasília; os lugares estáticos dos pequenos municípios sofrem por falta de acesso aos bens culturais e sociais que estão na ordem do dia do mundo globalizado como também pela pouca oferta de trabalho e, logo, de condições de vida; os lugares que perdem população como é o caso de vários municípios do norte e do nordeste goianos são atribulados por uma instabilidade negativa apresentando índices de precariedade na produção da existência; e lugares medianos como é o caso de vários municípios da faixa meridional do Estado são obrigados a conviverem com novos atores hegemônicos que dominam o território.

Conclui-se que a produção da vida num espaço complexo é também complexa, o que nos leva a perguntar “qual é o sentido político da migração internacional”. A pesquisa demonstrou que o migrante desde o início enfrenta repulsas éticas e culturais. Em muitos casos, o seu sofrimento no exterior é acalentado ora para proteger a família, ora para servir aos preceitos da ideologia burguesa “de que o sucesso da pessoa é unicamente o sucesso econômico”.

Nessa trama, a migração internacional é ideologizada pelo próprio migrante. Mesmo que sua ação de migrante abale elementos da economia dos países ricos, como a progressão no processo de ilegalidade pelo próprio empresariado desses países, tráfico de prostituta, venda de emprego, drible na polícia etc, migrar apenas para o sucesso monetário com a vida precarizada, não significa muito na ordem de compreender as tramas do trabalho desterritorializado no mundo capitalista.

Mas algo fica patenteado: as contradições no seio dos países ricos aumentam, tanto as que dizem respeito a cultura, como na economia, como na exposição de covardias étnicas e raciais. Essa fissura obriga outros movimentos a lutarem a favor do migrante, a defenderem a baliza da autonomia para o trabalho, a compreenderem a trama geopolítica dos estados que tentam erguer e reerguer novos muros.

A resposta apenas da militarização da existência como é o caso da ação dos órgãos hegemônicos atuais – na feliz expressão de Pelbart (2003), não dá conta de criar uma solidez para a vida do sistema. Os chamados pedágios comerciais são colocados na parede. Contra os muros, contra as barreiras jurídicas, contra a ética performática, a vida está aí num ir e vir constantes.

ANTUNES. R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e as Centralidades do Mundo do Trabalho.** São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1995.

ANTUNES. R. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2001.

ARRAIS, T. P. A. **Geografia Contemporânea de Goiás.** Goiânia: Vieira, 2004.

Banco Mundial. **O trabalhador e o processo de integração mundial.** Washington, 1995.

BATISTA, S. A. **Os Excluídos Sociais: Regulação e Desregulação.** In: FERREIRA, Mario César & ROSSO, Sadi Dal. *A Regulação Social do Trabalho.* Brasília: Paralelo 15, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro. ZAHAR, 1999.

BECKER, O. M. S. **Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologia e Contextos,** In Castro, I. E. de et al (org.) *Explorações Geográficas.* Editora Bertrand Brasil, p. 319-367, 1997.

BENKO, G. **Economia Espaço e Globalização: Na Aurora do Século XXI.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

BERNARDO, JOÃO. **Economia dos conflitos sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

BERNARDO, JOÃO. **Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores.** São Paulo: Boitempo, 2000.

BHABA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

BRAGA, Ruy. **Uma Sociologia da Condição Proletária Contemporânea.** Tempo Social, v. 18 n.1 2006.

BRANCO, Marcelo Simão. **Integrar ou reprimir.** In: *Discutindo Geografia*. Ano 3 n° 15. Escala Educacional. São Paulo, 2007.

CABRERA, Olga. **A literatura e a filosofia da contracultura caribenha em Alejo Carpentier.** Brasília: Paralelo 15, 2003.

CARRILLO, Guillermo Lanazuri. **Emigración e desarrollo económico.** Disponível em www.lainsignia.org. Acessado em 04 de setembro de 2005.

CARVALHO, J.A.M.de & CAMPOS, M. B. **A Variação do Saldo Migratório Internacional do Brasil.** Estudos Avançados. Ago. 2006, vol. 20 no. 57. p.55-58. ISSN 0103-4014.

CASTELLS, M. **Para o Estado em Rede: Globalização, Economia e Instituições Políticas na Área da Informação.** In: BRESSER PEREIRA.L.C; WILHEIN.J; SOLA.L. **Sociedade e Estado em transformação.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CASTRO, J. A. de. **O Estado e a apropriação do território de Goiás.** In NETO, A. T. et al (Org.). *O espaço goiano: abordagens geográficas.* Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.

CASTRO, M.G. **Migrações internacionais e políticas algumas experiências internacionais.** In. *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*, Brasil 2000 / Coordenadora Mary Garcia Castro. – Brasília : CNPD, 2001.

CEPAL. **Globalização Parece Excluir a Migração Internacional.** CEPAL: 2006.

CHAVEIRO, E. F. **A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia.** In: GOMES, H. (Org.). *O Espaço Goiano: Abordagens Geográficas.* Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.

CHAVEIRO, E. F. **Traços e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo.** In: (org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla dimensão Socioespacial.* Catalão: Modelo, 2005. p. 168-188.

COGO, Denise. **O Outro migrante: das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira.** Rio de Janeiro: Ciberlegenda, 2002.

COMPARATO, Bruno Konder. **Muros da vergonha.** In: *Discutindo Geografia.* Ano 3 n° 15. Escala Educacional. São Paulo, 2007.

DEUS, J. B. de. **O Sudeste Goiano e a desconcentração industrial.** Brasília: Ministério da Integração: Universidade Federal de Goiás, 2003.

DEUS, J. B. de. **As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais.** In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade.* Goiânia: IESA, 2002. p. 177-196.

ENZENSBERGER, H.M. **Guerra Civil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ESTEVAM, L. A. **Agricultura tradicional em Goiás.** In: Armantino Alves Pereira. (Org.). *Agricultura de Goiás.* 1 ed. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás.** Goiânia: Ed. do Autor, 1998.

ESTEVAN, L. A. **Economia Política em Goiás.** In: *Estudos:* revista da Universidade Católica de Goiás. Vol. 27, n. 3. Goiânia: UCG, 2000.

FERREIRA, Mario César & ROSSO, Sadi Dal. **A Regulação Social do Trabalho.** Brasília: Paralelo 15, 2003.

FORRESTER, Viviane. **Uma estranha ditadura.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos.** In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas,* Brasil 2000 / Coordenadora Mary Garcia Castro. – Brasília: CNPD, 2001.

GARCÍA CANCLINE, Nestor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **América Latina entre Europa y Estados Unidos: mercado e interculturalidade.** Halle (Alemanha), 1998. (Conferência apresentada no II Congresso Europeu de Latino-Americanistas), p. 35.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital.** Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GOMES, H; TEIXEIRA NETO, A; BARBOSA, A. S. **Geografia: Goiás / Tocantins.** 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: UFG, 2005.

GOMES, Horieste (Org.). **O Espaço Goiano: Abordagens Geográficas. Goiânia: AGB-Goiânia, 2004.**

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HUGON, Paul. **Demografia Brasileira: ensaio de demoeconomia brasileira.** São Paulo, Atlas 1977.

MARTINE, George. **A Globalização inacabada.** In: *Travessias na de\$ordem global. Fórum social das migrações.* São Paulo: Paulinas, 2005.

MARTINS, J.S. **A Sociedade Vista do Abismo – Novos estudos sobre exclusão, porea e classes sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, J.S. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade.** São Paulo: Paulos, 1997.

MASSEY, D. S. **Return to aztlán.** Los Angeles: University of California Press, 1977.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Presidente Prudente, 2001.

MENEZES, Cláudia. **A Mudança: Análise da Ideologia de um Grupo de Migrantes**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Movimento e Políticas Migratórias em Perspectiva Histórica: um Balanço do Século XX**. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*, Brasil 2000 / Coordenadora Mary Garcia Castro. – Brasília : CNPD, 2001.

MORAES, R. de S. **As formas contemporâneas da captura capitalista do território goiano**. In: CHAVEIRO, E. F. (Org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla dimensão Socioespacial*. Catalão: Modelo, 2005. p. 13-45.

MORAIS, R.S. **A Câmera Escura: Gestão Territorial e as Novas Territorialidades em Goiás**. Goiânia-GO Dissertação de Mestrado em: Geografia, 2004.

PABLO A. de la Veja M. **El Papel de la Sociedad Civil**. La Insígnia: Ecuador, agosto del 2005.

PEBART, Peter Pál. **Vida Capital - ensaios de biopolítica**. ILUMINARAS, São Paulo: 2003.

CHAVEIRO, Eguimar F. e CALAÇA, Manoel - **A leitura demográfica do cerrado goiano**, 2002, Goiânia (Prelo na UCG).

PELIANO, José Carlos. **Acumulação de trabalho e mobilidade do Capital**. Brasília: Editora UNB, 1990.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo; Hackers, 1999.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguimento de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, G.L. **O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco**. In: REIS, R.; SALES, T. (Org.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ROSSO, Sadi Dal. Flextempo – **Flexibilização da Jornada à Brasileira**. In: FERREIRA, Mario César & ROSSO, Sadi Dal. *A Regulação Social do Trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2003.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

SALES, Teresa. **ONGs Brasileiras em Boston**. Estudos Avançados. São Paulo, Ago. 2006, vol. 20 no. 57. p.55-58. ISSN 0103-4014.

SANTOS, M. **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço – Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SASAKI, Elisa. **A Imigração para o Japão**. Estudos Avançados. São Paulo, Ago. 2006, vol. 20 no. 57. p.55-58. ISSN 0103-4014.

Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. *Anuário Estatístico do Estado de Goiás – 2003*. Goiânia: SEPLAN, 2003.

Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. *Anuário Estatístico do Estado de Goiás – 2005*. Goiânia: SEPLAN, 2006

SILVA, E.R. da. **A Economia Goiana no Contexto Nacional: 1970-2000**. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado em: Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, 2002.

SOARES, B. R; BESSA, K. C. F. O. **As novas redes do cerrado e a realidade urbana brasileira.** In: *Boletim Goiano de Geografia* / Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Curso de Geografia. Goiânia: UFG, vol. 19, n. 2, jan./dez. 1999. p.11-34.

TORRE, Ulisses DE LA. **Emigração: Dinheiro sem Fronteiras.** La Insígnia: Ecuador, agosto del 2005.

VIANA, N.S. **Capitalismo e Racismo.** Goiânia: 2001.

VIANA, N.S. Lutas **Sociais e Regulação do Trabalho Feminino no Capitalismo.** In: FERREIRA, Mario César & ROSSO, Sadi Dal. A Regulação Social do Trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2003.

VIANA, N.S. **O Significado Histórico do Toyotismo. Goiânia.** In: Teoria Critica da Sociedade N° 02,CEPS, Goiânia, 2001.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População.** Rio de Janeiro, ZAHAR, 1969.